

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS LINGUÍSTICOS

GUILHERME MOSSINI MENDEL

**OS SENTIDOS ARGUMENTATIVOS DA PALAVRA
“HOMEM” EM LETRAS DE MÚSICAS DE BANDAS
PUNK DOS ANOS 80**

PASSO FUNDO-RS

2012

GUILHERME MOSSINI MENDEL

**OS SENTIDOS ARGUMENTATIVOS DA PALAVRA
“HOMEM” EM LETRAS DE MÚSICAS DE BANDAS
PUNK DOS ANOS 80**

Dissertação apresentada como quesito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Área de Concentração – Estudos Linguísticos, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Telisa Furlanetto Graeff

PASSO FUNDO-RS

2012

CIP – Catalogação na Publicação

- M537o Mendel, Guilherme Mossini
Os sentidos argumentativos da palavra “homem” em letras
de músicas de bandas punk dos anos 80. – 2012.
114 f. ; 30 cm.
- Orientação: Prof^a Dra. Telisa Furlanetto Graeff.
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo
Fundo, 2012.
1. Semântica. 2. Punks. 3. Análise do discurso. I. Graeff,
Telisa Furlanetto, orientadora. II. Título.

CDU: 800.85

Aos meus pais, por acreditarem na minha capacidade.

Ao meu irmão, a quem admiro muito.

À Ediane, pelo intenso apoio e pela sincera compreensão.

À minha orientadora, Telisa Furlanetto Graeff,
pessoa especialíssima,
que emana ensinamentos.

“Nós estamos aqui para revolucionar a MPB.
Pra pintar de negro a asa branca, atrasar o trem
das onze, pisar nas flores do Geraldo Vandré e
fazer da Amélia uma mulher qualquer.”

(Clemente Tadeu Nascimento)

RESUMO

Esta pesquisa foi realizada com o objetivo de descrever quais são os sentidos argumentativos da palavra “homem” em letras de músicas de bandas *punk* dos anos 80 e, a partir disso, verificar se são semelhantes, levando-se em conta que as canções foram elaboradas no mesmo momento histórico, ou se são diferentes. Como consequência dessa questão, pretendeu-se chegar à visão de mundo desses grupos musicais, verificando especialmente se eles eram apenas jovens revoltados contra tudo e contra todos ou se realmente tinham algo a acrescentar na conscientização social e política dos brasileiros. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é, em termos gerais, compreender os sentidos argumentativos de palavras e enunciados por meio das ferramentas interpretativas proporcionadas pelas pesquisas em semântica argumentativa praticadas por Oswald Ducrot e Marion Carel, de modo a aprimorar a eficácia da leitura. Para conseguir cumprir o que foi proposto, foi escolhido como procedimento investigativo a pesquisa em livros, em *sites* da *internet*, em álbuns das bandas daquela época, em vídeos históricos, procurando um material o mais coerente possível, tendo em vista que o Movimento *Punk* sempre esteve aquém da cultura noticiada e documentada. Inicialmente, fez-se uma pesquisa sobre o contexto sociopolítico brasileiro no qual surgiram os grupos de *Punk Rock* e, em seguida, realizou-se uma investigação a respeito da história do Movimento *Punk* no mundo e no Brasil. No que concerne ao *Punk* internacional, foram considerados os dois principais polos de surgimento e organização do movimento: EUA e Reino Unido, já que ambos serviram como exemplos à ideologia e às práticas dos *punks* de outras nacionalidades. Posteriormente, então, a Teoria dos Blocos Semânticos foi aplicada em oito canções, de quatro artistas diferentes, de regiões diversas do país, de modo a encontrar e caracterizar os sentidos dados à palavra “homem” por esses jovens, atingindo as metas desse trabalho. Assim, os resultados obtidos da análise do *corpus* são basicamente estes: algumas bandas falam do “homem” como indivíduo do sexo masculino, tratando de assuntos mais ligados a esse gênero (entre eles, a influência da experiência nas relações amorosas, a pressão sobre o homem para ser forte, não chorar, saber lidar com qualquer situação); e outras tratam do “homem” em relação à raça humana, caracterizando-o como orgulhoso, ganancioso e imprudente. Por fim, constatou-se, durante o processo de elaboração deste texto monográfico, que os *punks* não eram somente adolescentes revoltados contra tudo e contra todos. Em suas músicas, eles trouxeram ricas reflexões sobre questões sociais importantes, como: o êxodo rural, o desmatamento, a ganância, a corrupção, a desigualdade social, o descaso com o meio ambiente, o desemprego, o preconceito, as guerras, entre outras. Os músicos *punk* não contavam com o apoio de grandes gravadoras, para que seu trabalho chegasse com qualidade à maioria do público. Contudo, sua pretensão artística maior era (e continua sendo) fazer parte de uma contracultura, distante das amarras alienantes do Sistema. Desse modo, “arregaçavam as mangas” e participavam de todas as etapas de qualquer atividade que se dispunham a fazer. É de crer que, caso mais pessoas pudessem ouvi-la, a música *punk* contribuiria para a construção de uma sociedade mais crítica, justa e consciente.

Palavras-chave: Semântica Argumentativa. Blocos Semânticos. Movimento *Punk*.

ABSTRACT

The present research has the following purposes: to describe the argumentative meanings of the word “man” in 80’s brazilian *punk* songs lyrics and, from this, to verify they are similar, because the songs were composed in the same historical context, or they are different. With this first investigation, we intend knowing these group’s worldview, checking especially if they were just young rebels against everything and everyone or if they really had something to add in social and political awareness of the Brazilians. Therefore, the general objective of this work is to understand the argumentative meanings of words and sentences by the Oswald Ducrot and Marion Carel’s theory of argumentation within language interpretative instruments, to improve the student’s efficiency in reading. To be able to fulfill what was proposed was chosen as the research investigative procedure in books, websites, those groups’ albums, videos and documentaries, looking for a material as consistent as possible, given that punk always culture was lower than reported and documented. Initially, it was a research on the socio-political context in which emerged the Brazilian punk rock groups, and then held a research about the history of the punk movement in the world and in Brazil. Regarding the international Punk, we considered the two main poles of the appearance and organization of the movement: U.S. and UK, both of which served as examples to the ideology and practices of the punk of other nationalities. Later, then, the Semantic Blocks Theory was applied in eight lyrics. These lyrics were composed by four different artists from various regions of the country, in order to find and characterize the argumentative meanings of the word "man", meeting the objective of this work. Thus, the results obtained from the analysis of the corpus are basically these: some bands speak of "man" as the male, dealing with issues related to this genre (including the influence of experience in relationships, the pressure on the man to be strong, for example), and others deal with "man" in relation to the human being, characterizing him as proud, greedy and reckless. Finally, the punks were not just angry teenagers against everything and everyone. In their music, they brought rich reflections on important issues such as: rural migration, deforestation, greed, corruption, social inequality, neglect of the environment, unemployment, prejudice, wars, among others. They didn’t have the backing of major labels for his work to come to most of the public. However, their greatest artistic intention was (and remains) to make a subculture, far from the shackles of alienating system. Thus, they participated in all stages of any activity that they were willing to do. And if more people could hear them, their art would help to build more critical, fair and conscientious society.

Keywords: Argumentative Semantics. Semantic Blocks. Punk Movement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO DO SURGIMENTO DO MOVIMENTO <i>PUNK</i>	12
2 O MOVIMENTO <i>PUNK</i> NO MUNDO E NO BRASIL	25
2.1 O MOVIMENTO <i>PUNK</i> NO MUNDO: SURGIMENTO, MOTIVAÇÕES E REPRESENTANTES	26
2.2 O MOVIMENTO <i>PUNK</i> NO BRASIL: SURGIMENTO, MOTIVAÇÕES E REPRESENTANTES	33
3 BREVE PERCURSO DOS ESTUDOS SOBRE A ARGUMENTAÇÃO, DISTINÇÃO ENTRE ARGUMENTAÇÃO RETÓRICA E LINGUÍSTICA	38
3.1 BREVE PERCURSO DOS ESTUDOS SOBRE A ARGUMENTAÇÃO	38
3.2 DISTINÇÃO ENTRE ARGUMENTAÇÃO RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA	42
4 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA	46
4.1 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA – FORMA <i>STANDARD</i>	46
4.2 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO DA LÍNGUA – FORMA AMPLIADA PELA NOÇÃO DE POLIFONIA E DE <i>TOPOS</i>	48
4.2.1 A Teoria Polifônica da Enunciação	48
4.2.2 A Teoria dos <i>Topoi</i>: conceitos básicos e funcionamento na ADL	53
4.3 A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS	57
4.4 A REVISÃO DA TEORIA POLIFÔNICA DA ENUNCIÇÃO	69
5 METODOLOGIA	75
5.1 SELEÇÃO DO <i>CORPUS</i>	75

5.2 PROCEDIMENTOS	76
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	77
6.1 CAMISA DE VÊNUS (SALVADOR/BA)	77
6.1.1 História	77
6.1.2 Apresentação e análise das letras selecionadas	78
6.1.2.1 <i>Homem não chora</i>	78
6.1.2.2 <i>Homem forte</i>	82
6.2 CÓLERA (SÃO PAULO/SP)	85
6.2.1 História	85
6.2.2 Apresentação e análise das letras selecionadas	87
6.2.2.1 <i>Distúrbios</i>	87
6.2.2.2 <i>Presídio Zoo</i>	89
6.3 OS REPLICANTES (PORTO ALEGRE/RS)	92
6.3.1 História	92
6.3.2 Apresentação e análise das letras selecionadas	93
6.3.2.1 <i>Só mais uma chance (Pin-up)</i>	93
6.3.2.2 <i>A vida começa aos 30</i>	95
6.4 PLEBE RUDE (BRASÍLIA/DF)	97
6.4.1 História	97
6.4.2 Apresentação e análise das letras selecionadas	98
6.4.2.1 <i>A Serra</i>	98
6.4.2.2 <i>Aurora</i>	102
6.5 CONSTATAÇÕES PÓS-ANÁLISES	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS	110
REFERÊNCIAS COMENTADAS	112

INTRODUÇÃO

O foco central desta dissertação é a descrição dos sentidos argumentativos da palavra “homem” presentes em músicas de bandas *punk* dos anos 80. O Movimento *Punk* brasileiro surgiu nos últimos anos da Ditadura Militar e, através de suas manifestações (composições musicais, revistas artesanais, visual transgressivo, pichações de protesto e adesivos e *bottons*¹ com mensagens engajadas, etc.), os jovens pertencentes a esses grupos chamavam a atenção da população para questões políticas, econômicas e sociais do país naquela época. Predominantemente empregados em postos de trabalho mal-remunerados, os componentes do Movimento *Punk* lutavam abertamente contra a vigilância das autoridades, a falta de empregos, as más condições de vida na periferia, a opressão militar, entre outros problemas sociais.

Optou-se por trabalhar com músicas de bandas *punk* dos anos 80, porque esse *corpus* pode ajudar as pessoas a entenderem melhor o que se passou num momento histórico em que as informações eram manipuladas por meio de censura e controle de difusão, pois, como os *punks* tinham ousadia para dizer o que realmente pensavam, sem medo da repressão, e julgavam o mundo do lado menos favorecido da sociedade, a arte desses jovens pode dar algumas pistas do que se passou no meio socioeconômico e político daquele período. Além disso, acredita-se que essa investigação instiga mais pesquisadores a estudarem sobre o Movimento *Punk*, que até hoje é tratado com desinteresse e preconceito pela sociedade.

Os objetivos deste trabalho são, em termos gerais, compreender os sentidos argumentativos de palavras e enunciados, por meio das ferramentas interpretativas proporcionadas pelas pesquisas em Semântica Argumentativa praticadas por Oswald Ducrot e Marion Carel, de modo a aprimorar a eficiência da leitura; e, mais especificamente, pretende-se descrever quais são os sentidos argumentativos da palavra “homem” em letras de músicas das bandas *punk* dos anos 80. A partir disso, deseja-se verificar se esses sentidos são semelhantes, considerando que as canções foram elaboradas no mesmo momento histórico, ou

¹ Um tipo de broche artesanal.

se são diferentes. E, como consequência dessa primeira investigação, podem ocorrer evidências que encaminhem à identificação da visão de mundo dessas bandas.

Perante os objetivos elencados, as hipóteses que surgem são: os sentidos argumentativos da palavra “homem” são semelhantes, tendo em vista que a Ditadura Militar se estendeu por todos os lugares do país, trazendo consequências para todas as regiões? Os sentidos argumentativos da palavra “homem” são diferentes, pois cada região tem as suas particularidades, independentemente do regime vigente na nação?

Como constituintes do *corpus* para a pesquisa, foram escolhidas oito (8) músicas compostas por quatro (04) bandas *punk* de diferentes regiões, sendo que cada banda contará com duas canções. As bandas que terão suas músicas estudadas são: Camisa de Vênus (BA), Cólera (SP), Os Replicantes (RS) e Plebe Rude (DF). As músicas foram escolhidas aleatoriamente, sendo as selecionadas: “Homem não chora” e “Homem forte”, do Camisa de Vênus; “Distúrbios” e “Prezídio Zoo”, do Cólera; “Só mais uma chance (Pin-up)” e “A vida começa aos 30”, de Os Replicantes; “A serra” e “Aurora”, da Plebe Rude.

Para cumprir com as metas propostas e confirmar as hipóteses acima, será realizada uma pesquisa em livros e outros materiais que argumentem sobre o regime militar brasileiro e sobre o surgimento e o desenvolvimento do Movimento *Punk* no Brasil e no mundo. E, para fundamentar a teoria utilizada nas análises, será usada como base teórica a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), proposta por Marion Carel em 1992. A TBS é a última versão da Teoria da Argumentação na Língua (ADL), apresentada pelos também franceses Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre em 1983, na obra “Teoria da Argumentação na Língua”, e ampliada em 1990, na obra “Polifonia e argumentação”.

Em 1990, a ADL foi concebida em seu modelo *standard*. Já naquele momento, Ducrot e Anscombre tinham em mente a premissa que norteia seus estudos até hoje: o sentido é argumentativo. Assim, contrariam a concepção tradicional de sentido, que separa o aspecto objetivo (denotativo) dos aspectos subjetivo e intersubjetivo (conotativos), colocando que a linguagem comum não possui objetividade. Por isso, reúnem os aspectos subjetivo e intersubjetivo em um só conceito, o de valor argumentativo, visto como o conjunto de

possibilidades ou impossibilidades de continuação discursiva que o emprego de uma palavra determina.

Quando foi ampliada, em 1990, a ADL passou a contar com as diretrizes de duas outras teorias formuladas por Ducrot e Anscombre: a Teoria da Polifonia – na qual são expostas as noções de sujeito empírico, locutor e enunciador, bem como as posições do locutor frente aos pontos de vista do(s) enunciador(es) – e a Teoria dos *Topoi* – na qual é trabalhado o conceito de *topoi*, que são os diferentes pontos de vista dados pelos enunciadores postos em cena pelo locutor, responsável pelo enunciado.

Porém, como os *topoi* são buscados no senso comum, a ADL, ao inclui-los, renunciava ao princípio saussuriano segundo o qual a língua só pode ser estudada por ela mesma, o que representou um desvio de percurso, levando em conta que seus autores tentaram provar através dessa teoria que a argumentação é de ordem puramente linguística.

Desse modo, a tese da TBS lançada por Carel em 1992 retomaria o percurso ao propor que os encadeamentos argumentativos são constituídos por dois segmentos, sendo sua forma sempre do tipo X CONECTOR Y, considerando como conectores *donc* (que significa “portanto” em português) e *pourtant* (que significa “mesmo assim”). *Donc* (ou DC, na abreviatura) é o conector normativo e *pourtant* (ou PT) é o conector transgressivo.

Para finalizar, será considerada também a revisão da Teoria da Polifonia feita por Ducrot e Carel em 2006 (publicada somente em 2008 no Brasil), na qual os autores afirmam que o locutor tem três tipos de relação com os conteúdos argumentativos de um enunciado: põe (assume), concorda ou rejeita o conteúdo; determina a Pessoa (eu, tu, ele, Mundo, ON, que garante o conteúdo).

Em relação à organização das seções, este estudo apresenta seis seções. Na primeira, será apresentado o contexto sócio-histórico brasileiro do surgimento do Movimento *Punk*; na segunda, enfoca-se a história desse Movimento, tanto no mundo quanto no Brasil. Na terceira, trata-se do percurso dos estudos sobre a argumentação, situando-se a Teoria da Argumentação na Língua, distinguindo-a dos estudos da argumentação retórica. Na quarta seção, serão apresentadas as fases pelas quais a Teoria da Argumentação na Língua passou até o momento

atual. Na quinta seção, serão explicitados quais são os princípios e conceitos teóricos utilizados na análise do *corpus*, de modo a enumerar os pontos a serem observados e sob qual prisma. Na sexta, será feita a apresentação e a análise das letras de músicas selecionadas como *corpus* para este estudo, além de uma discussão argumentativa e polifônica das canções estudadas nesta pesquisa. Por fim, serão apresentadas as considerações finais, discorrendo a respeito de algumas conclusões a que se chegou, após o desenvolvimento desta dissertação, observando principalmente os objetivos estabelecidos e as hipóteses levantadas, de modo a examinar se foi satisfatoriamente realizado o que foi proposto na introdução.

1 CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO BRASILEIRO DO SURGIMENTO DO MOVIMENTO *PUNK*

Os objetivos deste capítulo são retomar os acontecimentos sociopolíticos brasileiros que ocorreram durante o surgimento do Movimento *Punk*, bem como aqueles que precederam esses fatos. Desse modo, como esse movimento foi originado na época do regime militar no país, realizou-se uma contextualização dos principais eventos ocorridos no decorrer da Ditadura Militar e daqueles que precederam o Golpe Militar de 1964, cuja consequência foi a implantação do referido regime, tendo em vista que as decisões políticas dos militares influenciaram decisivamente na vida das pessoas que fundaram o Movimento *Punk* no Brasil, principalmente em relação às escassas condições econômicas, à precária qualidade de vida, às reduzidas oportunidades de trabalho, à manipulação dos meios de comunicação, à repressão policial, entre outros fatores.

Foram utilizadas duas referências básicas para nortear a escritura desta seção: primeiramente, a obra “O regime militar brasileiro: 1964-1985”, do Prof. Dr. Marcos Napolitano, que faz um levantamento minucioso a respeito dos fatos que desencadearam e que aconteceram durante a ditadura, e, como referência de apoio, o livro “Uma Breve História do Brasil”, da Prof.^a Dr. Mary Del Priore e do Prof. Dr. Renato Venancio, cujo objetivo é a realização de uma retomada geral da História do Brasil. Optou-se por trabalhar prioritariamente com a primeira obra citada, uma vez que ela dá maiores detalhes sobre os acontecimentos, enquanto a segunda é mais sucinta. Por isso, esta foi utilizada para fins de complementação e confirmação de informações.

Em 1945, após a queda de Getúlio Vargas, teve início a democracia populista. Com isso, tinha-se um contexto de conflito de interesses entre as massas populares² (que tinham poder de voto) e as elites socioeconômicas (que tinham poder de mando no país). Havia um pacto político entre essas elites, cuja estratégia era dar voz ao povo, contudo, controlando as

² Del Priore e Venancio (2010, p. 262-263) caracterizam eleitores e candidatos na época, comentando que, após as reformas educacionais e a incorporação do voto feminino, o número de eleitores aumentou e mudou de perfil, apresentando-se cada vez mais urbano e, por conta disso, estavam gradativamente menos sujeitos aos coronéis. Os candidatos, por sua vez, não precisavam mais ser originários da elite agrária, mas precisavam ter carisma e representatividade junto aos trabalhadores, muitas vezes oferecendo favores e empregos em troca de votos.

ações das organizações populares. Tal controle era realizado pelos chefes políticos (máquinas partidárias, juntamente com o poder do Estado), os quais administravam o equilíbrio do sistema, proporcionando a manutenção do poder. (NAPOLITANO, 2009, p. 4-5).

Naquele momento, o país ainda vivia no embalo do varguismo, de ideário nacionalista, que prezava pela modernização industrial e pela autonomia política, promovendo a rápida industrialização, a aceleração do processo de urbanização e a ascensão social da classe média e do operariado. E, politicamente, a maior batalha era entre uma aliança feita pelo PSD (Partido Social Democrático), das elites agrárias, e pelo PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), dos setores populares, contra a UDN (União Democrática Nacional), das elites conservadoras, contrárias ao populismo. (NAPOLITANO, 2009, p. 4-5).

Desse modo, como aponta Napolitano (2009, p. 5-6), no período que vai de 1950 a 1961, há um conflito de interesses entre os fazendeiros e os industriais, ocasionando momentos de crise, com ameaça de golpe militar³ (tendo em vista que os militares já estavam de olho no poder). Além disso, com a Guerra Fria⁴, o Brasil, território de influência norte-americana, sobretudo por sua dependência econômica, estava sendo constantemente vigiado, tanto pelos políticos estadunidenses quanto pelos brasileiros de extrema-direita, os quais temiam que o país se tornasse uma nação socialista, fato que deixava o clima ainda mais tenso.

Por isso, ao final do mandato de Juscelino Kubitschek (1961), o país entrou em crise e o povo começou a pressionar o governo. Seu sucessor, Jânio Quadros⁵, renunciou oito meses após sua posse. João Goulart, o “Jango”, vice de Jânio, deveria assumir, conforme a Constituição. Porém, a elite conservadora, que via Leonel Brizola e João Goulart com

³ “[...] após 1945, as intervenções militares no sistema político não são um fato isolado, mas sim uma prática rotineira, que se repetirá em 1961, alcançando em 1964 o sucesso esperado. [...]” (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 267).

⁴ Guerra Fria foi o período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos (sistema capitalista) e a União Soviética (sistema socialista), estendendo-se do final da Segunda Guerra Mundial (1945) à extinção da União Soviética (1991). Em resumo, foi um conflito de ordem política, militar, tecnológica, econômica, social e ideológica entre as duas nações e suas zonas de influência.

⁵ “Conforme o presidente, no livro *História do povo brasileiro*, seu objetivo era forçar uma intervenção militar: ‘primeiro, operar-se-ia a renúncia; segundo, abrir-se-ia o vazio sucessório – visto que a João Goulart [...] não permitiriam as forças militares a posse, e, destarte, ficaria o país acéfalo; terceiro, ou bem se passaria a uma fórmula, em consequência da qual ele mesmo emergisse como primeiro mandatário, mas já dentro do novo regime institucional, ou bem, sem ele, as forças armadas se encarregariam de montar esse novo regime [...]’. O aprendiz de ditador fracassa devido à vacilação dos chefes militares. Instala-se, então, uma grave crise política, cujo desfecho tem uma data marcada: 31 de março de 1964.” (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 270).

desconfiança (por serem varguistas), impediu este último de assumir o poder, acusando-o de ser um nacionalista próximo da esquerda⁶. Em seguida, foi implementado o parlamentarismo no país. (NAPOLITANO, 2009, p. 6).

Assim, foi evitado um golpe já em 1961, embora Jango tenha tido de fazer algumas concessões políticas, como a adoção do parlamentarismo. Ou seja, boa parcela das prerrogativas do Poder Executivo foi transferida ao Congresso Nacional e ao presidente do Conselho de Ministros. Entretanto, o novo sistema, implementado às pressas, revelou-se um fracasso. (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 272).

No entanto, em janeiro de 1963, foi organizado um plebiscito que, além de restituir o poder a Jango, fez com que a população se mobilizasse em favor das Reformas de Base⁷, com o objetivo de garantir a continuidade do desenvolvimento econômico. (NAPOLITANO, 2009, p. 7).

Posteriormente, o PCB (Partido Comunista Brasileiro) passou a apoiar o PTB de Jango, atitude que foi muito malvista pelos setores mais conservadores da sociedade, como os latifundiários, banqueiros, industriais e empresários ligados às multinacionais, os quais já estavam receosos com o pedido das Reformas de Base e entenderam essa questão como a implantação do comunismo no território brasileiro. (NAPOLITANO, 2009, p. 7).

Então, o sucesso da Revolução Cubana, em 1959, tornou mais evidente ainda a ameaça socialista na América Latina e, com isso, os EUA aumentaram suas articulações para impedir a influência do socialismo em países aliados ao governo norte-americano. Assim, as correntes que defendiam a derrubada do governo pela força ganhavam cada vez mais adeptos,

⁶ “Os ministros militares se manifestaram contra a posse. Tal recusa, porém, estava longe de contar com o apoio unânime das forças armadas. Goulart foi eleito pelo voto direto, levando a ala legalista do Exército a se posicionar a seu favor. Explorando habilmente essa divisão, Leonel Brizola, que no início dos anos 1960 desponta como nova liderança nacional do PTB, consegue o apoio do III Exército. O então governador do Rio Grande do Sul cria a Rede da Legalidade, lançando, através dos meios de comunicação de massa, uma campanha nacional em defesa da posse do novo presidente.” (DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 271)

⁷ Conjunto de ações governamentais que deveriam promover as reformas agrária, urbana, fiscal, bancária, entre outras.

principalmente entre a classe média⁸, cujo maior medo era que o “comunismo” viesse junto com as Reformas. (NAPOLITANO, 2009, p. 7-8).

Portanto, Jango estava enfraquecido pela conspiração e pelos seus limites. Apesar disso, a equipe do governo e seus aliados de esquerda esperavam reverter a crise política e fortalecer o presidente. Desse modo, em 13 de março de 1964, foi organizado o Comício da Central do Brasil, a que compareceram mais de 300.000 pessoas. Nesse evento, Jango prometeu a execução das Reformas de Base e a convocação de uma Assembleia Constituinte, o que a oposição enxergou como “golpe”. Contudo, o governo dizia dispor de um “dispositivo militar” de defesa caso ocorresse um golpe de Estado patrocinado pela direita. (NAPOLITANO, 2009, p. 10).

Em contrapartida ao Comício da Central do Brasil, a Igreja Católica e a oposição política organizaram no dia 19 de março de 1964, em São Paulo, a “Marcha com Deus pela Família”, cujo público foi de aproximadamente 400.000 pessoas. Napolitano (2009, p. 10) completa que: “[...] Um dia depois era dada a senha para o golpe por parte do próprio chefe do Estado-Maior do Exército, general Humberto de Alencar Castelo Branco, que procurou dar-lhe uma fachada legalista.”

Por sua vez, Jango foi do Rio de Janeiro para Brasília e, em seguida, para o Rio Grande do Sul, de onde partiu para o Uruguai, no dia 4 de abril, para exilar-se, sem apresentar resistência alguma, nem qualquer tipo de “dispositivo militar”, numa articulação minuciosamente detalhada por Napolitano (2009, p. 12):

Do Rio de Janeiro, Jango foi para Brasília, deixando a capital federal algumas horas depois. Rumou, então, para o Rio Grande do Sul, sua principal base política e militar, mas facilitou a armadilha golpista, já articulada com o presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli. No dia 2 de abril, Mazzilli seria empossado como presidente da República, estando Goulart ainda em território nacional. Em 19 de abril, o Congresso havia aprovado a declaração de vacância da Presidência da República, com apoio de parte do PSD, antigo aliado do PTB de Jango. [...]. Boa parte da imprensa apoiou o golpe. Os casos mais famosos foram os dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Tribuna da Imprensa*, esse último de Carlos Lacerda. Ambos não só apoiaram como também tomaram parte na conspiração golpista, ao ajudar a desestabilizar e a desgastar a imagem do governo, com a publicação de notícias

⁸ Napolitano (2009, p. 7-8) comenta, inclusive, que: “[...] esse conservadorismo da classe média será um dos pilares de apoio do golpe que logo ocorreria.”

negativas. Além da articulação interna, o golpe também foi apoiado pelos Estados Unidos, que chegaram a preparar uma operação de apoio militar, em caso de resistência – a “operação *Brother Sam*”.⁹

Os principais envolvidos no golpe militar brasileiro foram altos oficiais militares, parlamentares civis sem expressão popular, administradores tecnocratas, além de alguns líderes carismáticos, por exemplo, Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, Ademar de Barros. Porém, estes últimos foram sendo enxotados do poder, até o momento em que foram cassados de vez, já que a preferência para ocupar os principais cargos era dos generais de alta patente. (NAPOLITANO, 2009, p. 14).

Durante a primeira quinzena de governo, os militares procuraram criar uma base institucional ao novo regime, de modo a legitimá-lo. Também, teve início a perseguição aos membros mais “ameaçadores” do antigo governo, bem como a simpatizantes do Partido Comunista. Quem comandava o país naquele momento era uma junta militar, autointitulada de “Supremo Comando da Revolução”, formada pelo marechal Artur da Costa e Silva, pelo tenente-brigadeiro Francisco de Assis Corrêa de Melo e pelo vice-almirante Augusto Rademaker. (NAPOLITANO, 2009, p. 14).

Após, em 9 de abril de 1964, o Congresso Nacional elegeu, com 361 votos, o novo presidente do Brasil, marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, chefe do Estado-Maior do Exército do governo deposto. Napolitano (2009, p. 15-16) explica como se deu essa escolha:

As promessas de que o novo governo seria apenas uma solução passageira, para limpar o país da corrupção, da subversão e retomar o crescimento econômico, fizeram de Castelo Branco o nome mais aceitável pelas elites políticas e econômicas que apoiaram o golpe. [...]. A não extinção dos partidos políticos e a manutenção do Congresso e da Constituição de 1946 criavam uma fachada legalista, importante perante a opinião pública.

⁹ Sobre esse episódio, Del Priore e Venancio (2010, p. 277) argumentam que: “De fato, o Golpe Militar de 1964 pode ser acusado de muitas coisas, menos de ter sido uma mera quartelada. Havia muito, tal intervenção era discutida em instituições, como a Escola Superior de Guerra (ESG), criada em 1948, ou o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (Ipês), fundado em 1962 por lideranças empresariais. Outro indício de que o golpe vinha sendo tramado havia tempos ficou registrado nos documentos da operação ‘Brother Sam’, através da qual se prevê, caso houvesse resistência, que o governo norte-americano ‘doaria’ 110 toneladas de armas e munições ao Exército brasileiro. [...]”

No mesmo dia em que Castelo Branco foi eleito, entrou em vigor o Ato Institucional nº. 1. Elaborado por Francisco Campos, o AI-1 deveria vigorar até 31 de janeiro de 1966 e estabelecia medidas de controle da sociedade e dos poderes públicos por parte do Executivo: poder de cassar direitos políticos, concessão de plenos poderes à polícia, controle do Congresso Nacional. Essa resolução também marcava a data das eleições que se seguiram, 3 de outubro de 1965, as quais acabaram não acontecendo. (NAPOLITANO, 2009, p. 16).

As prioridades econômicas do governo Castelo Branco eram: conter a inflação através do controle dos custos de produção, sobretudo barateando a mão de obra; devolver ao Estado a capacidade de investimento em infraestrutura produtiva, mexendo nas finanças públicas e nos tributos; e renegociar a dívida externa, objetivando a obtenção de novos empréstimos. (NAPOLITANO, 2009, p. 17).

No período do governo Castelo Branco, foram criadas algumas propostas que vigoram até hoje no Brasil, como o Banco Nacional de Habitação¹⁰ e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, como argumenta Napolitano (2009, p. 17-18):

Para viabilizar uma política de moradias populares, foi criado, em abril de 1964, o Banco Nacional de Habitação (BNH), complementado mais tarde (1966) pelo Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), que servia, ao mesmo tempo, como uma fonte de financiamento para a construção de casas populares e um fundo de pecúlio para o trabalhador, resgatável no caso de demissão sem justa causa. Na prática, o FGTS foi um importante instrumento de barateamento de mão de obra, facilitando o processo de demissão de trabalhadores.

Descontentes, os sindicatos trabalhistas e os universitários começaram a se manifestar contra os militares. Por isso, vários líderes sindicais foram presos, sob a acusação de serem “subversivos”, e foi criada a Lei Suplicy¹¹, em 9 de novembro de 1964, que dava ao Estado poderes sobre os DAs e DCEs, além de substituir os Grêmios Livres das escolas por Centros Cívicos controlados pela diretoria das instituições. (NAPOLITANO, 2009, p. 18-19).

¹⁰ Extinto em 1986, quando foi repassado à Caixa Econômica Federal.

¹¹ Referente a Flávio Suplicy de Lacerda, reitor da Universidade do Paraná, conservador.

Foi naquela época que ocorreram importantes mudanças na educação, cujos efeitos influenciam o ensino até hoje, por seu objetivo primordial de formar trabalhadores, e não pensadores, como aponta Napolitano (2009, p. 19):

[...] o governo propôs, em junho de 1965, uma reforma universitária, fruto do acordo com uma agência educativa norte-americana, a United States Agency for International Development (USAID). O Acordo MEC-USAID, como ficou conhecido, encerrava uma concepção de educação e universidade que enfatizava a *tecnicização* do aprendizado, fragmentária e específica, destinada prioritariamente às necessidades de mão de obra do mercado, com pouco espaço para formulações intelectuais mais críticas.

Concomitantemente, o governo passou a estimular a privatização do ensino superior para aumentar o número de vagas, o que incentivou fundações privadas a abrir faculdades. A partir disso, muitas das universidades que existem atualmente surgiram das faculdades estabelecidas naquele momento. (NAPOLITANO, 2009, p. 19).

Posteriormente, em 27 de outubro de 1965, entrou em vigor o AI-2, com as metas de inutilizar a oposição e atender às pressões da “linha dura” militar, levando os militares a obterem o controle do processo político-eleitoral de 1966 no que tange aos governos estaduais. Além disso, foram legalizados apenas dois partidos, a Aliança Renovadora Nacional (Arena) – governista – e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – uma oposição limitada, podada. (NAPOLITANO, 2009, p. 20).

Em seguida, em março de 1966, foi baixado o AI-3, desenvolvido para complementar o anterior. Esse ato estabeleceu eleições indiretas para governadores. E, para cortar ainda mais a liberdade de expressão, foram criadas duas leis: a Lei de Imprensa, de fevereiro de 1967, e a Lei de Segurança Nacional, de março de 1967. (NAPOLITANO, 2009, p. 21).

Revoltado, o movimento estudantil realizou, em 22 de setembro de 1966, o Dia Nacional da Luta Contra a Ditadura, que gerou violentos conflitos com a polícia. Assim, como complementa Napolitano (2009, p. 24): “[...] Daí até o final de 1968, o movimento estudantil se tornaria o grande ator político da oposição, atuando como protagonista em vários

protestos de rua, além de fornecer o maior número de voluntários para os movimentos guerrilheiros que então se organizavam para combater o regime.”

Alguns meses depois, em dezembro, foi lançado o AI-4, outorgando uma nova Constituição Federal, cujos desígnios proporcionavam maior poder por parte do Poder Executivo. (NAPOLITANO, 2009, p. 23-24).

No ano seguinte, mais especificamente no dia 15 de março de 1967, o marechal Artur da Costa e Silva foi empossado como o novo presidente da República. Ele foi considerado mais nacionalista e menos ligado à política externa norte-americana. E, sob o comando de Delfim Netto, a economia brasileira primou pelo desenvolvimento econômico, o qual tinha como diretrizes a expansão do crédito para o consumo, facilitado pelos juros baixos no mercado financeiro internacional, e o controle dos preços básicos e dos salários. (NAPOLITANO, 2009, p. 27).

Nessa época, os partidos de esquerda e os grupos revolucionários aumentaram a sua ação. Entre eles, podem-se citar o PCB, de Luís Carlos Prestes, cuja fragmentação gerou a Ação Libertadora Nacional (ALN), de Carlos Marighela, e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB); o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR); o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8); e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), de Carlos Lamarca. Esses grupos revolucionários provocavam assaltos a bancos para angariar fundos para a guerrilha e sequestravam diplomatas estrangeiros. (NAPOLITANO, 2009, p. 28).

No ano de 1968, as manifestações se acentuaram e a repressão se tornou mais brutal. Um dos maiores eventos de protesto ocorreu em 26 de junho de 1968, que foi a “Passeata dos Cem Mil”, a qual contava com políticos, artistas, intelectuais, trabalhadores e estudantes entre os participantes. (NAPOLITANO, 2009, p. 31-32).

Em contrapartida, para conter mais ainda a população, os militares instauraram, em 13 de dezembro de 1968, o AI-5, o mais repressor de todos os Atos Institucionais, determinando a cassação generalizada de parlamentares e cidadãos, a suspensão do *habeas corpus* de presos políticos, o reforço à centralização do poder no Executivo federal e a permissão à decretação

de estado de sítio. Além disso, estabeleceram, em 1969, a censura prévia perante os meios de comunicação e os produtos culturais em geral. (NAPOLITANO, 2009, p. 33).

Em seguida, após a doença e o conseqüente afastamento de Costa e Silva, uma junta assumiu o poder até a posse definitiva do novo presidente eleito, Emílio Garrastazu Médici, responsável pelos chamados “anos de chumbo”. (NAPOLITANO, 2009, p. 34).

A partir daí, o governo decidiu seguir à risca a Doutrina de Segurança Nacional, cujos preceitos afirmavam que qualquer cidadão era passível de ser acusado de “subversão”, podendo ser detido, torturado e morto com base em uma simples suspeita. Aqueles que exerciam profissionalmente qualquer atividade de pensamento (professores, jornalistas, artistas, estudantes) eram os mais vigiados, embora a repressão mais violenta tenha recaído sobre os guerrilheiros de esquerda. (NAPOLITANO, 2009, p. 35).

O governo Médici foi responsável também pelo “milagre econômico” (ou “milagre brasileiro”, em que o crescimento econômico do país crescia cerca de 10% ao ano. A indústria de bens duráveis foi muito incentivada durante aquele período, tendo sido fomentada por uma política de crédito fácil, juros baixos, que transformou a classe média numa grande consumidora. Para que o Brasil, um país emergente, mantivesse essa taxa de crescimento, o Ministro da Fazenda, Delfim Netto, utilizou-se de empréstimos estrangeiros e de arrocho salarial. Isso causou o aumento da inflação e a piora da qualidade de vida da população de baixa renda. Ainda, a mecanização no campo foi incentivada, causando um excedente de mão-de-obra agrícola e, conseqüentemente, a ampliação do problema do êxodo rural. (NAPOLITANO, 2009, p. 43).

Por isso, como discorre Napolitano (2009, p. 43-44):

Quando os ideólogos do regime militar se vangloriavam de ter alçado o Brasil à condição de décima potência capitalista do planeta, omitiam o fato de que, no mesmo período, o país passava a ocupar os últimos lugares entre os indicadores de qualidade de vida da população (acesso à saúde, concentração de renda, mortalidade infantil, etc.). [...]

Para confirmar a prosperidade do país diante da população, os militares vincularam suas conquistas econômicas à da Copa do Mundo de Futebol de 1970. E, frente a isso, a oposição e imprensa nada podiam fazer para “acordar” a população, já que eram ferrenhamente vigiadas. Era o país do “Brasil, ame-o ou deixe-o.”, frase divulgada como *slogan* oficial do governo Médici. (NAPOLITANO, 2009, p. 44).

Contudo, apesar da repressão inviolável, muitos artistas populares, sobretudo ligados à música, e a imprensa alternativa driblavam a ditadura e os censores com muita criatividade. Escreviam textos que denunciavam implicitamente os abusos, mandos e desmandos dos militares e conseguiam levar a sua mensagem à população – pelo menos àquele contingente que tinha capacidade de interpretá-la. Dentre os músicos, estão Chico Buarque de Holanda, Ivan Lins, Vitor Martins, Gonzaguinha, João Bosco, Aldir Blanc, Milton Nascimento e Elis Regina, por exemplo. E, entre os órgãos de imprensa, podem ser citados os jornais *O Pasquim*, *Movimento*, *Opinião* e *Em Tempo*. (NAPOLITANO, 2009, p. 45-47).

Em 1974, o general Ernesto Geisel assumiu a Presidência da República. Esse novo governo tinha quatro objetivos: manter o apoio da maioria dos militares, controlar os subversivos e a oposição, instaurar uma democracia restrita e controlada, bem como conservar as altas taxas de crescimento. Esses eram os alicerces do projeto de “distensão” do regime militar, comandado pelo presidente e por Golbery do Couto e Silva. (NAPOLITANO, 2009, p. 52-53).

Geisel começou suavizando a censura: os grandes jornais foram liberados, permanecendo apenas a censura aos pequenos órgãos, como *O Pasquim*, *O São Paulo*, dentre outros, além da já conhecida censura às obras de arte, como música, cinema, teatro. Com isso, a oposição começou a ganhar espaço, conseguindo votações expressivas nas eleições de 1974. Descontentes, militares de linha dura começaram a atacar clandestinamente membros da esquerda, por exemplo, o jornalista Wladimir Herzog, assassinado nas dependências do DOI-Codi, em São Paulo, em 27/10/1975. O governo alegou que Herzog havia se suicidado, mas ninguém acreditou nisso. Revoltada, a sociedade civil organizou muitos protestos e manifestações contra a repressão; contudo, outras pessoas apareceram mortas após interrogatórios. (NAPOLITANO, 2009, p. 55-59).

Preocupado com a ascensão da oposição e com o processo eleitoral de 1978, o governo desenvolveu, em abril 1977, o chamado “pacote de abril”, que estendia o mandato do presidente de cinco para seis anos, instituía eleições indiretas para governadores de Estados, designava que um terço dos senadores seria nomeado pelo presidente, entre outras medidas. Além disso, foi decretada a “Lei Falcão”¹², cuja aplicação proibia o acesso da oposição à TV. (NAPOLITANO, 2009, p. 62).

Em 1978, Geisel acabou com a vigência do AI-5. Porém, continuaram acontecendo um elevado número de greves pesadas e bem organizadas, principalmente no ABC paulista, as quais eram fortemente reprimidas. (NAPOLITANO, 2009, p. 68-77).

Posteriormente, dentro da sua política de abertura, os militares promulgaram uma lei, em agosto de 1979, prescrevendo a maioria dos crimes e delitos cometidos entre 1964 e 1979, tanto por subversivos quanto por agentes das forças de segurança. Desse modo, os exilados conseguiram retornar ao país, como Leonel Brizola, Miguel Arraes e Luis Carlos Prestes. (NAPOLITANO, 2009, p. 80) Além disso, em novembro, foi aprovada uma nova legislação partidária, encerrando o bipartidarismo – numa estratégia bem arquitetada visando a fragmentar a oposição. Então, a Arena se tornou PDS (Partido Democrático Social), enquanto a maior parte do MDB se manteve no PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e o restante fundou os partidos PTB (Partido Trabalhista Brasileiro – repaginado), PDT (Partido Democrático Trabalhista), entre outros menos expressivos e pouco duradouros. (NAPOLITANO, 2009, p. 81).

No entanto, o maior acontecimento político da época foi a fundação do PT (Partido dos Trabalhadores), inspirado em algumas organizações sindicais e populares e constituído por cidadãos desligados das elites socioeconômicas e dos partidos comunistas tradicionais. Como salienta Napolitano (2009, p. 82):

Mesmo desacreditado pelo governo e sofrendo críticas da própria esquerda, o PT logo se consolidou, atraindo um grande número de simpatizantes, sobretudo em parcelas da classe média intelectualizada e entre os operários mais organizados. [...] o ideário petista era inovador ao defender a participação da sociedade organizada em todas as decisões do poder público, e não só no momento do voto. A proposta de

¹² Armando Falcão, ministro da Justiça do governo Geisel.

democratização radical e transformadora, baseada na participação permanente da sociedade, encontrava eco numa sociedade cansada do autoritarismo do Estado. [...]

Todavia, as primeiras participações eleitorais do PT, ocorridas no ano de 1982, não foram tão expressivas, porque a maioria dos eleitores tiveram medo de que o regime se fechasse novamente caso o povo tomasse decisões radicais. (NAPOLITANO, 2009, p. 82).

No começo dos anos 80, o regime militar estava abalado. O país não estava mais crescendo economicamente, a inflação estava em cerca de 100% anuais, a dívida aumentava gradativamente, enquanto o PIB diminuía, numa espécie de gangorra que estava deixando a nação em crise. Disputas internas também complicavam a situação entre os governistas, e tudo piorou quando, em 1982, nas eleições legislativas e para governador, ocorreu a vitória dos partidos de oposição, principalmente do PMDB, em alguns dos Estados mais importantes, como: São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro (onde Leonel Brizola, visto como “esquerdista incendiário” pelos militares, foi eleito governador). (NAPOLITANO, 2009, p. 88-89).

Dois anos depois, em 12 de janeiro de 1984, teve início, na cidade de Curitiba (PR), a campanha das Diretas-já, por meio de um comício realizado com o apoio do PMDB. Aproximadamente 50 mil pessoas compareceram ao evento, o qual contou com a participação de artistas, jogadores de futebol, personalidades públicas e lideranças partidárias. Discursaram nesses comícios Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Leonel Brizola e Luís Inácio Lula da Silva. (NAPOLITANO, 2009, p. 95).¹³

Em meio a inúmeros contratemplos, o deputado Tancredo Neves, que concorreu à presidência pela Aliança Democrática (o grupo de oposição formado pelo PMDB e pela Frente Liberal), juntamente com José Sarney, foi eleito em 15 de janeiro de 1985 como o novo presidente da República, o que significava o fim do regime militar. No entanto, Tancredo ficou doente antes de assumir, falecendo logo em seguida, fazendo com que José Sarney, vice-presidente eleito, viesse a ocupar o seu lugar. (NAPOLITANO, 2009, p. 99).

¹³ A respeito dessas manifestações, Napolitano (2009, p. 96) complementa ainda que: “Entre fevereiro e março de 1984, a campanha das Diretas-já se espalhou pelo país. Em todas as principais cidades foram realizados grandes comícios, reunindo enorme contingente de manifestantes. Alguns dados revelam a dimensão da campanha: Belém, 60 mil; Belo Horizonte, 300 mil; Rio de Janeiro, 200 mil; Recife, 80 mil. [...]”

Em suma, o Golpe Militar de 1964 foi motivado, implicitamente, pelo jogo de interesses pelo poder e, explicitamente, pelo medo que os partidários de extrema-direita tinham de que o Brasil se aproximasse do Comunismo ou, até mesmo, virasse uma nação comunista. E as revoluções comunistas, como a de Cuba, bem como a aparente aproximação dos políticos populistas (Jânio e Jango) com líderes de esquerda, como Che Guevara e Mao Tse Tung, fortaleceram esse medo. Por muitos anos, os militares vinham influenciando as decisões do governo federal, com ameaça de golpe, por exemplo, em 1961, quando estes não queriam que o vice-presidente João Goulart assumisse a presidência após a renúncia de Jânio Quadros, o que contrariava a Constituição Federal. O golpe, evitado na época pela Campanha da Legalidade, organizada pelo governador gaúcho Leonel Brizola, concretizou-se em 1964, quando ninguém mais pode frear os militares. O regime militar deu ao país um clima pesado de tensão e repressão, uma ilusão de prosperidade econômica, a diminuição do poder intelectual da população (através da censura e da interferência nos currículos escolares, dos quais foram tiradas as matérias do pensamento) e o aumento da miséria e da dívida externa, feridas que os governantes tentaram curar até bem pouco.

Na seção seguinte, será apresentada a história do Movimento *Punk* no mundo e no Brasil, quando se discorrerá sobre o seu surgimento, seus representantes e as motivações que os levaram a criar esse movimento.

2 O MOVIMENTO *PUNK* NO MUNDO E NO BRASIL

“[...] Então achei que a revista deveria ser feita para outros fodidos como nós. Garotos que cresceram acreditando só nos *Três Patetas*. Garotos que faziam festas quando os pais não estavam e destruíam a casa. Sabe como é, garotos que roubavam carros pra se divertir. / Então eu disse: ‘Por que a gente não chama de *Punk*?’ / A palavra ‘*punk*’ pareceu ser o fio que conectava tudo que a gente gostava – bebedeira, antipatia, esperteza sem pretensão, absurdo, diversão, ironia e coisas com um apelo mais sombrio.” (McNEIL, Legs¹⁴ apud McNEIL; McCAIN, 2010, p. 266).

A presente seção discorrerá sobre a origem do Movimento *Punk* no mundo e no Brasil, respectivamente. No item reservado ao surgimento do *Punk* internacionalmente, que apresenta as influências, as motivações que levaram à idealização do movimento e os seus principais representantes, serão consideradas as cenas norte-americana e inglesa, pois foi nesses locais que essa expressão juvenil tomou forma. E, no item destinado ao *Punk* brasileiro, é possível ver como o *Punk* chegou ao país, quem foram seus precursores e o modo como o movimento se encaixou a um contexto de subdesenvolvimento e regime militar.

Como referências para o desenvolvimento desta seção, foram utilizadas as seguintes fontes: livro “O que é *Punk*?”, de Antonio Bivar (2007); livro “Mate-me por favor”, de Legs McNeil e Gillian McCain (v. 1, 2010; v. 2, 2011); e documentário “Botinada”, de Gastão Moreira (2007). Ocorreu a predominância da obra escrita por Antonio Bivar nas citações e na orientação textual, uma vez que as outras obras são compostas de relatos de indivíduos que participaram da história do Movimento *Punk*, tanto como protagonistas quanto espectadores – e, por isso, ambas foram usadas prioritariamente a título de complementação e confirmação de informações.

¹⁴ “LEGS McNEIL batizou o movimento de ‘punk’ em 1975, explicitando o seu sentido, ao dar este nome a uma revista de música e cultura pop dos anos 70. [...]” (McNEIL; McCAIN, 2010, p. 6)

2.1 O MOVIMENTO *PUNK* NO MUNDO: SURGIMENTO, MOTIVAÇÕES E REPRESENTANTES

A história do Movimento *Punk* teve seu início com os existencialistas. Eles eram jovens sem perspectivas, surgidos depois da Segunda Guerra Mundial, cujo tema filosófico central era a análise do homem em sua relação com o mundo. Fruto dessa temática, tinham como preceito principal que o homem tem total responsabilidade por aquilo que é, sendo o senhor da sua vontade e de suas ações. Seus principais representantes eram Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus. (BIVAR, 2007, p. 9-10).

Bivar (2007, p. 12-14) coloca que os anos 50 tornaram o mundo jovem novamente. Naquela época, foram lançados filmes estrelados por James Dean (protótipo de rebelde sem causa) e por Marilyn Monroe (a *pin-up* da vez), bem como surgiu o *rock and roll* e sua principal estrela, Elvis Presley. Os existencialistas foram substituídos pelos *beatniks*, os quais tinham muitos pontos em comum com os *punks*: o gosto pelo escuro, pela roupa preta, pela consciência à esquerda. O movimento *beatnik* foi originado na universidade de Colúmbia por Jack Kerouac, Allen Ginsberg e William Burroughs, mas teve como principais cenários os antros e cafés boêmios de Nova Iorque e São Francisco. Seus integrantes eram jovens letrados de classe média que almejavam tudo aquilo que fugisse do percurso comum: escola, família, futuro, vida doméstica. Eles queriam ser errantes, andarilhos, aventureiros e consideravam a liberdade como sua maior riqueza.

Nos anos 50, a *beat generation* e o *rock and roll* não eram movimentos afins. Enquanto o primeiro grupo era composto por jovens boêmios cultos, o segundo era composto por iletrados que mais agiam do que pensavam. Além disso, os *beatniks* gostavam de *jazz*. Contudo, nos anos 60, os *hippies* assimilaram as ideias da geração *beat* e incorporaram a isso o *rock and roll* e o LSD. (BIVAR, 2007, p. 21).

Então, quando o mundo estava na onda do *hippie*, do *rock and roll* psicodélico e do LSD, a imprensa divulgou que Charles Manson¹⁵ e seu bando eram *hippies*, o que deu uma imagem negativa ao movimento. Em verdade, a mídia elaborou essa notícia baseada no fato

¹⁵ Em 1969, Charles Manson e seus seguidores assassinaram Sharon Tate por engano. Na realidade, eles queriam matar Doris Day. O crime marcou época e é lembrado até hoje, assim como o seu mentor.

de que tais criminosos eram fãs da canção *Helter Skelter*, dos Beatles. No mesmo período, ocorreram mortes importantes de ídolos hippies, como Jimi Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison, cuja consequência foi a dissolução do movimento. (BIVAR, 2007, p. 22).

Adentrando os anos 70, Andy Warhol estava no auge da fama. Nos anos 50, Andy começou a sua carreira como artista nova-iorquino e, nos anos 60, ele já era o principal expoente da chamada *pop art*, envolvendo-se em várias expressões artísticas, inclusive na música, apadrinhando a banda Velvet Underground, por exemplo, considerada umas das precursoras do *punk*. (BIVAR, 2007, p. 25) Juntamente com o Velvet Underground, liderado por Lou Reed, o MC5, de Wayne Kramer¹⁶, e o The Stooges, de Iggy Pop, foram os estopins para o que viria a ser o *punk rock*, pois procuravam fazer um som alternativo, agressivo e desafiador. (McNEIL; McCAIN, 2010) .

Na fase de transição dos anos 60 para os 70, o *rock and roll* estava na fase do *glamour rock*, como descreve Bivar (2007, p. 29), quando os músicos se tornaram atores, *performers*, gravando discos conceituais e querendo fazer um *rock* mais artístico. Assim como em outras vertentes, havia artistas, assim como oportunistas. Mas, em suma, todos eram super maquiados, utilizavam roupas brilhantes, adotavam uma postura andrógina e transavam com todo o mundo, indistintamente, como era o caso de David Bowie, por exemplo. Era o lema “sexo, drogas e *rock and roll*” sendo praticado de forma literal e extrema.

E, antes de o *punk* nascer, os músicos, por volta de 71, estavam fascinados pelo som dos sintetizadores e tendiam ao exagero. As músicas eram exageradas, tanto em relação aos arranjos quanto em termos de duração; os figurinos eram extravagantes; os *shows* e os músicos envolvidos no espetáculo eram um exagero, já que as performances eram caríssimas e contavam com orquestras de mais de 40 músicos, que acompanhavam artistas neoclássicos e seus sintetizadores, engajados em produzir *progressive rock* e/ou *space rock*. “[...] A próxima coisa teria que ser exatamente o oposto dessa abundância oca. A próxima coisa teria que ser um retorno ao básico. A próxima coisa teria que ser o *punk*. E foi.” (BIVAR, 2007, p. 35)

¹⁶ O motivo que levou Wayne Kramer, por exemplo, a querer virar músico é o mesmo de muitos *punk*. Segundo ele: “A gente sabia que o mundo em geral era um saco e não queria ser parte daquilo. A gente queria fazer alguma outra coisa, o que significava dizer que não queríamos acordar de manhã e ter um emprego de verdade.” (McNEIL; McCAIN, 2010, p. 67)

Conforme argumenta Bivar (2007, p. 41-42), o nascimento do *punk* está estreitamente relacionado a Malcolm McLaren, um empresário inglês muito interessado em *rock and roll* e roupas. Em 1971, McLaren abriu uma loja especializada em roupas baseadas no *rock* dos anos 50, o qual era uma de suas paixões. O local, chamado de *Let it Rock*, era frequentado por músicos iniciantes e gente da vanguarda visual. Dois anos depois, os roqueiros americanos do grupo New York Dolls¹⁷ visitaram o estabelecimento de Malcolm e ele ficou impressionado com o estilo dos mesmos, indo com a banda para Nova Iorque, com a intenção de empresariá-los. A mudança foi tão radical que ele acabou alterando o nome e a proposta de sua loja.

Nos EUA, Malcolm descobriu que os norte-americanos estavam fascinados pela *blank generation* (ou “geração oca”), cujos expoentes musicais eram Patti Smith, Tom Verlaine e Richard Hell. Esses artistas tinham uma postura minimalista em relação aos seus trabalhos, ou seja, na música, por exemplo, as composições eram mais simples, desenvolvendo apenas o básico. Além disso, de certa forma, era uma volta ao *beat*, ao existencialismo e ao preto e branco. (BIVAR, 2007, p. 42). Numa tônica diferente, os New York Dolls, que faziam músicas mais elaboradas e se vestiam como mulheres espalhafatosas, acabaram caindo no ostracismo. Então, o grupo se desfez e Malcolm voltou a Londres com uma ideia fixa: ele iria aproveitar essa onda simplista, em preto e branco, engajada nos problemas sociais e lucraria com isso. Assim, sua loja transformou-se na *Sex*, um comércio especializado em roupas de couro e outros acessórios inspirados na arte sadomasoquista. (BIVAR, 2007, p. 43). E, de acordo com as palavras do próprio Malcolm, “[...] a loja, Sex, tinha uma ideologia definida, o lance não era vender coisa nenhuma, era criar uma atitude. [...]” (McNEIL; McCAIN, 2010, p. 247).

Dois frequentadores assíduos da loja *Sex*, Steve Jones e Paul Cook, costumavam roubar carros e instrumentos musicais. Os dois convidaram Glen Matlock, um vendedor da *Sex*, para ser o baixista de uma banda que eles estavam formando. Como Glen aceitara o convite, precisaram, por fim, de um vocalista, já que Steve assumiria a guitarra, Paul, a bateria e Glen, o baixo. Nisso, aparece na loja John Lydon, o qual foi convidado por Steve a assumir

¹⁷ David Johansen, fundador da banda, a descreve da seguinte maneira: “Não havia muito papo-cabeça quando começamos os New York Dolls. Era só um bando de caras que ensaiava numa loja e começou a tocar junto. [...] Nenhum de nós dizia pro outro: ‘Vista isso ou faça aquilo.’ / Não sei de onde veio a coisa glitter. A gente simplesmente era muito ecológico em relação às roupas. O lance era pegar roupas velhas e usar de novo. [...] não nos considerávamos glitter rock, apenas fazíamos rock & roll. / E a gente achava que é assim que se deve ser quando se está numa banda de rock & roll. Espalhafatoso.” (McNEIL; McCAIN, 2010, p. 153).

os vocais do grupo iminente. Malcolm McLaren, agora empresário da banda¹⁸, decide nomear o projeto como Sex Pistols, enquanto John Lydon agrega o nome artístico de Johnny Rotten (“Joãozinho Podre”), por causa de seus dentes estragados. Realizam a sua primeira apresentação, em novembro de 1975, e, com o passar do tempo, começam a “fazer escola”, ou melhor, a influenciar outros jovens a criarem bandas com o mesmo estilo. Um desses jovens, por exemplo, foi Joe Strummer, fundador do grupo The Clash. (BIVAR, 2007, p. 44-45).

No momento da explosão do movimento *punk*, segundo Bivar (2007, p. 47-48), os seus integrantes tinham em torno de 18 anos, sendo todos adolescentes. Por isso, não tinham muita coerência política, o que deu origem a várias gangues e organizações. Uma dessas organizações era a *The Bromley Contingent* (“O Contingente de Bromley” – um bairro suburbano de Londres), que tinha como sede o apartamento de Siouxsie (que posteriormente viria a formar a banda Siouxsie & The Banshees) e era voltada, sobretudo, ao visual *punk*. Esses adolescentes estavam invadindo as ruas das cidades e chocando os transeuntes com seu estilo diferente e impactante.

E, como Malcolm McLaren previra, o produto do momento era o *punk*, conforme discorre Bivar (2007, p. 49):

Agora a imprensa especializada em música não quer escrever sobre outro assunto. O espírito da época agora é *punk*, a retomada do básico: guitarra, baixo, bateria, vocal e amplificadores baratos. Não existe ainda nenhum disco gravado dessa nova safra, mas as bandas estão ganhando páginas e mais páginas na imprensa especializada, inclusive as capas. Os jornais vendem mais do que nunca. [...]

Em 1976, surgiu o primeiro *fanzine*¹⁹ *punk*, o *Sniffing Glue* (“Cheirando Cola”), produzido por Mark Perry²⁰, um bancário de 19 anos. Seu primeiro texto foi uma crítica sobre os Ramones, um grupo norte-americano que tocava *punk rock*. (BIVAR, 2007, p. 51).

¹⁸ McLaren define da seguinte forma as suas intenções com esse novo projeto: “[...] Estava tentando fazer com os Sex Pistols o que fracassara em fazer com os New York Dolls. Estava pegando nuances de Richard Hell, a veedagem pop dos New York Dolls, a política do tédio e misturando tudo para fazer uma afirmação, talvez a minha afirmação final. E irritar aquela cena rock & roll, era isso que eu estava fazendo.” (McNEIL; McCAIN, 2011, p. 32).

¹⁹ “[...] *Fanzine* é a junção das palavras *fan* (de fã, em português) com *magazine* (revista, em inglês). *Fanzine* = uma revista do fã, feita pelo fã e para o fã. [...]” (BIVAR, 2007, p. 51).

Os Ramones, surgido em 1974, na cidade de Nova Iorque, fundaram o grupo porque seus componentes (Dee Dee, Joey, Tommy e Johnny) moravam próximos um do outro, gostavam de ouvir The Stooges e New York Dolls e queriam fazer esse tipo de som. Como eles não conseguiam tocar as músicas de seus mentores, pois não tinham habilidade suficiente para essa função, começaram a criar suas próprias composições, as quais, com o passar do tempo, foram tocando cada vez menos mal e mais rápido, criando, conseqüentemente, um estilo musical que faz escola até os dias de hoje. (McNEIL; McCAIN, 2010).

De 20 a 21 de setembro de 1976, aconteceu o primeiro festival de música *punk*, no *Club 100*. Tocaram The Subway Sect, Siouxsie & The Banshees, The Clash e The Sex Pistols, na primeira noite de evento, e Stinky Toys, The Vibrators, The Buzzcocks e The Damned, na segunda noite. (BIVAR, 2007, p. 52-54).

Pouco depois, no dia 08 de outubro, os Sex Pistols assinaram contrato com a gravadora EMI. E, enquanto o Damned lança *New Rose*, o primeiro compacto *punk*, em 05 de novembro, os Sex Pistols lançam *Anarchy in the UK* 21 dias depois. (BIVAR, 2007, p. 56).

Por causa de tanta curiosidade do público em geral acerca do *punk*, no dia 1º de dezembro, os Sex Pistols e alguns outros *punks* foram a um dos programas de televisão de maior audiência na Inglaterra, o qual era transmitido às 17h. Eles se comportaram muito mal, falaram coisas de baixo nível e o público ficou chocado. Foi um escândalo para a época e os responsáveis pelo convite foram punidos. (BIVAR, 2007, p. 56-58).

Posteriormente, o compacto *Anarchy in the UK* estava entre os 10 mais vendidos e algumas bandas realizaram a primeira turnê *punk* pela Inglaterra, homônima ao disco dos Sex Pistols. Dela, participaram: Sex Pistols, The Clash, The Damned e Heartbreakers. (BIVAR,

²⁰ “No número 6 do *fanzine Sniffing Glue* (janeiro de 77), Mark Perry publica um artigo que pode também ser lido como o manifesto de um pensador *punk* sobre a essência do movimento: ‘O *punk* quebrará todas as regras. Ele trará uma mudança que tornará o *rock* inglês muito excitante. Faz tempo que o *rock* vem sendo um divertimento leve e, de tão seguro, já não amedronta mais os pais. O *punk* encherá de medo os fãs patéticos do *rock* que vêm se satisfazendo com merda há muito tempo. *Anarchy* é a música mais relevante dos últimos 12 anos. O *punk* não é uma moda louca, é a realidade. Se as pessoas estão com medo do *punk*, a culpa é delas, porque elas não entendem a vida. A vida diz respeito ao concreto, ao fundo do poço, gente patética, aborrecida, e um índice de desemprego mais alto do que nunca. O *punk* está ajudando a garotada a pensar. É disto que todo mundo tem medo, porque existem muitos garotos pensando atualmente. O *punk* reflete a vida como ela é, nos apartamentos desconfortáveis dos bairros pobres, e não o mundo de fantasia e alienação que é o que a maioria dos artistas cria. É verdade, o *punk* destruirá, mas não será uma destruição irracional. O que o *punk* destruir será, depois, reerguido com honestidade.’ (BIVAR, 2007, p. 59)

2007, p. 58). Contudo, em função do mau comportamento por parte da banda, a EMI rescindiu o contrato com os Sex Pistols em 1977, recolhendo o disco das lojas. (BIVAR, 2007, p. 59).

Na época, havia sido criado um clube *punk* no centro de Londres, o Roxy, que durou 100 noites. Lá tocaram Sex Pistols, The Clash, Jam, Siouxsie & The Banshees, Buzzcocks, Generation X, X-Ray, Spec, 999, The Adverts, Slaughter & The Dogs, Eater, The Slits, The Subway Sect, entre outras bandas, além das americanas Heartbreakers e Wayne County. (BIVAR, 2007, p. 60-61).

Como o cenário continuava numa crescente, o Jam assinou com a gravadora Polygram, o Clash, com a CBS e os Sex Pistols, com a A & M, que também rescindiu em seguida por conta da anarquia que o grupo sempre levava consigo. Glen Matlock, o menos baderneiro dos Pistols, saiu da banda, ocasionando a entrada do lendário Sid Vicious, ícone do movimento *punk* e do Sex Pistols propriamente dito. (BIVAR, 2007, p. 62).

Então, os Sex Pistols conseguiram um contrato com a Virgin, onde lançaram a música *God Save The Queen*, poucos dias antes do Jubileu da Rainha Elizabeth II, em 15 de junho de 1977. Segundo Bivar (2007, p. 62): “[...] A música é uma feroz agressão e uma grande provocação. [...]”. A dois dias do evento, a composição estava em 2º lugar nas paradas. No dia do Jubileu, ficou em 1º. (BIVAR, 2007, p. 63).

Simultaneamente, a imprensa especializada em *rock* passou a recrutar jornalistas novos com pensamentos e atitudes *punk*, como Julie Burchill, Tony Parsons, Jon Savage, Danny Baker, Gary Bushell, entre outros, compreendidos numa faixa etária que ia dos 17 aos 19 anos. Os jornais *N.M.E.* e *Sounds* tiveram uma ascensão vertiginosa e seus jornalistas eram considerados os melhores. (BIVAR, 2007, p. 66).

Em agosto de 1977, os Sex Pistols iniciaram as gravações de seu álbum, o *Never Mind The Bullocks Here's The Sex Pistols*. No mês de dezembro, eles foram aos EUA. Porém, em janeiro do ano seguinte, o grupo se separou. Nisso, Steve Jones e Paul Cook foram ao Rio de

Janeiro para conhecer o lendário assaltante do trem, Ronald Biggs²¹. (BIVAR, 2007, p. 69-72).

No final do ano, a imprensa falava apenas do novo estilo, o *New Wave*, e de seus representantes: The Police, Squeeze, Gary Norman, Tom Robinson Band, Joe Jackson, Elvis Costello, Ultravox, The Pretenders, todas do Reino Unido, e Devo, Talking Heads, Blondie, B52's, Tom Verlaine, Robert Gordon, Bruce Springsteen, dos EUA. Muitas bandas *punk* passaram a se adequar a essa tendência de modo a conquistar mais visibilidade, bem como melhores contratos. Assim, grupos como Generation X, The Adverts e The Damned foram consideradas traidoras do movimento. (BIVAR, 2007, p. 76).

Posteriormente, em 1979, Sid Vicious morreu por *overdose* de heroína. Na época, o *punk* estava menos evidente, por conta do término dos Sex Pistols. Algumas bandas se dispersaram e outras procuraram novos mercados, como o The Clash, que foi para os EUA. O *punk* tornou-se menos sensacionalista e publicitário e começou a apoiar causas célebres, como o combate ao racismo. Um exemplo disso é o movimento “Rock Contra o Racismo”, o qual, num outro momento, transformou-se em “Liga Anti-Nazista”. (BIVAR, 2007, p. 75).

De forma mais precisa, pode-se dizer que o *punk* ressuscitou em 1981, mais consciente, politizado e engajado em causas sociais. Bandas como UK Subs, Sham 69, Stiff Little Fingers, Angelic Upstairs e Ruts ressurgiram para essa nova fase. E foram formados grupos importantes, por exemplo, The Exploited, Discharge, Vice Squad, Conflict, GBH, Disorder, todos no Reino Unido. Repaginado, o movimento passou a adotar o lema “O *punk* não morreu”. E, paralelamente a esse acontecimento, nasceu outro movimento, o *Oi* (nome originado de um cumprimento *cockney*²², parecido com o “oi” brasileiro), o qual apareceu primeiramente como uma vertente musical, cujas bandas compunham canções para *skinheads*.

²¹ “Biggs participou em 1963, ao lado de outros 14 homens, do roubo de 2,6 milhões de libras transportados por um trem que viajava de Glasgow a Londres, na época o maior roubo da história. / Após ser preso e ter cumprido 15 meses de sua sentença de 30 anos, Biggs fugiu e passou por diversos países até se radicar no Rio de Janeiro, onde nasceu Michael, de um caso com uma dançarina brasileira.” (Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2010/05/100529_biggs_internado_rw.shtml>. Acesso em: 17 de outubro de 2011.)

²² “Um *cockney*, no sentido menos estrito da palavra, é um habitante do *East End* de Londres. Esta área é composta pelos distritos de *Aldgate*, *Bethnal Green*, *Bow*, *Hackney*, *Limehouse*, *Mile End*, *Old Ford*, *Poplar*, *Shoreditch*, *Stepney*, *Wapping* e *Whitechapel*.” (Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cockney>>. Acesso em: 18 de outubro de 2011.)

Esses grupos eram 4-Skins, Infa-Riot, Partisans, Last Resort, The Business, entre outros. Porém, a partir de 1981, o *Oi* procurou unir *skinheads* e *punks*, o que acabou por não surtir o efeito desejado, pois, em uma reunião desse movimento, teve início a onda de tumultos entre as duas tribos urbanas. (BIVAR, 2007, p. 84-86).

Há *punk*, bem como bandas *punk*, em todos os lugares do mundo, independentemente da cultura e da realidade dos locais. O *punk* adaptou-se a tudo. Então, nasceu o *Hardcore*, demarcando essa nova postura do movimento. Seus representantes são: Black Flag, Flipper, DOA, Subhumans, Heart Attack, Bad Brains, The Undead, Crucial Truth, Mob, entre outros. Como descreve Bivar (2007, p. 92): “[...] Delas fazem parte os bateristas mais rápidos do mundo. A música tem o efeito de uma montanha russa, crescendo até o clímax e depois deixando cair, numa espiral de 90 voltas. [...]”

Até hoje o movimento *punk* é fiel aos seus princípios, continuando alternativo e independente. E, para melhor divulgar a sua ideologia e a sua arte, apropriou-se das novas tecnologias para se manifestar, como a internet e, conseqüentemente, dos *sites*, das *mp3*, dos vídeos, dos CD-Rs, entre outros meios de difusão de ideias. Além disso, atualmente o *punk* está mais diverso, repleto de inúmeras vertentes, uma vez que sofreu o efeito das mais distintas influências e passou a contar com integrantes pertencentes a classes sociais diferentes, embora muitos grupos ainda não se aceitem – ou seja, entrem em conflito por divergências sociais e/ou ideológicas. E, também, as bandas possuem nomes em inglês, isso quando não cantam nessa língua, o que as faz chegarem a mais lugares e serem compreendidas por mais pessoas, conquistando um público cada vez maior e mais heterogêneo. (BIVAR, 2007, p. 127-128).

2.2 O MOVIMENTO *PUNK* NO BRASIL: SURGIMENTO, MOTIVAÇÕES E REPRESENTANTES

Quando o *punk* explodiu nos países desenvolvidos, algumas informações a respeito das bandas e do movimento começaram a chegar gradativamente às mãos dos jovens dos grandes centros brasileiros, como São Paulo. Essas informações vinham via imprensa escrita ou em discos importados que algumas lojas conseguiam – apesar de que tudo que era

veiculado sobre o *punk* era distorcido, era falso. Com isso, começaram a surgir alguns *punks* na capital paulista e na região metropolitana. (BIVAR, 2007, p. 65).

Sobre a imagem distorcida que se tinha do *punk*, Bivar (2007, p. 65) comenta que:

O *punk*, então, além da imagem agressiva de seu visual, passava, aqui para nós, a ideia de algo ainda mais extremado, de banditismo mirim: enfiou a faca e fim. [...] E para uma ala da garotada que já tinha “tendência”, essa imagem perniciosamente deturpada do *punk* foi assimilada e praticada ao vivo. Na cidade e na periferia. [...]

As primeiras bandas *punk* brasileiras foram AI-5, Condutores de Cadáveres, Restos de Nada, todas extintas. No entanto, seus integrantes montaram outros grupos, como: Inocentes, Desequilíbrio, Estado de Coma e Hino Mortal. Em seguida, vieram Olho Seco, Cólera, Fogo Cruzado, Lixomania, Mack, Suburbanos, Ratos de Porão, Desertores, Passeatas, Ulster, Guerrilha Urbana, Setembro Negro, Juízo Final, Indigentes, Negligentes, Anarcoólatras, Saturados, Anonimato, Agressão, Repressão, Extermínio, Desordem, Detenção, Psykóze, Neuróticos, Inimigos, além das femininas Skizitas, Zona X e Banda Sem Nome, citando apenas alguns representantes. (BIVAR, 2007, p. 95).

Esses jovens, que tinham em média 18 anos, trabalhavam em subempregos, enquanto outros eram desempregados. Eles começaram a se reunir em gangues adversárias, cada uma com a sua identidade. Essas gangues causavam tumultos, o que, de certa forma, manchou a imagem do movimento. (BIVAR, 2007, p. 97).

Conforme os integrantes do movimento relatam no documentário “Botinada”, a violência foi inspirada no filme “Selvagens da Noite” (*The Warriors*²³), de 1979, lançado pelos estúdios *Paramount Pictures*. Segundo eles, o filme inteiro é sobre brigas entre gangues e, como os jovens brasileiros ainda tinham pouca informação sobre o *Punk*, acharam que aquela era a postura do movimento.

²³ **Sinopse do filme:** Nova York, em um indeterminado futuro. As gangues de delinquentes juvenis se reúnem numa convenção. O líder do principal grupo prega a união entre eles, pois juntos poderão controlar a cidade - o contingente deles é maior que a força policial. O líder acaba sendo assassinado, com a culpa recaindo sobre um bando da periferia, que nada teve a ver com o atentado. Assim eles se veem obrigados a atravessar a cidade, enquanto são caçados pelos membros das outras gangues. (Disponível em: <http://www.interfilmes.com/filme_18111_os.selvagens.da.noite.html>. Acesso em: 01 dez. 2010.)

Sendo assim, como define Clemente Nascimento²⁴ no documentário supracitado: “No começo, o *Punk* não era um movimento ‘para salvar o mundo’, mas gangues contra tudo, desde o Sistema até o cara do outro bairro.” Afirma, também, que o movimento propriamente dito começou, no Brasil, a partir de 1980, tendo em vista que, a partir daquele momento, as gangues passaram a conviver pacificamente em São Paulo – sem contar o ABC paulista. Os “*punks da city*” (da capital) e os “*punks do ABC*” tinham muitas divergências. De um lado, os *punks* da capital tinham mais recursos e visibilidade, apesar da desunião e da segregação; e, do outro, os *punks* da região metropolitana, os quais eram mais unidos, estavam próximos das indústrias e do movimento sindicalista, o que os tornava mais politizados e engajados com a causa operária. Em suma, por uma somatória de diferenças, os *punks* do ABC não se davam bem com os da capital, o que só veio a mudar no ano de 1982, quando foi o realizado o festival “O começo do fim do mundo”, do qual participaram grupos de São Paulo e do ABC. (BOTINADA).

Em 1982, houve vários acontecimentos importantes. Primeiramente, foi lançado, pelo selo independente *Punk Rock*, o primeiro disco do *punk* brasileiro, uma coletânea intitulada “Grito Suburbano”, a qual contava com músicas das bandas Olho Seco, Inocentes e Cólera. Também, alguns jovens *punk* começaram a lançar *fanzines*, como “Factor Zero”, “Vix Punk” e “SP Punk”, nos quais discorriam a respeito do movimento. Além disso, Kid Vinil tinha um programa na rádio Excelsior, o “Rock Sanduíche”, onde divulgava entusiasticamente os grupos de *punk rock*. Em contrapartida, o jornal *O Estado de São Paulo* divulgou uma série de reportagens chamada de “Geração Abandonada”, na qual argumentava que os *punks* eram delinquentes juvenis, violentos e criminosos, armados com canivetes, estiletes, correntes, machados, assim como apontava a adoração a Satã por parte desses jovens. Os *punks*, por sua vez, revoltaram-se com o conteúdo dessas matérias, e Clemente Nascimento escreveu uma carta ao jornal, acusando o repórter de abordar o movimento por meio de fantasias e sensacionalismo, deturpando-o e comprometendo-o. A carta foi publicada pelo jornal e ajudou os *punks* a se consolidarem, sendo que, pouco depois, concederam entrevistas às revistas *Veja* e *IstoÉ*, por exemplo, em que puderam mostrar seus ideais com bastante propriedade, surpreendendo os jornalistas. (BIVAR, 2007, p. 98-101).

²⁴ Um dos fundadores da Restos de Nada; fundador da Inocentes, onde está até hoje; e atual membro da Plebe Rude.

No mesmo ano, gravadoras brasileiras começaram a lançar bandas e artistas rotulados como *New Wave* ou *New Music*, por exemplo, Gang 90, Verminose, Ira!, Blitz, Barão Vermelho, Rádio Táxi, Lulu Santos, entre outras. E a experimentação de ritmos e a ousadia desse novo estilo nunca teriam sido possíveis se não tivesse surgido o *Punk* para derrubar os padrões antigos e dar uma abertura ao novo. (BIVAR, 2007, p. 82).

Em setembro, os *punks* iniciaram a organização do primeiro festival do movimento, “O começo do fim do mundo”, programado para ocorrer no final de novembro, no SESC da Pompeia, em SP. O evento contou com a participação de mais de 20 bandas, exposição de fotos, projeção de filmes e vídeos, mostra de desenhos, além de a entrada ter sido franqueada a toda a sociedade. (BIVAR, 2007, p. 105). Conforme o que está exposto no documentário “Botinada”, a ideia ocorreu na loja “*Punk Rock*”, na Galeria do Rock (localizada na cidade de São Paulo), de propriedade de Fábio (da banda Olho Seco), onde os integrantes do movimento costumavam se reunir. Segundo as declarações dos organizadores, o evento oportunizou, pela primeira vez, a interação entre *Punk* e sociedade, pois, além das apresentações das bandas (que inclusive foram gravadas em vídeo e LP), havia uma exposição sobre a cultura *Punk*, cuja visitação era aberta ao público.

Em 28 de agosto de 1982, os componentes do *Punk* organizaram, com o apoio do DCE da PUC/SP, o “show da união”, que ocorreu no Salão Beta da referida universidade. Foi uma iniciativa anterior ao evento “O Começo do Fim do Mundo” e contou com a participação dos grupos Inocentes (SP), Ulster (ABC) e Passeatas (ABC). Os *punks* do ABC achavam que fosse uma cilada. Porém, as apresentações correram bem, sem maiores problemas entre os envolvidos. No entanto, de acordo com os relatos dos participantes (contidos no documentário “Botinada”), a polícia botou fogo na PUC e colocou a culpa nos integrantes do Movimento, numa estratégia da Ditadura Militar para queimar os arquivos da universidade. Desse modo, denegriu a imagem dos *punks*, dos quais não gostava, e prejudicou o DCE da PUC, que, para os militares, era subversivo.

Já em 1983, foi lançado o documentário “Garotos do Subúrbio”, feito para a TV pela produtora *Olhar Eletrônico* e dirigido pelo cineasta Fernando Meirelles. Conforme comenta Bivar (2007, p. 98), esse registro é uma “[...] reflexão apaixonada sobre o universo *punk* de São Paulo.”

O movimento *punk* viria a sofrer um novo ataque à sua imagem. Como consta no documentário “Botinada”, nos anos 80 o programa “*Fantástico*”, da Rede Globo, fez uma matéria similar à do jornal *O Estado de São Paulo* sobre o Movimento *Punk* em SP, proferindo em rede nacional que os *punks* eram pessoas maldosas, marginais, jovens agressivos e criminosos. A repercussão foi tanta que, no dia seguinte, uma segunda-feira, todos os integrantes do movimento foram demitidos de seus empregos e as bandas se dispersaram, procurando cada uma o seu caminho. Além disso, Fábio, no documentário supracitado, relata que teve de fechar a loja “*Punk Rock*”, tendo em vista que os outros comerciantes da Galeria do Rock elaboraram um abaixo-assinado para expulsá-lo da local. Tina, da banda *Punk SP*, declarou que: “O *Punk* tinha tudo para ser uma linha de frente para uma revolução, pois era muito forte, mas a mídia conseguiu detonar o movimento.”

Então, aproveitando a declaração da Tina exposta acima, pode-se dizer que o Movimento *Punk* é uma grande manifestação sócio-cultural com a intenção de fazer as pessoas refletirem cada vez mais sobre os principais problemas existentes no mundo, como as diferenças sociais, o preconceito racial, a intolerância religiosa, o abuso de poder, as guerras, entre outras questões. Porém, o sensacionalismo por parte da mídia e o comportamento de muitos *punks* acabaram com a credibilidade do movimento. Por exemplo, as constantes brigas entre gangues *punk* ou entre *punks* e *skinheads* são difundidas (e/ou distorcidas) pela mídia e denigrem a imagem do movimento, que leva a fama de violento e baderneiro; entrevistas nas quais alguns *punks* fazem mais questão de anarquizar a mídia do que de argumentarem a respeito da ideologia do movimento também não os ajudam em nada. É por isso que bandas como os Sex Pistols, que só souberam anarquizar a imprensa e as gravadoras, são tidos como vilões do movimento, enquanto que grupos como o Cólera, que deu uma postura mais pacifista e engajada à cena, são vistos como heróis do *Punk*.

Apresentado o Movimento *Punk* no mundo e no Brasil, no capítulo seguinte serão expostos conceitos de argumentação distintos do adotado pela ADL, bem como teorias e conceitos que levaram Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe a pensarem a ADL e que motivaram, no seu desenvolvimento, a existência de diversas fases, como se poderá constatar na sequência deste trabalho.

3 BREVE PERCURSO DOS ESTUDOS SOBRE A ARGUMENTAÇÃO, DISTINÇÃO ENTRE ARGUMENTAÇÃO RETÓRICA E ARGUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA

Neste capítulo, é apresentado um breve histórico dos estudos sobre a argumentação e, em seguida, a diferença que Ducrot estabelece entre seus estudos e os da retórica clássica.

3.1 BREVE PERCURSO DOS ESTUDOS SOBRE A ARGUMENTAÇÃO

O homem sempre precisou da argumentação para sua sobrevivência em sociedade. Isso ocorre porque o ser humano é um ser social e racional, que usa linguagem para organizar a sua vida na sociedade.

Segundo Barbisan (2007, p. 111-112), a argumentação tem sido estudada desde o século V a.C.. As primeiras reflexões a respeito desse assunto são comumente atribuídas a Aristóteles. No entanto, conforme salienta a autora, os sofistas já se ocupavam da oposição entre discurso (antifonia), do paradoxo, do provável, da dialética como forma de diálogo racional, pouco antes de Aristóteles ter abordado esse tópico. Porém, os estudos dos sofistas foram criticados pelos platônicos, quando os primeiros desenvolveram uma proposta de interação argumentativa em que as relações sociais são representadas. Os platônicos acreditavam que a interação pela linguagem consistia numa batalha verbal que ignorava a busca pela verdade. Já os aristotélicos almejavam encontrar verdades científicas, instituindo relações entre argumentação e ciência, tornando-se críticos da língua natural.

Em períodos mais próximos, a argumentação tem sido estudada sob dois modos: um relacionado à retórica e o outro à ciência. Porém, cabe colocar que a visão científica opõe-se à retórica, pois, enquanto a ciência exige exatidão e rigor, a retórica valoriza a incerteza, a dúvida. (BARBISAN, 2007, p. 112).

De acordo com a primeira abordagem, a argumentação é vista como a parte fundamental da retórica. Nessa perspectiva, o discurso é entendido com um conjunto de ações linguísticas, planejadas e dirigidas para um público, em um contexto determinado. Como

salienta Barbisan (2007, p. 112), diferentes etapas desse processo conduzem ao discurso argumentado: a argumentativa (que consiste na procura de argumentos); a textual (que consiste na organização dos argumentos); a linguística (que consiste na colocação da argumentação em palavras e frases); e a da memorização (que consiste no trabalho do orador para o público). Portanto, para a retórica, a análise do discurso produzido é a estrutura final do discurso, compreendendo a introdução, a narração dos fatos e a conclusão, em procedimentos que visam à análise da posição do indivíduo que argumenta.

Por outro lado, para a segunda abordagem, desenvolvido no contexto da lógica, os textos são vistos como instrumentos da expressão lógica, com o objetivo de obter valores de verdade. A ciência necessita da apresentação de fatos comprovados e normas de encadeamento de enunciados, tendo em vista que, por meio desses procedimentos, pretende colocar à prova o discurso argumentativo: se a argumentação se sustenta, é uma demonstração; se não se sustenta, é um sofisma (ou paralogismo). Esse sistema de normas obedecido pela ciência consiste na Teoria do Silogismo Válido, elaborada por Aristóteles. Na obra, o silogismo é apresentado sob a forma de três proposições (enunciados) onde a conclusão é inferida das outras proposições, consideradas premissas. (BARBISAN, 2007, p. 112).

Atualmente, comenta ainda Barbisan nessa mesmo texto (p. 113), há várias teorias que estudam a argumentação sob perspectivas diferentes. Stephen Toulmin, por exemplo, questiona em que medida a lógica pode ser formal e, simultaneamente, ser aplicada à crítica de argumentos reais, na obra *Les usages de l'argumentation* (1993). Nela o pesquisador supracitado caracteriza o “processo racional”, ou seja, os procedimentos e categorias que podem ser utilizados para defender e regulamentar todo tipo de afirmação. Posteriormente, Toulmin coloca que argumentos (ou dados) precisam ser produzidos para que haja o estabelecimento de conclusões. Assim, a passagem dos dados (D) à conclusão (C): *Se D, então C*, sendo que essas proposições são as garantias (G), que são apoiadas em fundamentos (F). Mas, de acordo com os apontamentos de Toulmin, é necessário acrescentar ainda uma referência à força dada à argumentação pelos dados, em virtude da garantia, por meio de qualificadores modais (Q) e condições de exceção ou refutação (R). Esses qualificadores indicam a força conferida pela garantia à passagem, enquanto a refutação aponta as condições que anulariam a autoridade da garantia.

Por sua vez, Perelman e Olbrechts-Tyteca propõem uma renovação da retórica e da dialética gregas, na obra *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique* (1970). Em sua teoria da argumentação, esses autores estudam as técnicas discursivas responsáveis pela provocação ou pela elevação da adesão dos espíritos às teses apresentadas para sua concordância. Salientam que não se devem confundir os aspectos do raciocínio relacionados à verdade e aqueles relacionados à adesão; é preciso estudá-los separadamente para somente após atentar às suas eventuais interferência ou correspondência. (BARBISAN, 2007, p. 113).

Barbisan (2007, p. 113-114) discorre sobre as correntes teóricas que orientaram Perelman e Olbrechts-Tyteca em seus trabalhos, inclusive colocando algumas palavras a respeito dos *topoi*, muito estudados por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe, em determinada fase da Teoria de Argumentação na Língua que criaram. Confirmam-se as palavras da autora:

O *Tratado da Argumentação* está vinculado às preocupações do Renascimento e às de autores gregos e latinos, *que estudaram a arte de persuadir e de convencer, a técnica da deliberação e da discussão* (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 1983, p. 6). A oratória dos antigos era a arte de falar a um público para obter sua adesão a uma tese. A argumentação parte do raciocínio, de premissas que devem ser compartilhadas, de acordo com duas categorias: a do real, com pretensão de validade para um auditório universal e a do preferível, para um auditório particular. Os objetos de acordo dão existência a valores, que não são verdades indiscutíveis, mas que são a base da argumentação juntamente com hierarquias concretas, abstratas, de quantidade. Premissas de ordem muito geral são os lugares, denominados *topoi*. Os lugares comuns são utilizáveis em qualquer circunstância.

Contudo, segundo seus autores, a obra anteriormente citada ultrapassa os limites da retórica antiga em relação ao uso da linguagem para argumentar e ao auditório ao qual o orador se dirige, focando a estrutura da argumentação escrita e não o modo como a comunicação com o auditório é desenvolvida. Assim, denominam-na de *nova retórica*.

Existem ainda outras teorias, acrescenta Barbisan (2007, p. 114), como as pragmáticas. É o caso, por exemplo: da pragmadialética de Van Eemeren, cuja proposta versa sobre regras explícitas para o debate argumentativo racional; da argumentação e da análise da conversação de Jacques Moeschler, que redefine a argumentação tomando como base a linguística da

língua, integrando a pragmática à língua; e da filosofia do agir de Habermas, visando a discorrer sobre uma ética da argumentação.

Conforme entende Barbisan (2007, p. 114), todas essas propostas admitem a existência de um argumentador que, tomando por base algumas evidências (argumentos), age sobre o receptor da argumentação, com o intuito transformar o seu comportamento ou o seu pensamento, sendo esse o objetivo da argumentação nas perspectivas mencionadas acima.

Já a Teoria da Argumentação da Língua, dos franceses Ducrot e Anscombre, descreve a linguagem semanticamente, obedecendo aos preceitos do estruturalismo saussuriano. Para eles, o sentido é produzido pelas relações estabelecidas entre palavras e frases no discurso. Desse modo, o significado de uma frase simples só pode ser definido por suas possibilidades de combinação com outras frases simples. (BARBISAN, 2007, p. 121).

Segundo Ducrot (1990, p. 49-51), sua teoria se opõe à concepção tradicional de sentido, que distingue três tipos de indicações: objetivas, subjetivas e intersubjetivas. As primeiras estão ligadas à representação da realidade; as segundas, à atitude do locutor diante da realidade; e as terceiras, às relações do locutor com seus interlocutores. Como explica o referido estudioso, frequentemente o aspecto objetivo é denominado de denotação, enquanto os outros aspectos são denominados de conotação. Para ele, a descrição (o aspecto objetivo) é realizada por meio de uma atitude e de um chamado que o locutor faz ao interlocutor. E o valor argumentativo, isto é, a união dos aspectos subjetivos e intersubjetivos, consiste na orientação dada por uma palavra ao discurso, tornando uma continuação discursiva possível ou impossível.

A respeito da obediência ao estruturalismo defendido por Saussure, Barbisan (2007, p. 121-122) acrescenta que Ducrot e Anscombre também tiveram forte influência da enunciação de Benveniste:

Além da noção de relação, os conceitos de língua e de fala, estabelecidos por Saussure, foram úteis à construção da Teoria. Em vários de seus escritos, Ducrot mostra que a língua, no sentido estruturalista, não pode ser construída sem que se faça alusão à atividade da fala, isto é, a língua (objeto teórico) deve conter referência à fala (uso da língua). Em termos de pragmática (como teoria do contexto) e

semântica (como teoria linguística), certos aspectos da pragmática devem ser integrados à semântica. De um lado, a semântica linguística deve ser estrutural, contemplando sobretudo a noção de *relação*, de outro, a significação deve incluir a enunciação. Assim, nem semântica, nem pragmática podem ignorar a enunciação. É a partir das palavras que a enunciação e seu contexto devem ser caracterizados, porque a escolha das palavras cria uma imagem da fala e essa imagem é pertinente para a compreensão do discurso. É o discurso, produzido pelo locutor, que estabelece o contexto: este não preexiste ao discurso.

A citação torna claro que, por meio da Teoria da Argumentação na Língua (ou ADL), Ducrot e Anscombe construíram uma proposta enunciativa, partindo de conceitos estruturalistas. Na ADL, os conceitos saussurianos são expandidos e alterados. Além disso, a autora evidencia que, tornando língua e fala inseparáveis, Ducrot insere a argumentação na língua.

3.2 A ARGUMENTAÇÃO RETÓRICA E A ARGUMENTAÇÃO LINGUÍSTICA

Quanto às teorias argumentativas, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvida por Marion Carel e Oswald Ducrot, e baseada na ADL, é oposta à concepção de argumentação da retórica, cujos postulados propõem que uma conclusão C é inferida de um fato F, existindo uma relação de implicação entre ambas as partes. Na retórica, a língua tem um papel bastante reduzido. Por outro lado, para a ADL e para a TBS, a argumentação está na própria língua. (BARBISAN, 2005, p. 70-71).

Além disso, nas teorias lógicas, a afirmação de não-C discordaria das condições de verdade expressas por A (argumento) *portanto* C (conclusão). Para elas, A *portanto* C só existe enquanto existe também A *portanto* não-C. Porém, para a TBS, tanto A *portanto* C quanto A *portanto* não-C obedecem à aplicação de uma regra, observada sob a ótica de um bloco e de uma qualidade (positiva ou negativa). (BARBISAN, 2005, p. 71).

Segundo Ducrot (2009, p. 20), a argumentação retórica é uma atividade verbal que tem por objetivo fazer alguém crer em algo. De acordo com seus apontamentos, esse modelo de argumentação apresenta certas limitações. Primeiramente, a argumentação retórica só considera o ato de levar alguém a fazer algo, caso o mesmo esteja ancorado sobre um fazer acreditar nesse algo. Para o estudioso supracitado, existem outros meios de levar alguém a agir de determinado modo, e pensa que fazê-lo crer na validade de tal ação é uma estratégia bastante ingênua. Em segundo, Ducrot diz que há outros modos de fazer alguém crer em algo

sem usar a fala, tendo em vista que inserir o destinatário em uma situação em que ele tenha interesse em crer o que se deseja fazê-lo crer, já parece ser o bastante.

Conforme discorre Ducrot (2009, p. 21), a própria persuasão pede um auxílio em motivos não racionais. E a retórica tradicional admite isso quando coloca que a persuasão exige que se desenvolva no ouvinte a vontade de crer verdadeiro (*pathos*), e não apenas se dê razões (*logos*) para isso. Além disso, o orador precisa dar uma imagem favorável de si mesmo (*ethos*), de modo a convencer o ouvinte de que ele é um indivíduo confiável.

Já a argumentação linguística é composta pelos segmentos de discurso formados pelo encadeamento de duas proposições A (argumento) e C (conclusão), ligadas – implicitamente ou explicitamente – por um conector (*donc, pourtant, etc.*). De acordo com as colocações de Ducrot, essa definição vale também para sequências de proposições, como dois parágrafos, por exemplo. (DUCROT, 2009, p. 20-21).

Ducrot explica que, enquanto a argumentação retórica tem por meta fazer alguém acreditar em algo, a argumentação linguística é um meio direto para isso:

[...] Parece, de fato, que um meio evidente de fazer admitir uma proposição C é o de justificá-la (de mostrar que ela é verdadeira) e que para justificar uma proposição possa haver interesse em apresentar primeiramente uma proposição A que se está pronto a aceitar e que tem com C uma relação conclusiva, uma relação em *portanto*. Sua crença em A pode então se completar com uma crença em C, a validade de A se transportando, por assim dizer, para C. [...] (DUCROT, 2009, p. 21).

Ducrot tenta mostrar que essa concepção é insuficiente e ilusória, sendo que os encadeamentos conclusivos dos discursos não constituem meios diretos nem indiretos de persuasão. (DUCROT, 2009, p. 21).

Tradicionalmente, critica-se a argumentação linguística, pois, como é alegado, as argumentações nunca são decisivas. Ainda, os conceitos que fundamentam essas argumentações são muito vagos e mal definidos. (DUCROT, 2009, p. 21). Além disso, as críticas tratam de uma argumentação racional suscetível de justificar (*logos*). Mas, para Ducrot, a argumentação discursiva não possui caráter racional e não fornece justificação. Ou

seja, esse teórico põe em dúvida a própria noção de *logos* discursivo, cuja manifestação ocorreria por meio de encadeamentos argumentativos, através dos *donc* (portanto) e dos *par conséquent* (consequentemente). Mesmo assim, admite que ela pode servir à persuasão, dizendo que seu papel persuasivo existe, embora este não seja fruto de um caráter racional. (DUCROT, 2009, p. 21).

Conforme sustenta Ducrot (2009, p. 22):

De modo geral, o que proíbe ver uma espécie de raciocínio num encadeamento argumentativo do tipo de *A portanto C*, é que os segmentos A e C não exprimem fatos fechados sobre eles mesmos, compreensíveis independentemente do encadeamento, e suscetíveis de serem em seguida ligadas entre si. [...]

Também, esse estudioso francês afirma que não há possibilidade de depreender detrás de um encadeamento discursivo um *logos* demonstrativo, uma vez que ele já é dado pelo argumento, constituindo o valor semântico desse argumento. (DUCROT, 2009, p. 23).

Ducrot (2009, p. 23) salienta, ainda, que toda a proposição A possui em sua significação a possibilidade de que lhe seja encadeado tanto *portanto C* quanto *portanto não C*. Assim, ele não vê como a proposição A poderia levar a crer em C, há que a significação de A não favorece nem C nem não C.

Por fim, as pesquisas que Carel e Ducrot desenvolvem atualmente sobre os encadeamentos argumentativos na língua levam a uma visão da retórica persuasiva diferente da tradicional. De um lado, a concepção habitual dá grande importância ao *logos* manifestado pelos encadeamentos argumentativos, que, segundo Ducrot, é uma maneira enfraquecida de racionalidade, precisando ser completado pelo *ethos* e pelo *pathos*. E, de outro lado, a eficiência persuasiva dos encadeamentos argumentativos do tipo de *portanto* está relacionada ao efeito obtido por esses encadeamentos sobre o *ethos*. Antes das insuficiências do *logos* serem preenchidas pelo *ethos*, é o *logos* (os encadeamentos em *portanto*) que é utilizado pelo *ethos* – e, como coloca Ducrot, é só com isso que o *logos* seria capaz de contribuir com a persuasão, participando da argumentação retórica. (DUCROT, 2009, p. 25).

Como se pode observar, Oswald Ducrot sempre discutiu conceitos referentes a outras pesquisas de modo a aprimorar alguns dos preceitos da ADL e encaminhar a fundamentação de outros. Inspirado em diversas vertentes linguísticas, esse estudioso formulou uma teoria que se destaca atualmente, por ser diferente daquilo que outros pesquisadores já haviam ousado realizar.

Na sequência, será descrito o percurso teórico da Teoria da Argumentação na Língua em suas diversas fases (*standard* e ampliada) até chegar à Teoria dos Blocos Semânticos, proposta por Marion Carel, inspirada na ADL, destacando-se os principais preceitos desenvolvidos nessas teorias.

4 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Explicitados os diferentes conceitos da palavra argumentação, passar-se-á neste capítulo a tratar das fases da semântica linguística argumentativa, desenvolvida por Ducrot e seus colegas, na escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, de Paris.

A Teoria da Argumentação na Língua (ADL) foi apresentada por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe em 1983. Ao longo do tempo, foi dividida em duas formas distintas: a primeira, chamada de forma *standard*, foi apresentada na obra “*L’argumentation dans la langue*”, de 1983; a segunda, conhecida como forma ampliada, agregou as noções de polifonia e de *topoi*. (DUCROT, 1990, p. 52). Uma terceira forma, incluindo a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), proposta por Marion Carel em 1992, é desenvolvida atualmente por Ducrot e Carel, como se poderá conferir na sequência.

4.1 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA – FORMA *STANDARD*

Ducrot (1990, p. 53) considera que quando alguém profere três vezes seguidas “faz bom tempo” ele está produzindo três enunciados sucessivos de uma frase só, pois, para o teórico supracitado, o enunciado é a realização da frase. E, enquanto o enunciado é uma realidade empírica, que pode ser observada quando as pessoas falam cotidianamente, a frase é uma entidade teórica, porque é uma construção do linguista para explicar a infinidade de enunciados. Os discursos são constituídos por sucessões de enunciados. Desse modo, um discurso D pode ser fragmentado nos enunciados e1, e2, e3, assim por diante. (DUCROT, 1990, p. 53).

Em “faz calor, vamos passear” há somente um enunciado, que pode ser segmentado em “faz calor” (segmento 01 – S1) e “vamos passear” (segmento 02 – S2). Segundo Ducrot, o primeiro segmento não possui um sentido completo, tendo em vista que o S2 “vamos passear” caracteriza o S1 “faz calor” como um ambiente adequado para um passeio. Ou seja, em outro caso, “faz calor, não vamos passear”, o S2 “não vamos passear” caracteriza o S1 “faz calor” como uma situação inadequada para um passeio – o que demonstra que o primeiro segmento

(argumento) depende do segundo (conclusão) para ter sentido pleno. (DUCROT, 1990, p. 54-55).

Em suma, Ducrot refuta a teoria tradicional da argumentação, pois, segundo ele, as nossas palavras não têm sentido completo antes das conclusões que tiramos delas. Assim, quando se fala “faz calor, vamos passear” e “faz calor, não vamos passear”, não se trata do mesmo calor nos dois casos, uma vez que um é favorável ao passeio e o outro não. (DUCROT, 1990, p. 73-74).

Na ADL, a língua é definida como um conjunto de frases. Ducrot (1990, p. 56-58) entende que descrever uma língua é descrever as frases dessa língua de maneira sistemática, calculando o valor semântico das frases complexas a partir do valor semântico das frases simples. Diante disso, cabe ressaltar que, na ADL, a significação é entendida como o valor semântico da frase e o sentido é entendido como o valor semântico do enunciado. Contudo, a significação consiste aqui em um conjunto de instruções (resultado da orientação argumentativa) que permitem interpretar os enunciados da frase. Ou seja, a significação da frase é uma espécie de “modo de emprego” que possibilita a compreensão do sentido dos enunciados.

Para explicar essas noções, Ducrot (1990) analisa os seguintes exemplos:

Exemplo 01: Maria estava, mas estava com a mãe.

Podem-se tirar daqui duas conclusões: ou o sujeito está feliz com a presença de Maria no local, mas não com a presença da mãe; ou está descontente com a presença de Maria, mas aliviado com a presença da mãe. Para interpretar esse enunciado, é necessária a descrição polifônica de estruturas com “mas” e a explicitação do *topos* que garantirá determinada conclusão. Nesse momento, Ducrot agrega a teoria da polifonia, de que se tratará na seção seguinte juntamente com a Teoria dos *Topoi*.

4.2 A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO DA LÍNGUA – FORMA AMPLIADA PELA NOÇÃO DE POLIFONIA E DE *TOPOS*

4.2.1 A Teoria Polifônica da Enunciação

Ducrot construiu uma Teoria Polifônica da Enunciação, mostrando que vários sujeitos, com status linguísticos diferentes, estão presentes em um mesmo enunciado (DUCROT, 1990, p. 16). Conforme seus estudos, a ideia de sujeito falante remete a várias funções muito diferentes. São elas: sujeito empírico, locutor e enunciador (DUCROT, 1990, p. 16). O sujeito empírico (SE) é quem produziu o enunciado (DUCROT, 1990, p. 16). O locutor (L) é a pessoa a quem se atribui a responsabilidade da enunciação de determinado enunciado. (DUCROT, 1990, p. 17). E os enunciadores (E) são as origens dos diversos pontos de vista apresentados em um enunciado. (DUCROT, 1990, p. 20).

Ducrot (1990, p. 16-17) acredita que a determinação do SE não é uma questão linguística, pois o linguista, principalmente o linguista semanticista, deve preocupar-se com a obtenção do sentido do enunciado, de modo que o importante é o que está no enunciado e não as condições externas na produção. Quanto à função de locutor, Ducrot (1990, p. 17) afirma que a maioria dos enunciados diz quem é seu autor. E esse autor, inscrito no enunciado, é o locutor. Por isso, um L se marca no próprio enunciado, as de primeira pessoa (eu, mim, meu, etc.), por exemplo. Esse teórico salienta, também, que o locutor pode ser completamente diferente do sujeito empírico, sendo muitas vezes até um personagem fictício a quem o enunciado atribui a responsabilidade de sua enunciação. (DUCROT, 1990, p. 18).

Por exemplo, pode-se conceder a palavra a seres incapazes de falar:

Exemplo 05: Caneca onde está escrito “I love you”

- SE: Quem elaborou o enunciado
- L: Caneca

Além disso, é possível produzir um enunciado sem locutor. Um provérbio, por exemplo, é essencialmente um enunciado sem locutor (DUCROT, 1990, p. 19):

Exemplo 06: “Quem semeia ventos colhe tempestades.”

Ao utilizar esse enunciado impessoal, o indivíduo deseja que sua palavra não apareça como proveniente dele, mas saída da sabedoria popular, além de qualquer individualismo (DUCROT, 1990, p. 19).

E, em relação aos enunciadores, Ducrot (1990, p. 20) explica que não são pessoas, mas pontos de perspectiva abstratos. Em um enunciado, o locutor pode se identificar com alguns dos enunciadores, no entanto, na maioria das vezes, apresenta-os guardando certa distância frente a eles. Exemplifica as posturas do locutor diante dos enunciadores por meio de dois exemplos: o do humor e o da negação.

Como características do enunciado humorístico, distingue: 1. Entre os pontos de vista representados no enunciado, existe pelo menos um que é obviamente absurdo; 2. O ponto de vista não é atribuído ao locutor; 3. Não é expresso no enunciado nenhum ponto de vista oposto ao absurdo. 4. Entre os enunciados humorísticos, os irônicos são aqueles em que o ponto de vista absurdo é atribuído a um personagem determinado a quem se busca ridicularizar. (DUCROT, 1990, p. 20-21).

Exemplo 07:

Em uma mesa, encontra-se um cliente que, como única companhia, tem a seus pés um cachorrinho. O dono do restaurante acreditando ser necessário começar uma conversa com o solitário cliente, a este dirige a palavra: “Suponho, senhor, que você aprecia a excelência da comida que até o momento temos servido para você. Sabe? Nosso cozinheiro é o antigo *chef* do rei da Suécia”. O cliente não responde, o dono continua: “Vejo que escolheu um vinho de excelente qualidade, como todos os que o nosso provador seleciona; é que tive a sorte de poder contratar o antigo provador da rainha da Inglaterra”. Tampouco responde. Sem desanimar, o dono continua: “Veja, se nossos garçons são tão precisos, discretos, limpos, rápidos, é porque nosso chefe de cozinha esteve a serviço do rei da Espanha”. O cliente permanece mudo; o dono compreende que é prudente mudar de assunto e, apontando para o cachorrinho, exclama: “Oh, senhor, você tem um lindo cachorrinho!”. Imediatamente o cliente responde: “Meu cachorrinho, senhor, é um antigo São Bernardo”. (DUCROT, 1990, p. 21)

- Enunciado absurdo: “Meu cachorrinho, senhor, é um antigo São Bernardo”.
- Atribuição: Dono do restaurante
- Retificação: Não há retificação do enunciado absurdo.

Como características da negação, distingue: 1. Um enunciado negativo não-P tem pelo menos dois enunciadores: um primeiro enunciador (E1), que expressa o ponto de vista

representado por P, e um segundo enunciador (E2), que apresenta uma resposta contrária ao outro ponto de vista. 2. Por conta disso, um enunciado negativo é uma espécie de diálogo entre dois enunciadores que se opõem. (DUCROT, 1990, p. 23).

Exemplo 08: Eu não pensaria duas vezes.

- Enunciador 01: Eu não pensaria duas vezes.

- Enunciador 02: Eu pensaria duas vezes.

Dessa forma, tanto no humor quanto na negação há um enunciador que diz algo inadmissível frente ao ponto de vista do locutor. No entanto, na negação há um enunciador a mais para rechaçar esse ponto de vista inadmissível, enquanto que no humor o enunciador é apenas apresentado pelo locutor – que não partilha desse ponto de vista, mas não o corrige. (DUCROT, 1990, p. 23-24).

Robert Martin propôs uma maneira mais simples para estudar a presença do elemento positivo P na negação não-P: Não-P \rightarrow Não-Não-P é possível (Não-P \rightarrow P é possível). Baseado em sua fórmula, Martin considera inútil supor um enunciador positivo em P. Para ele, basta dizer que Não-P, como qualquer enunciado, subentende a possibilidade de seu contrário. (DUCROT, 1990, p. 26). Contudo, Ducrot responde a Martin com a objeção de que essa teoria não explica os casos de anáfora. Para comprovar essa afirmação, dá o seguinte exemplo:

Exemplo 09:

A: Pedro não veio.

B: Que lástima! Isso teria me deixado contente.

Para Ducrot, se a aplicação do pronome anafórico “isso” empregado por B pode ser explicada pelo fato de que o enunciado de A evoca uma possível vinda de Pedro, então haveria também um outro diálogo, que para ele é inconcebível: (DUCROT, 1990, p. 27).

Exemplo 10:

A': Pedro veio.

B': Que lástima! Isso teria me deixado contente.

Segundo ele, nesse diálogo, o “isso” de B' estaria se referindo à ausência de Pedro, cuja possibilidade é evocada pelo enunciado de A', em virtude da mesma regra que leva o enunciado de A a evocar a vinda de Pedro. Então, como aponta Ducrot, se só o primeiro diálogo é coerente, isso ocorre porque a presença do positivo no enunciado negativo é muito diferente da presença do negativo no enunciado positivo. (DUCROT, 1990, p. 27).

Para comprovar a eficiência da teoria polifônica da enunciação no caso da negação, Ducrot (1990) sugere ainda outro exemplo, desenvolvido por Fauconnier:

Exemplo 11: Em dada situação, algumas crianças estão brincando dentro de casa, quando acidentalmente quebram um vaso. No momento em que a mãe vê o vaso quebrado, pergunta às crianças o que aconteceu e elas juram não saber de nada. Por conta dessa resposta, a mãe afirma: “Então fui eu quem o quebrou!”

Conforme Ducrot, o enunciado proferido pela mãe daria a entender também “É possível que tenha sido eu quem quebrou o vaso!”. Porém, de acordo com a teoria da polifonia, o enunciado da mãe põe em cena um enunciador positivo (E1) “eu quebrei o vaso”, absurdo nessa situação. A mãe, juntamente com seus filhos, identifica esse E1 absurdo, mostrando-lhes que o argumento deles seria inaceitável. Por isso, como explica Ducrot, a negação é utilizada nesse caso para atribuir ao adversário uma posição impossível de legitimar – e é a polifonia interna à negação que a permite. (DUCROT, 1990, p. 28).

Resumindo, durante esse momento da Teoria da Argumentação na Língua, o sentido de um enunciado apresenta pontos de vista, cujas origens Ducrot denomina de enunciadores. (DUCROT, 1990, p. 65). Dessa forma, o primeiro elemento do sentido de um enunciado é a apresentação dos pontos de vista dos diferentes enunciados; e o segundo, a indicação da posição do locutor em relação aos enunciadores. (DUCROT, 1990, p. 66).

Primeiramente, o locutor pode se identificar com um dos enunciadores, como em uma asserção:

Exemplo 12: “Pedro veio”

No exemplo 12, o locutor apresenta um ponto de vista que indica a vinda de Pedro e o assume, impondo o ponto de vista desse enunciador. (DUCROT, 1990, p. 66).

Além disso, o locutor pode estar de acordo com um enunciador, como em um caso de pressuposição:

Exemplo 13: “Pedro parou de fumar”

No exemplo 13, o locutor indica que está de acordo com esse enunciador. Aqui, como em toda pressuposição, há o posto (Pedro não fuma atualmente) e o pressuposto (Pedro fumava antes). Ducrot afirma que nesse enunciado estão presentes dois enunciadores: E1 (Pedro fumava antes) e E2 (Pedro não fuma atualmente). O que resulta em: 1) L (locutor) dá sua aprovação a E1 (enunciador 01), concluindo que Pedro fumava, numa atitude de pressuposição; 2) L (locutor) se identifica com E2 (enunciador 02), concluindo que Pedro não fuma atualmente, o que retoma a noção de asserção. (DUCROT, 1990, p. 66-67).

Uma terceira atitude do locutor em relação ao enunciador é a de opor-se a esse enunciador, recusando o seu ponto de vista. É o caso do humor, já apresentado anteriormente, onde o locutor apresenta um ponto de vista absurdo, que ele mesmo rechaça, sem apresentar outro ponto de vista capaz de corrigir o anterior. (DUCROT, 1990, p. 67).

De modo a visualizar essas atitudes do locutor em relação aos enunciadores em um único exemplo, Ducrot (1990) propôs o seguinte enunciado:

Exemplo 14: “Sim, faz um bom tempo, mas estou com dor nos meus pés.” (Em resposta a um convite feito ao locutor para dar um passeio, em um belo dia.)

De acordo com os apontamentos de Ducrot, nesse enunciado, cujo objetivo é recusar o convite, o locutor (L) apresenta no mínimo quatro enunciadores: o enunciador 01 (E1) [Faz bom tempo], o enunciador 02 (E2) [Ir passear], o enunciador 03 (E3) [Estar com dor nos pés] e o enunciador 04 (E4) [Não poder ir]. Portanto, L concorda com E1, opõe-se a E2, e se identifica com E3 e E4. (DUCROT, 1990, p. 68-69).

Na ADL, Ducrot (1990, p. 76) estuda ainda pares de frases cujos enunciados designam a realização do mesmo ato quando o contexto é o mesmo, mas que possuem argumentações completamente diferentes. Por exemplo:

Exemplo 15: Pedro tem trabalhado pouco.

Exemplo 16: Pedro tem trabalhado um pouco.

Dentro de um contexto em que o trabalho conduz ao êxito, o exemplo 15 indica que Pedro irá fracassar e o exemplo 16 indica que Pedro irá ter sucesso. Com isso Ducrot comprova que as possibilidades argumentativas estão determinadas não só pelas ações, mas também pelas argumentações impostas pelas formas linguísticas (isto é, pelas orientações argumentativas). (DUCROT, 1990, p. 76-77). Ou seja, conforme o referido teórico conclui, a argumentação está marcada na língua (DUCROT, 1990, p. 80).

4.2.2 A Teoria dos *Topoi*: conceitos básicos e funcionamento na ADL

Na forma ampliada da teoria da ADL, Ducrot já não se ocupa diretamente da definição do ato de argumentação que o locutor realiza, porém do caráter argumentativo dos diferentes pontos de vista que se apresentam no enunciado. Segundo ele, um ponto de vista é argumentativo se são cumpridas duas condições: se esse ponto de vista tende a fazer uma conclusão; se, para chegar a essa conclusão, convoca um princípio argumentativo que ele chama de *topos*, que, conforme suas afirmações, é comum, geral e gradual. (DUCROT, 1990, p. 116).

A gradualidade consiste na relação estabelecida pelo *topos* entre as duas escalas P e Q, que não são necessariamente idênticas aos predicados presentes no enunciado. Por outro lado,

o *topos* faz corresponder a cada direção do trajeto recorrido no antecedente P uma direção do trajeto recorrido no consequente Q. (DUCROT, 1990, p. 116).

Por exemplo, quando dois enunciados estão unidos por “até mesmo”, ambos convocam o mesmo *topos*, embora o segundo o faça com um força superior à utilizada pelo primeiro. Isto é o que permite o “até mesmo” anular a ambiguidade dos enunciados que põe em relação, possibilitando a descoberta de qual é o *topos* convocado no enunciado. (DUCROT, 1990, p. 116-117).

Exemplo 17: “*Malware Mebrani* sobrevive até mesmo à formatação do HD.”²⁵

Ao proferir o enunciado acima, o locutor indica que não é possível deletar o *Malware Mebrani*, um tipo de vírus de computador – nem recorrendo à formatação do HD, que elimina todos os arquivos da máquina e é utilizada como último recurso para a solução de diversos problemas em informática. Então, o “até mesmo” dá a ideia da força do recurso da formatação do HD– e, também, do *malware* –, pois, se nem ela pode acabar com esse mal, não há mais o que fazer. Acabam-se as esperanças de salvar o computador. E essa noção não ocorreria se o conector “até mesmo” fosse retirado: *Malware Mebrani* sobrevive à formatação do HD.

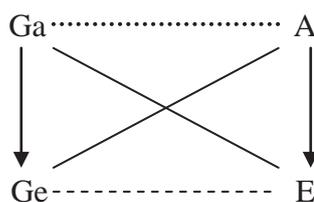
Ducrot justifica a noção de *topos* por meio da descrição do termo “quase”. Anscombe e ele já haviam tentado realizar a descrição desse conector com as ferramentas proporcionadas pela teoria *standard*. Porém, consideraram uma tarefa bastante difícil de ser realizada por diversas razões. A primeira fase da teoria levava a dizer que, se “quase x” é argumento para determinada conclusão, “x” é um argumento ainda mais forte para essa mesma conclusão – e eles se deparavam com objeções como a do caso da ambulância: o enfermeiro pode dizer ao condutor da ambulância “apresse-se, já está quase morto”, mas não “apresse-se, já está morto”; ou também a do exemplo do concerto: se o espetáculo começa às 20h, alguém pode dizer à pessoa que dirige o veículo “apresse-se, são quase 20h”, mas não “apresse-se, são 20h”, pois, nesse caso, já não valeria mais a pena ter pressa. (DUCROT, 1990, p. 121).

²⁵ Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/seguranca/13337-malware-mebrani-sobrevive-ate-mesmo-a-formatacao-do-hd.htm>>. Acesso em: 02 nov. 2011.

Ocupando-se da noção de *topos*, Ducrot explica que um enunciado “quase x” utiliza um *topos* que também pode ser convocado por um enunciado que contenha somente “x”, mas a expressão “quase x” o chama com uma força inferior. Assim, quando alguém diz “apresse-se, são quase 20h”, apoia-se num *topos* “quanto menos tempo temos para fazer algo, mais é preciso ter pressa”. (DUCROT, 1990, p. 121). O “quase” pode indicar também que há pouco passou das 20h. Por exemplo, considerando que alguns amigos cheguem atrasados ao concerto das 20h, e o motorista fala ao outro: “Não fique irritado, são quase 20h!” Conforme os estudos de Ducrot, uma indicação quantitativa pode convocar sempre dois *topoi* inversos. Por um lado, pode chamar um *topos* onde a primeira escala é “quanto mais aumenta a quantidade...” e, por outro lado, um *topos* “quanto mais diminui a quantidade...”. Desse modo, o enunciado “são 20h” pode convocar um *topos* “quanto mais tarde é...”, que Ducrot propõe chamar de T1. Assim, na escala anterior desse *topos*, haveria um grau designado por “20h”, tendo como graus mais fortes “20h05min”, “20h10min”, “20h15min, crescentemente, e, como graus mais fracos, os argumentos “19h55min”, “19h50min”, “19h45min”, em que “19h45min” é mais fraco do que “19h55min”. (DUCROT, 1990, p. 124).

Na ADL ampliada, Ducrot desenvolve ainda a noção de formas tópicas. O teórico coloca que, em um *topos* (T) onde a propriedade P é favorável à Q, o antecedente P é um fator do conseqüente Q. Assim, “quanto mais se sobe na escala P, mais se sobe na escala Q” e “quanto mais se desce na escala P, mais se desce na escala Q”. Isso indica que esse T possui duas formas tópicas recíprocas, FT1 “quanto mais P, mais Q” e FT2 “quanto menos P, menos Q”, que são linguisticamente diferentes, mas logicamente equivalentes. (DUCROT, 1990, p. 128-129). Já em um *topos* (T) “P se opõe a (ou impede) Q”, há as formas tópicas recíprocas FT1 “quanto mais P, menos Q” e FT2 “quanto menos P, mais Q” (DUCROT, 1990, p. 129).

Por meio da ADL, Ducrot estuda também as relações entre grupos de adjetivos. É o caso de “generoso” (Ge), “avaro” (A), “econômico” (E) e “gastador” (Ga), por exemplo (DUCROT, 1990, p. 136). Ele diz que muitos estudiosos recorrem às relações lógicas, principalmente através da construção de um “quadrado aristotélico”, para definir as similaridades e diferenças existentes entre os adjetivos anteriormente mencionados:



As flechas designam as relações de implicação unilateral (se alguém é avaro, forçosamente é econômico). As retas designam a contradição (se alguém é gastador, não é econômico e, se alguém não é gastador, é econômico). A linha pontilhada designa a contrariedade (não é possível ser gastador e avaro ao mesmo tempo, porém é possível não ser nem um nem o outro). A linha tracejada designa a subcontrariedade (é possível ser generoso e econômico ao mesmo tempo, porém não é possível não ser nem um nem o outro). (DUCROT, 1990, p. 137).

Porém, Ducrot (1990, p. 138) afirma que, para uma linguística interessada pelo discurso, o estudo dessas relações através dos *topoi* e das formas tópicas traz melhores resultados. Segundo ele, os adjetivos supracitados possuem dois *topoi* contraditórios, T1 e T2, o primeiro atribuindo um valor ao ato de gastar e o segundo ao ato de economizar. Assim, o teórico francês coloca que “generoso” e “avaro” convocam T1 a propósito da pessoa de quem se fala, pois, ao dizer que uma pessoa é generosa, o locutor está elogiando-a por respeitar T1. De modo contrário, os adjetivos “econômico” e “gastador” recorrem a T2, onde Econômico serve para elogiar alguém que respeita T2 e Gastador serve para criticá-lo por não respeitar tal *topos*. (DUCROT, 1990, p. 138).

Topos 1 = Gastar tem valor.

FT1 = + gasta + valor → generoso

FT2 = – gasta – valor → avarento

Topos 2 = Gastar não tem valor.

FT1 = – gasta + valor → econômico

FT2 = + gasta – valor → gastador

(DUCROT, 1990, p. 139)

Baseado nesse esquema, Ducrot (1990, p. 140-141) sustenta que o adjetivo E convoca o *topos* “quanto menos se gasta, mais valor se tem” e o convoca duas vezes, porque apresenta dois enunciadores (E1 e E2). O primeiro é assimilado à pessoa de quem se fala e o segundo, à pessoa que fala. Desse modo, quando um locutor diz “Pedro é econômico” está dizendo que Pedro não valoriza o ato de gastar, e o locutor, por sua vez, identifica-se com alguém que julga Pedro com esse mesmo *topos* que desvaloriza o ato de gastar. O adjetivo A apresenta também dois enunciadores (E’1 e E’2). O primeiro é identificado com a pessoa de quem o locutor fala, ou seja, de Pedro. Em consequência, o enunciador E’1 está em conformidade com o ponto de vista de Pedro, o avaro. Então, a forma tópica utilizada por Pedro é “quanto menos se gasta, mais valor se tem”. No entanto, quando o locutor julga Pedro, o faz de outro ponto de vista, o enunciador E’2, que valoriza o gasto, usando a forma tópica “quanto menos se gasta, menos valor se tem”.

Com a noção de *topos*, o sentido é buscado em noções independentes da língua, o que causava um rompimento com o princípio saussuriano, segundo o qual a língua só pode ser estudada a partir dela mesma, o que desagradava Ducrot e Anscombe. Foi tentando solucionar esse rompimento com o princípio saussuriano que Marion Carel desenvolveu a nova teoria inspirada na ADL, defendida em 1992, em sua tese. A Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) trabalha com a noção de interdependência semântica entre dois predicados unidos por “portanto” ou “mesmo assim”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 12-13).

4.3 A TEORIA DOS BLOCOS SEMÂNTICOS

Na TBS, os discursos argumentativos evocados por uma expressão (entidade linguística) têm o nome de “encadeamentos argumentativos”, cuja fórmula geral pode ser esquematizada como: X CONECTOR Y. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 13-14). Isto é, um encadeamento argumentativo é formado por dois segmentos, X e Y, unidos por um CONECTOR, que pode ser “normativo” ou “transgressivo”, conectores do tipo “portanto” ou “mesmo assim”, respectivamente. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 14).

Um encadeamento normativo não precisa necessariamente apresentar o termo “portanto”, mas seu sentido deve resultar na fórmula X portanto Y:

- Pedro é prudente, portanto não terá nenhum acidente.
- Se Pedro é prudente, então não terá nenhum acidente.
- A prudência de Pedro tem como consequência que ele não terá nenhum acidente.

(CAREL; DUCROT, 2005, p. 14).

O mesmo acontece com os encadeamentos transgressivos, que não precisam necessariamente apresentar a expressão “mesmo assim”:

- Pedro é prudente, mesmo assim sofreu acidentes.
- Ainda que Pedro seja prudente, sofreu alguns acidentes.
- Apesar de ser prudente, Pedro corre o risco de sofrer acidentes. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 14).

Um dos fenômenos mais importantes dentro da TBS é de “interdependência semântica”, que pode ser observado nos exemplos abaixo:

Exemplo 01: É um verdadeiro problema, posterguemos o assunto, não nos ocupemos disso no momento.

Exemplo 02: É um verdadeiro problema, portanto não posterguemos o assunto.

Exemplo 03: Não é um verdadeiro problema, portanto não posterguemos o assunto.

Exemplo 04: Não é um verdadeiro problema, portanto posterguemos o assunto. Não falemos mais do tema. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 16).

Nos encadeamentos 01 e 03, “problema” significa “dificuldade”, “questão perturbadora”, pois indica que há uma necessidade de tempo para refletir sobre a melhor maneira de resolver o empecilho. Porém, como o exemplo 01 apresenta um verdadeiro problema, precisa-se de tempo para resolvê-lo, e, como exemplo 03 não apresenta um problema difícil de solucionar, não é preciso muito tempo para resolvê-lo. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 17).

Já nos encadeamentos 02 e 04, “problema” significa “questão urgente”, pois indica que um problema pode ser algo grave, que pode ter consequências dramáticas. Assim, em 02, como há um problema grave, é preciso resolvê-lo o mais depressa possível, enquanto que em 04, como não há um grande problema, há a opção de estudá-lo em outro momento. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 17).

Por isso, conforme as relações de positividade e/ou negatividade estabelecidas entre um segmento e outro de um encadeamento e o conector selecionado, o sentido muda.

Na construção dos encadeamentos, usam-se, geralmente, as siglas DC, para “portanto”, e PT, para “mesmo assim”. Isso porque, na língua francesa, *donc* (DC) significa “portanto” e *pourtant* (PT) significa “mesmo assim”.

Além disso, chama-se de aspecto A DC B o conjunto de encadeamentos argumentativos normativos X DC Y em que X contém A e Y contém B. Segundo Carel e Ducrot (2005, p. 20), o aspecto A DC B contém os encadeamentos como “o hotel está perto da universidade, portanto é fácil chegar”, mas igualmente o encadeamento “a catedral está perto da universidade, portanto é fácil chegar”, e também o encadeamento “meu quarto está perto do seu, portanto é fácil chegar”, etc., dado que em todos estes casos o pertinente é “A”, “perto”, e “B”, “fácil chegar”.

Em consequência, chama-se aspecto A PT B o conjunto de encadeamentos argumentativos transgressivos em que X contém A e Y contém B, sem que nem A nem B sejam objeto de uma negação. No entanto, resultaria em um enunciado absurdo dizer que “o hotel está perto da universidade, mesmo assim é fácil chegar”. Por isso, acrescenta-se a negação, o que forma o enunciado “o hotel está perto da universidade, mesmo assim não é fácil chegar”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 20-21)

Com a introdução das negações, seria possível a obtenção de mais seis enunciados diferentes: “o hotel não está perto da universidade, portanto é fácil chegar” (Neg-A DC B); “o hotel não está perto da universidade, mesmo assim é fácil chegar” (Neg-A PT B); “o hotel está perto da universidade, portanto não é fácil chegar” (A DC Neg-B); “o hotel não está perto da universidade, portanto não é fácil chegar” (Neg-A DC Neg-B); “o hotel está perto da

universidade, mesmo assim não é fácil chegar” (A PT Neg-B); “o hotel não está perto da universidade, mesmo assim não é fácil chegar” (Neg-A PT Neg-B). (CAREL; DUCROT, 2005, p. 21) Portanto, é possível observar que, com dois predicados A e B, pode-se construir um conjunto de oito encadeamentos.

E, quanto à sensatez dos encadeamentos resultantes, Carel e Ducrot (2005, p. 22) afirmam que as informações em si mesmas não têm importância. Somente a escolha do conector, seja ele um DC ou um PT, determina que o enunciado seja possível ou absurdo.

Conforme colocam Carel e Ducrot (2005, p. 22, 23), os encadeamentos pertencentes aos aspectos A DC B, A PT Neg-B, Neg-A PT B e Neg-A DC Neg-B estão interligados, uma vez que os segmentos A e B são influenciados da mesma maneira por sua presença em cada encadeamento. Em outras palavras, em cada encadeamento se produz a mesma interdependência semântica entre A e B. Por outro lado, os quatro aspectos restantes (A DC Neg-B, A PT B, Neg-A DC B e Neg-A PT Neg-B) formam outro bloco semântico (ou quadrado argumentativo).

Faz-se necessário salientar que um encadeamento argumentativo de discurso não é uma relação entre duas informações, sendo que o importante nesse tipo de encadeamento é o conector. Além disso, a interdependência semântica entre os segmentos A e B pode ser a mesma, ainda que com conectores distintos. E, segundo Carel e Ducrot (2005, p. 24-25), é assim que eles desejam manter sua posição estruturalista. Eles procuram explicar a língua pelo discurso, que não se baseia nem em coisas nem em pensamentos. E, de acordo com a TBS, qualquer segmento de discurso pode unir-se a outro, com a condição de que se utilize o conector adequado. Para eles, aqui reside a superioridade dessa teoria sobre a dos *topoi*, cuja descrição argumentativa fazia intervir propriedades do mundo.

Para exemplificar a construção dos blocos semânticos, Carel e Ducrot (2005) elaboraram os seguintes encadeamentos:

Bloco Semântico 01 (BS1):

Ex.01: É tarde, portanto Pedro deve estar em seu escritório

Ex.02: É tarde, mesmo assim Pedro não deve estar em seu escritório. (p. 31)

Ex.03: É cedo, portanto Pedro não deve estar em seu escritório.

Ex.04: É cedo, mesmo assim Pedro deve estar em seu escritório. (p. 33)

Bloco Semântico 02 (BS2):

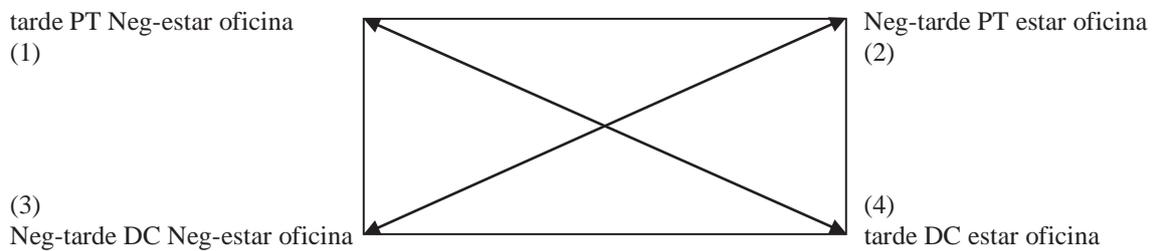
Ex.01': É cedo, portanto Pedro deve estar em sua oficina.

Ex.02': É cedo, mesmo assim Pedro não deve estar em sua oficina.

Ex.03': É tarde, portanto Pedro não deve estar em sua oficina.

Ex.04': É tarde, mesmo assim Pedro deve estar em sua oficina. (p. 34)

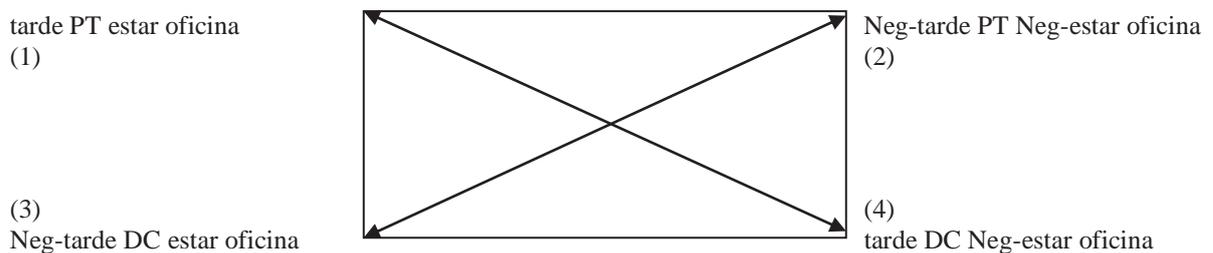
* BS1 (Tempo que traz os acontecimentos):



A é favorável a B: o tempo que traz é favorável à presença das coisas.

A = tarde / B = estar na oficina (p. 34)

* BS2 (Tempo que leva os acontecimentos):



A é desfavorável a B: o tempo que destrói é desfavorável à presença das coisas.

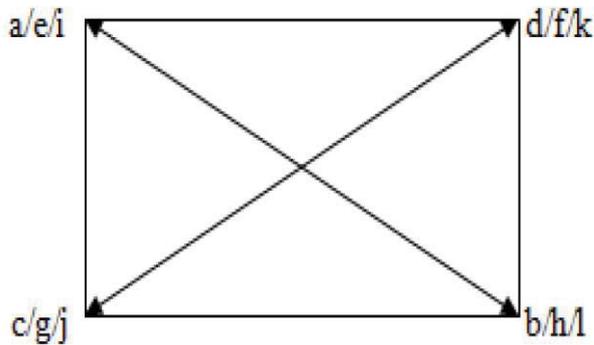
A = tarde / B = estar na oficina (p. 35)

De acordo com Carel e Ducrot (2005, p. 35), nos exemplos relativos a “problema” e “estar em sua oficina” foram formados dois blocos que dão a A e B dois sentidos diferentes. Assim, nos quatro aspectos do BS1, A e B têm o mesmo sentido, enquanto nos quatro aspectos do BS2 também compartilham do mesmo sentido – diferente ao de BS1. Porém, existem outras possibilidades: em outros casos, o BS2 pode ter algo absurdo (é o que pode ser visto nos exemplos de “perto” e “fácil chegar”, em que quatro aspectos eram possíveis e quatro não); e, em situações diversas das estudadas aqui, o BS1 pode ser doxal (quando expressa uma opinião favorável à comum) e o BS2, paradoxal (quando expressa uma opinião contrária à comum). Estas são as três possibilidades existentes para as relações entre os blocos: ou há troca de sentido, ou um dos blocos é sem sentido, ou um dos blocos é doxal e o outro paradoxal.²⁶

De modo a simplificar a construção dos blocos semânticos, Carel e Ducrot (2005, p. 39-40) colocam algumas convenções de escrita. Para os conectores, os teóricos supracitados utilizam a sigla CON, que indica tanto os encadeamentos normativos quanto os encadeamentos transgressivos. No entanto, por exemplo, enquanto a sigla CON designar um conector normativo (DC), a sigla CON’ designará o conector transgressivo, e vice-versa. Além disso, a letra X designa o aspecto A e a letra Y designa o aspecto B, podendo ambas conter negações. Assim, X pode ser tanto A quanto Neg-A e Y pode ser tanto B quanto Neg-B.

Carel e Ducrot (2005, p. 40-46) comentam sobre as relações discursivas estabelecidas entre os encadeamentos presentes nos quadrados. O quadrado argumentativo abaixo ajuda a entendê-las:

²⁶ “[...] Estas son las tres posibilidades que tenemos para las relaciones entre los dos bloques: o bien hay cambio de sentido, o bien uno de los bloques es un sinsentido o bien uno de los bloques es doxal y el otro paradójico.[...] (CAREL; DUCROT, 2005, p. 35).



* Legenda:

a/e/i = A CON B

b/h/l = A CON' Neg-B

c/g/j = Neg-A CON' B

d/f/k = Neg-A CON Neg-B

CON = DC (portanto)

CON' = PT (mesmo assim)

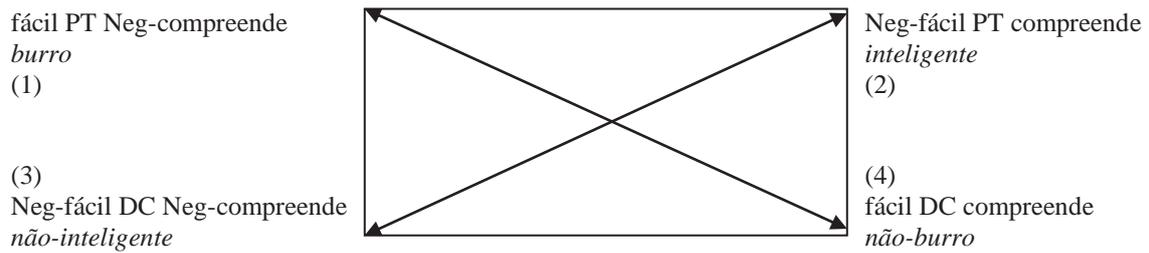
Neg- = negação

Dentro de um bloco semântico (ou quadrado argumentativo):

- Os aspectos (a) e (b) assim como (c) e (d) são chamados *conversos*.
- Os aspectos (e) e (f) assim como (g) e (h) são chamados *recíprocos*.
- Os aspectos (i) e (j) assim como (k) e (l) são chamados *transpostos*.

Na relação de conversão, o primeiro termo se conserva, muda-se o conector e o segundo termo é negado. Na relação de reciprocidade, os termos que se encontram de um lado e de outro do conector são negados, mantendo-se o conector. E, na relação de transposição, nega-se o primeiro termo, muda-se o conector e mantém-se o segundo termo.

Carel e Ducrot (2005, p. 47) estudam também a significação das palavras por meio dos quadrados argumentativos. Por exemplo:



O bloco semântico acima corresponde ao BS1 e tem como aspecto A a expressão “fácil” e como B a expressão “compreender”.

- O encadeamento “ainda que seja fácil, não compreende”, correspondente ao que se entende por “burro”, pertence ao aspecto A PT Neg-B e, por conta disso, foi colocado no ângulo (1).
- O encadeamento “mesmo que não seja fácil, ele entende”, correspondente ao que se entende por “inteligente”, pertence ao aspecto Neg-A PT B e, por conta disso, foi colocado no ângulo (2).
- O encadeamento “não é fácil, portanto não entende”, correspondente ao que se entende por “não-inteligente”, pertence ao aspecto Neg-A DC Neg-B e, por conta disso, foi colocado no ângulo (3).
- O encadeamento “é fácil, portanto compreende”, correspondente ao que se entende por “não-burro”, pertence ao aspecto A DC B e, por conta disso, foi colocado no ângulo (4).

Pode-se trabalhar com as relações discursivas baseando-se no quadrado argumentativo exposto acima:

- Conversão:

“Pedro é burro” (1)

“Pedro não é burro” (4)

(uma negação da condição anterior)

“Pedro é inteligente” (2)

“Pedro não é inteligente” (3)

(uma negação da condição anterior)

- Reciprocidade:

“Pedro é burro” (1)

“Pedro é inteligente” (2)

(uma condição contrária à anterior)

“Pedro não é inteligente” (3)

“Pedro não é burro” (4)

(uma condição contrária à anterior)

- Transposição:

“Pedro é burro” (1)

“Pedro não é inteligente” (3)

(uma atenuação da condição anterior)

“Pedro é inteligente” (2)

“Pedro não é burro” (4)

(uma atenuação da condição anterior)

Ou:

“Pedro não é inteligente” (3)

“Pedro é burro” (1)

(uma acentuação da condição anterior)

“Pedro não é burro” (4)

“Pedro é inteligente” (2)

(uma acentuação da condição anterior)

Na Teoria dos Blocos Semânticos, Carel e Ducrot estudam a argumentação externa (AE) e a argumentação interna (AI) nos encadeamentos.

Segundo eles (2005, p. 62), a argumentação externa de uma entidade “e” é constituída pelos encadeamentos em que “e” pode ser tanto a origem quanto o término desses. Ou melhor, a AE é formada pelos encadeamentos que vão até “e” ou que vêm de “e”. Por exemplo:

- AE de “prudente”:

Pedro é prudente, portanto não terá acidentes.

Pedro é prudente, portanto estará seguro.

Tem medo, portanto é prudente.

Pode-se observar que na AE da entidade que possui essa argumentação ela mesma é uma parte da argumentação. Em outras palavras, a entidade linguística faz parte dos encadeamentos externos que a descrevem. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 63). Esses teóricos explicam que um aspecto correspondente à argumentação externa de “e”, “prudente DC segurança”, por exemplo, possuirá o aspecto “e CON X” (prudente DC segurança) e também o aspecto “e CON Neg-X” (prudente PT Neg-segurança). Desse modo, se um aspecto de uma AE é em DC, na mesma AE haverá outro aspecto em PT mais Neg com as mesmas A e B, e vice-versa. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 63).

Existem duas categorias de argumentações externas: a AE à direita e a AE à esquerda. A primeira está constituída pelas continuações (e CON X), enquanto a segunda é formada pelo que precede a entidade “e” (X CON e). Assim, na AE à direita de “prudente”, podem ser encontrados tanto “prudente DC segurança” como “prudente PT Neg-segurança”. E, na AE à esquerda de “prudente”, “tem medo DC é prudente” e “Neg-tem medo PT é prudente”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 63).

Essas AE de uma entidade podem ser estruturais ou contextuais. As estruturais fazem parte da significação linguística da entidade, estando previstas pela língua; por exemplo: “prudente DC segurança” e “prudente PT Neg-segurança”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 63-64). As contextuais são vinculadas à entidade pela situação do discurso; por exemplo:

“prudente DC merece confiança” e “prudente PT não merece confiança”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 64).

Já a argumentação interna (AI) de uma entidade “e” é formada por aspectos pertencentes aos encadeamentos que parafraseiam a referida entidade. Porém, os encadeamentos que fazem parte da AI de “e” não contêm “e” como segmento constitutivo, tendo em vista que a AI é um tipo de paráfrase. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 64-65).

Além disso, uma vez que pode ser encontrado na AI de “e” um aspecto “X CON Y”, não pode ser encontrado nessa mesma AI um aspecto que contenha o encadeamento converso “X CON’ Neg-Y”. Por exemplo, na AI de “prudente” há “perigo DC precaução”, mas não “perigo PT Neg-precaução”, levando-se em conta que este último é a AI da palavra “imprudente”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 65).

Carel e Ducrot analisam também as AI de palavras concretas, como a da palavra “porta”. Eles colocam que as portas são inseridas entre dois espaços que estão separados. Porém, por outro lado, a porta tem a função de impedir a separação, de estabelecer a comunicação entre ambientes. Então, tanto separação quanto comunicação deverão fazer parte da AI de “porta”. E, como conector, deve-se eleger PT, tendo em vista que a porta permite a comunicação, mesmo que as coisas estejam separadas. Assim, a AI de “porta” é: “separação PT comunicação”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 68-69).

Ducrot e Carel desenvolveram ainda um modo de construir as AI de sintagmas e orações. Por exemplo, qual seria a AI da seguinte frase: “O autor de ‘O Lago’ é genial.”? De acordo com a proposta desses estudiosos, seria: “X escreveu ‘O Lago’ DC X é genial”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 73). Preveem uma objeção a esse método, colocando que algumas pessoas poderiam dizer que todos os elementos da expressão inicial se encontram na AI exposta acima. No entanto, concluem que a expressão inicial “e” (“O autor de ‘O Lago’ é genial.”) não constitui um de seus segmentos, não sendo nem o que precede nem o que sucede o conector.

As AI também podem ser estruturais ou contextuais. As estruturais fazem parte da significação linguística da entidade; por exemplo: a AI de “perigo DC precaução” é estrutural

à entidade “prudente”, levando-se em conta que é constituinte da definição linguística da palavra “prudente”. E as contextuais são produzidas pelo discurso; por exemplo: num discurso “chamo ‘livre’ a quem faz o que a sociedade proíbe”, cuja AI de “livre” é “proibido DC faz”, essa AI é contextual porque é determinada pelo discurso, não um consenso linguístico. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 76-77).

As noções de argumentação externa e argumentação interna ajudam a compreender melhor as situações em que um encadeamento é doxal ou paradoxal. Segundo Carel e Ducrot (2005, p. 79-80), um encadeamento argumentativo X CON Y é doxal quando pertencente a um dos aspectos da AE estrutural de X ou de Y. Como exemplo, utilizam o encadeamento “havia perigo DC Pablo tomou precauções”, pois pertence ao aspecto “perigo DC precaução”, que, por sua vez, pertence à AE de “havia perigo”. E, de acordo com esses teóricos, um encadeamento argumentativo X CON Y é paradoxal quando a AE estrutural de X ou de Y é X CON Y. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 81). Como exemplo, utilizam o encadeamento “inclusive se Pedro é prudente, não lhe ocorrerá nada de mal”, pois sua AI é “Pedro é prudente PT não lhe ocorrerá nada de mal”, que resulta em um encadeamento bastante estranho, contrário ao que Carel e Ducrot dão como AE de “Pedro é prudente”, ou seja, “Pedro é prudente DC não lhe ocorrerá nada de mal”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 83).

Os pesquisadores supracitados trabalham também com as noções de sintagmas doxais e paradoxais, e de palavras doxais e paradoxais. Conforme seus estudos, um sintagma doxal é um sintagma cuja AI é um encadeamento doxal. Assim, em “acordo cordial” tem-se a AI “X ama Y DC X se dá bem com Y”, encadeamento doxal, porque é uma AE estrutural de “X ama Y”. E, a partir disso, é possível definir as palavras doxais. Por exemplo, a AI de “inteligente” é “difícil PT compreende”; e essa introdução de PT entre “difícil” e “compreende” constitui parte da AE estrutural de “difícil”, na qual se encontram “difícil DC não compreende” ou “difícil PT compreende”. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 83-84). Exemplificam ainda a existência dos sintagmas paradoxais com a expressão “mentiroso sistemático”. Segundo eles, um “mentiroso sistemático” é alguém que mente sempre, resultando na AI “disse DC não o pensa”. E explicam que “masoquista” é um exemplo de palavra paradoxal, que tem como AI “sofre DC está satisfeito”. Conforme comentam os referidos teóricos, na AE de “sofrer” estão incluídos os aspectos “sofre DC não está satisfeito” e “sofre PT está satisfeito”. Portanto, o sofrimento é visto pelo senso comum como algo que deve ser rechaçado; mas o masoquista

está contente por sofrer, colocando um DC entre o sofrimento e a satisfação. (CAREL; DUCROT, 2005, p. 85).

4.4 A REVISÃO DA TEORIA POLIFÔNICA DA ENUNCIACÃO

Em 2006, Carel e Ducrot realizaram uma revisão teórica, publicada no Brasil em 2008, na Revista “Letras de Hoje” (da PUC-RS), sob o título de “Descrição Argumentativa e Descrição Polifônica: o caso da negação”. Segundo eles, com esse texto, pretendiam indicar algumas modificações ou explicitações surgidas há alguns anos na teoria da polifonia. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 07).

De acordo com a teoria da polifonia, o locutor tem dois tipos de relações com os enunciadores que coloca em cena no enunciado. Ele os assimila a seres determinados ou indeterminados e toma certas atitudes em relação a esses enunciadores. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 07).

A assimilação é executada com um ser determinado num caso em que, por exemplo, tem-se um enunciado do tipo “eu me sinto cansado”, em que a origem do ponto de vista que indica o cansaço é o próprio locutor. Ou em casos do tipo “segundo meu médico, estou cansado”, em que o diagnóstico do cansaço é atribuído ao médico. Por outro lado, a assimilação é indeterminada em ocasiões do tipo “segundo certos filósofos, e não os menores, é preciso admitir que p” ou “as pessoas que pensam sabem que p”, em que o enunciador de “p” é assimilado às pessoas que pensam ou a certos filósofos. Esse tipo de assimilação também ocorre quando há enunciados do tipo “segundo os bons estudantes, a prova era fácil” e “parece que fará bom tempo amanhã”, cuja determinação dos “bons estudantes” e das pessoas que autorizam o locutor a dizer “parece” é inviável, já que o sentido do enunciado não contém nenhuma resposta a essas perguntas. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 07).

As atitudes que o locutor toma em relação aos enunciadores (que são consideradas por Carel e Ducrot em seus estudos) são o assumir, o concordar e o opor-se. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 07-08). De acordo com essa revisão da teoria da polifonia, o locutor intervém duas vezes em relação aos enunciadores, uma para assimilá-los e outra para tomar posição em relação a eles. Assim, é possível que qualquer assimilação seja compatível com qualquer

atitude, diferente de como era a teoria anteriormente, onde a identificação ao locutor servia ora ou outra para designar o assumir e o assimilar-se ao locutor. Atualmente, a assimilação ao locutor não é considerada uma condição necessária ao assumir, levando-se em conta a possibilidade de que o locutor assuma um enunciador ao qual ele não é assimilado. Desse modo, dizendo “parece que João virá”, por exemplo, profere-se algo no qual alguém pode se apoiar e que é impossível colocar em dúvida. E, falando “os filósofos pensam que a Terra é redonda”, essa opinião é imposta, diante do fato de que essa ideia vem de outro, principalmente de alguém digno de credibilidade. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 08).

Além disso, a assimilação do enunciador ao locutor não é necessária para que exista o assumir e ela pode ser realizada sem esse último. Isso ocorre quando é dado um ponto de vista como sendo seu, sem a responsabilidade de sustentá-lo no discurso: por exemplo, quando o locutor diz “esse filme é excelente, definitivamente o melhor do ano”, em que pede ao destinatário que aceite a qualificação “excelente”, sem impor essa opinião a ele. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 08).

Assim, a distinção entre a atitude e a assimilação leva a suprimir o conceito de identificação usado de maneira esporádica nas versões anteriores, conduzindo, por outro lado, a dar ao enunciador um papel indispensável pouco claro anteriormente. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 09).

Para Carel e Ducrot (2008, p. 10), o significado de uma expressão resulta de diferentes argumentações que são evocadas pelo emprego dessa expressão. E, segundo eles, essa concepção de significação traz consequências importantes à descrição polifônica, no que tange à natureza dos “pontos de vista” associados aos enunciadores.

Quanto à noção de pressuposição linguística, Carel e Ducrot (2008, p. 12) indicam alterações também para esse tópico:

A noção de pressuposição linguística, tal como ela aparece, por exemplo, em Ducrot (1972), serve para aproximar numerosos fenômenos à primeira vista muito diferentes. De um lado, aqueles que são ligados às “descrições definidas”: o enunciado “a mulher de Pedro sofreu um acidente” pressupõe que Pedro tem uma mulher e põe o acidente do qual ela foi vítima. A pressuposição serve também para

descrever as estruturas proposicionais factitivas: “João sabe que p” pressupõe “é verdade que p” e põe que João acredita que p. Enfim ela permite descrever as construções sintáticas que indicam a continuação ou a cessação de um estado “Pedro continua a fumar” pressupõe que ele fumava no passado e põe que ele fuma atualmente. A hipótese que vamos propor consiste em manter a noção de pressuposição só para o primeiro tipo de fenômeno.

De acordo com os estudos de Carel e Ducrot (2008, p. 12), o sentido dos três tipos de frase é dividido em dois elementos (posto e pressuposto) porque algumas transformações sintáticas modificam apenas um desses elementos, deixando o outro inalterado. É o caso da negação, em que o pressuposto é conservado e somente o posto é invertido. Assim, a negação de um enunciado com pressuposto introduz dois enunciadores suplementares: um retoma o pressuposto do enunciado positivo (com o qual o locutor concorda) e o outro (assumido), cujo ponto de vista é contrário ao do posto do enunciado positivo.

Essa análise pressuposicional foi criticada por dissociar a unidade semântica do enunciado, colocando dois conteúdos independentes. Carel e Ducrot (2008, p. 12) afirmam aceitar a crítica se esse desmembramento significar que os conteúdos do posto e do pressuposto não têm sentido sozinhos, o que alteraria a natureza de ambos, por atribuir-lhes enunciadores separados.

Segundo os teóricos em foco, encontram-se na argumentação interna da expressão negativa encadeamentos conversos aos constituintes da argumentação interna da expressão positiva. Desse modo, como exemplificam, se “João é prudente” indica o aspecto “perigo DC desistência”, “João não é prudente” indica, por sua vez, o aspecto “perigo PT Neg-desistência”. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 13). Assim, conforme colocam Carel e Ducrot (2008, p. 13), “[...] admitindo-se que o enunciado negativo tem uma argumentação interna conversa à do enunciado positivo correspondente, o enunciado negativo deverá conservar o suporte do enunciado positivo, conservação que não é mais necessário compreender como a conservação dos pressupostos. [...]”

Carel e Ducrot (2008, p. 13-14) elaboram duas classes entre os enunciados pressuposicionais. A primeira é composta por aqueles em que o posto e o pressuposto estão em uma relação argumentativa (como é o caso dos enunciados construídos com “saber”, “continuar”, etc.). A segunda, por aqueles em que o posto e o pressuposto estão ligados

argumentativamente de maneira aparentemente arbitrária (como é o caso do enunciado “o rei da França é sábio”, por exemplo, onde eles não veem motivos para inserir um DC ou um PT entre a existência do rei e sua sabedoria). Na primeira, eles renunciam à descrição pressuposicional e à polifonia à qual está ligada. Na segunda, mantêm, até o momento, a descrição pressuposicional e polifônica usual.

Carel e Ducrot (2008, p. 17) salientam que o enunciado positivo “p” coloca em cena pelo menos três enunciadores: E1, E2 e E3. O E1 exprime um dos dois aspectos conversos da AE à direita de “p”, além de evocar o encadeamento que o particulariza. Desse modo, no nível do enunciado ocorre uma opção no interior da dupla de conversos que constituem a AE à direita da frase: decide-se continuar com um *donc* ou continuar com um *pourtant* converso. Quanto ao E2, relativo à argumentação externa à esquerda, acontece o mesmo procedimento, sendo que a única mudança diz respeito ao fato de que a escolha é realizada entre transpostos. Já o E3 exprime o aspecto e evoca o encadeamento presente do ponto de vista interno na frase “p”.

Na elaboração de uma descrição do enunciado negativo “p*”, serão encontrados todos os enunciadores presentes no enunciado “p”, de um lado, e os enunciadores negativos cujos pontos de vista resultem de transformações dos pontos de vista dos enunciadores positivos, de outro. O E*1 tem por ponto de vista o aspecto e os encadeamentos recíprocos daqueles que constituem o ponto de vista do enunciador positivo E1. O mesmo acontece com E*2, cujo ponto de vista é recíproco ao de E2. Por fim, o ponto de vista de E*3 é transformado por conversão do ponto de vista de E3, no caso da negação polêmica. Então, E*3 é capaz tanto de exprimir o aspecto “perigo PT Neg-desistir” quanto evocar encadeamentos pertencentes a esse aspecto, sendo esses últimos, portanto, conversos dos encadeamentos evocados por E3. E, no caso da negação “metalinguística”, há transposição e não conversão. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 17-18).

As atitudes do locutor em relação aos enunciadores do enunciado negativo são: recusar os enunciadores positivos E1, E2 e E3 e assumir (ou concordar com) os enunciadores negativos E*1, E*2 e E*3. No entanto, os autores confessam que um trabalho inteiro fundamentado no estudo de exemplos seria necessário para melhorar essa caracterização, bem

como o acréscimo de outra atitude, a de abstenção, que seria uma recusa de tomar posição por parte do locutor. (CAREL; DUCROT, 2008, p. 18).

Portanto, é possível verificar que a Teoria da Argumentação na Língua, a Teoria Polifônica da Enunciação e a Teoria dos Blocos Semânticos não são conceitos estagnados, pois estão sempre passando por testes e estudos, sofrendo, constantemente, o acréscimo ou a substituição de noções. Por exemplo, no momento, Ducrot, Carel, juntamente com sua equipe de pesquisadores, desenvolvem a Teoria da Argumentação Polifônica (TAP), trazendo uma nova perspectiva às análises argumentativas. Essa nova teoria tem seus principais pontos elencados abaixo.

Ao observar o modo como o termo “polifonia” vinha sendo empregado, Carel e Ducrot (2010, p. 10) constataram que a polifonia estava sendo apresentada com certa imprecisão, provavelmente em virtude da vontade de se opor à doxa linguística e, ao mesmo tempo, de realizar concessões ao bom senso que parece fundamentar essa doxa. Por isso, em oposição às interpretações já existentes de polifonia, Carel e Ducrot (2010, p. 12) procuram, atualmente, desenvolver uma teoria polifônica mais condizente com os seus propósitos originais. Assim, descrevem os elementos da significação por conjuntos de tripés (CAREL; DUCROT, 2010, p. 15-16). Cada um desses tripés comporta a indicação de um conteúdo, a atitude do locutor diante desse conteúdo e a especificação de um enunciador. Esse enunciador é, conforme argumentam, “responsável” pelo conteúdo e não pode ser absorvido na atitude.

Diante de um determinado conteúdo, o locutor pode tomar três atitudes (CAREL; DUCROT, 2010, p. 16): ou ele assume o conteúdo, transformando a sua comunicação no objeto do enunciado e articulando esse conteúdo a outro discurso; ou ele concorda com o conteúdo, como em um caso de pressuposição, pondo esse conteúdo fora do discurso e recusando-se a torná-lo um objeto possível de discussão²⁷; ou, exclui o conteúdo, como em um caso de negação, onde o locutor de um enunciado negativo “não X” discorda do conteúdo de X. Por exemplo, em um caso do tipo “eu acredito muito na ciência” (bordão proferido inúmeras vezes pelo humorista Renato Aragão), o locutor, o personagem Didi Mocó (criado e interpretado por Renato Aragão), assume esse conteúdo; em um caso de pressuposição, a

²⁷ “[...] Aí, ainda, poderia parecer razoável reduzir essa atitude à designação de um ‘responsável’. É suficiente dizer [...] que o conteúdo acordado é atribuído a um ON (SE) – enunciador, a um tipo de doxa ou de voz pública, e que essa atribuição esgota a atitude de acordo. [...]” (CAREL; DUCROT, 2010, p. 16).

título de ilustração, “João parou de fumar”, pressupõe-se que João fumava antes – e, por conta disso, o locutor concorda com esse conteúdo; e, por último, em um caso de negação, como “João não é meu amigo”, o locutor discorda de “João é meu amigo”.

Conforme discorrem Carel e Ducrot (2010, p. 19-20), o enunciador deve estar situado fora do conteúdo, porque o que importa ao sentido do enunciado não é a identidade individual dos enunciadores, porém o modo particular pelo qual eles preenchem o papel geral que lhes é conferido. Esse papel é o de oferecer garantias aos conteúdos, as quais, atualmente, são denominadas “Pessoas”. Por exemplo, nos casos “os filósofos nos asseguram que as coisas pesadas caem por si próprias”, “o último filme de Woody Allen fracassou totalmente” e “parece que João parou de fumar”, o locutor assume esses conteúdos e a Pessoa que os garante é um Ele, ou seja, um terceiro. Por outro lado, em uma exclamação de dor, “Ai!”, por exemplo, o locutor pode ser considerado o responsável pelo conteúdo, uma vez que o ato de dizer atesta a validade do que é dito e assegura, de modo honesto ou mentiroso, a existência dessa dor. Nesse caso, então, a Pessoa que garante o conteúdo é o próprio Locutor, ou L. E, além dessas duas, há outra Pessoa, o Mundo. Os conteúdos garantidos pelo Mundo são aqueles que se referem a enunciados científicos e a um grande número de nossas afirmações cotidianas, por exemplo, “quem trabalha é honesto”, o qual ilustra a crença de que todo trabalhador é honesto.

Outro estudioso, Alfredo Lescano, distingue uma quarta Pessoa, o Testemunho, cuja presença está, sobretudo, em um certo tipo de narrativa, a qual ocorre quando um narrador é onisciente e não intervém no acontecimento e na ordem dos fatos, apenas os acompanha e os narra (CAREL; DUCROT, 2010, p. 20).

No capítulo 5, será explicitada a metodologia empregada nesta dissertação, apresentando o processo de seleção do *corpus* e os procedimentos utilizados na análise do conteúdo escolhido para estudo.

5 METODOLOGIA

5.1 SELEÇÃO DO *CORPUS*

Para cumprir com os objetivos propostos nesta pesquisa, foram escolhidas oito (8) músicas compostas por quatro (04) bandas *punk* de diferentes regiões, sendo que cada banda contará com duas canções.

As bandas que terão suas músicas estudadas são, por ordem alfabética: Camisa de Vênus (BA), Cólera (SP), Os Replicantes (RS) e Plebe Rude (DF).

A Camisa de Vênus foi fundada em Salvador, em 1982, por Marcelo Nova, Robério Santana, Karl Franz Hummel, Gustavo Mullen e Aldo Machado, sendo uma das bandas mais influentes do movimento, conquistando relativa expressividade no *Rock* nacional.

O Cólera é um dos primeiros grupos *punk* brasileiros. Surgiu em São Paulo, no ano de 1979, organizado pelos irmãos Redson e Pierre, juntamente com Helinho. A banda obteve bastante sucesso no exterior, excursionando até hoje para vários países.

Por sua vez, Os Replicantes foi fundado em Porto Alegre, em 1983, por Claudio Heinz, Heron Heinz, Carlos Gerbase e Luciana Tomasi. Até hoje é o principal nome do *Punk Rock* no estado.

Já a Plebe Rude foi fundada em Brasília, em 1981, por Philippe Seabra, Jander Ribeiro, André X e Gultje, banda que teve relativo sucesso na década de 80, onde se destacam canções como “Até quando esperar” e “A ida”.

As músicas foram escolhidas aleatoriamente, sendo as selecionadas: “Homem não chora” e “Homem forte”, do Camisa de Vênus; “Distúrbios” e “Prezídio Zoo”, do Cólera; “Só mais uma chance (Pin-up)” e “A vida começa aos 30”, d’Os Replicantes; “A serra” e “Aurora”, da Plebe Rude.

5.2 PROCEDIMENTOS

Num primeiro momento, foram lidos textos produzidos por Oswald Ducrot e Marion Carel, assim como de pesquisadores que estudaram esses teóricos, de modo a constituir um adequado instrumental teórico em semântica argumentativa. Serão utilizados os conceitos de bloco semântico, encadeamentos argumentativos evocados, aspectos argumentativos expressos, argumentação interna, argumentação externa e polifonia.

Desse modo, em cada música, após a apresentação do grupo que a compôs, serão observados os seguintes passos:

- 1- Serão separados trechos que permitam evocar um encadeamento argumentativo;
- 2- Será explicitado o encadeamento argumentativo evocado em cada trecho;
- 3- Será explicitado o aspecto do bloco semântico que se pode associar ao encadeamento evocado (aspecto expresso);
- 4- Será feito um comentário sobre os sentidos argumentativos (argumentação interna e/ou externa) da palavra “homem” no texto em análise, observando-se a polifonia, isto é, as Pessoas que garantem os conteúdos argumentativos e a atitude do locutor diante desses conteúdos argumentativos (pôr, rejeitar, concordar).

Após o estudo das músicas, será realizado um levantamento dos sentidos argumentativos da palavra “homem” em cada música. Em seguida, esses sentidos serão comparados com o intuito de verificar se eles são semelhantes ou divergentes em cada música, confirmando ou refutando as hipóteses formuladas, que são: os sentidos argumentativos da palavra “homem” são semelhantes, tendo em vista que a Ditadura Militar se estendeu por todos os lugares do país, trazendo consequências para todas as regiões; os sentidos argumentativos da palavra “homem” são diferentes, pois cada região tem as suas particularidades, independentemente do regime vigente na nação.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DO *CORPUS*

A seguir, será realizada a análise do *corpus*, constituído de 8 músicas, duas de cada banda. Antes da análise das letras com base em fundamentos teóricos da TBS, serão apresentados alguns dados históricos acerca de cada grupo musical, de modo a contextualizá-los.

6.1 CAMISA DE VÊNUS (SALVADOR/BA)

6.1.1 História²⁸

A banda foi fundada em 1980, em Salvador (Bahia), por Marcelo Nova (vocal), Robério Santana (baixo), Karl Franz Hummel (guitarra base), Gustavo Mullen (guitarra solo) e Aldo Machado (bateria), tendo feito sua primeira apresentação e lançado um compacto dois anos depois.

Em 1983, lançou seu primeiro álbum, pela Som Livre. Porém, o nome do grupo foi considerado “indecente”, o que tornaria inviável a divulgação das músicas nas rádios e nas emissoras de televisão. Então, a gravadora sugeriu a alteração do nome da banda, ocasião em que Marcelo Nova propôs, ironicamente, o nome “Capa de Pica”, o que motivou a expulsão do grupo pela gravadora, que inclusive retirou o seu disco do catálogo. A Camisa de Vênus ficou sem gravadora até 1985, quando assinou um contrato com a RGE, que, além de lançar o segundo álbum, denominado “Batalhões de Estranhos”, relançou o seu primeiro disco.

Assim, a banda, que na época lotava ginásios, gravou em 1986 o disco ao vivo “Viva”, no Clube Caiçara, em Santos (São Paulo), com uma produção repleta de ecos, microfonia e palavrões, o que provocou a retirada do LP das lojas pela censura. No mesmo ano, assinaram um novo contrato com a WEA, lançando “Correndo o Risco”, em que convidam uma orquestra para participar da faixa “A Ferro e Fogo”.

²⁸ MURO DO CLASSIC ROCK. *Camisa de Vênus – Biografia*. Disponível em: <<http://murodoclassicrock4.blogspot.com/2010/12/camisa-de-venus-discografia.html>>. Acesso em: 31 out. 2010.

Em 1987, gravou o álbum “Duplo Sentido”, contando com a participação de Raul Seixas na música “Muita estrela, pouca constelação”. E, em novembro do referido ano, Marcelo Nova deixou a banda para investir em uma carreira solo, saindo em turnê com Raul Seixas. Os dois lançaram um disco conjunto, intitulado “A Panela do Diabo”.

Em 1995, a banda voltou, contando com nova formação. Lançou o álbum “Quem é você?”, mas encerrou as atividades em 1998.

Em 2004, participou do “Festival de Verão de Salvador”, gravando o seu primeiro DVD. Em 2007, fez alguns shows pelo Brasil. E, em 2009, voltou oficialmente, sem Marcelo Nova e Aldo Machado, que foram substituídos, respectivamente, por Eduardo Scott e Louis Bear.

6.1.2 Apresentação e análise das letras selecionadas

6.1.2.1 *Homem não chora*²⁹

Camisa de Vênus – Homem não chora (1983)

- 01 Desde o dia em que nasceu
- 02 Nunca mais ele esqueceu
- 03 Mamãe gritou, papai berrou
- 04 Mamãe tremeu, papai bateu

- 05 E dos padres do colégio
- 06 Castigo, Deus e sacrilégio
- 07 Insegurança e pavor
- 08 Quadro negro e professor

- 09 Mas tanto bate até que fura
- 10 Universidade, formatura
- 11 De lá sai pra trabalhar
- 12 Casamento e procriar, oh!

- 13 Dorme nervoso e acorda tenso
- 14 Mas sempre diz que tem bom senso
- 15 Educado e elegante
- 16 E sua mulher tem um amante

- 17 Conta o ano a cada dia
- 18 Esperando a aposentadoria
- 19 Não tem futuro, só passado

²⁹ Letra consultada em: <<http://letras.terra.com.br/camisa-de-venus/202205/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

20 E vai ficando esclerosado
 21 E carregando esta ferida
 22 Diz que a missão já está cumprida
 23 Não sabe se o descanso eterno
 24 Vai ser no céu ou no inferno

 25 Desde o dia em que nasceu
 26 Nunca mais ele esqueceu
 27 Mamãe gritou, papai berrou
 28 Mamãe tremeu, papai bateu

 29 Homem não chora,
 30 Homem não chora
 31 Nunca, nunca, nunca!

Considere-se o estudo dos encadeamentos argumentativos evocados e dos aspectos expressos em cada trecho da composição “Homem não chora”:

- Trecho 01: “Desde o dia em que nasceu / Nunca mais ele esqueceu / Mamãe gritou, papai berrou / Mamãe tremeu, papai bateu”

Do trecho 01, foram retirados os seguintes encadeamentos argumentativos: “mãe gritou DC pai bateu” e “presenciou briga dos pais enquanto criança DC nunca mais esqueceu”. Desses encadeamentos, surgiram os aspectos “ação indesejável da mãe DC reação violenta do pai” e “presenciar violência entre os pais DC ficar traumatizado”. Aqui, depreende-se que, um homem, considerado na terceira pessoa, durante a sua infância, assistia (e/ou ouvia) às brigas entre seus pais e nunca mais se esqueceu dessas cenas de violência.

- Trecho 02: “E dos padres do colégio / Castigo, Deus e sacrilégio / Insegurança e pavor / Quadro negro e professor”

Encontrou-se nesse trecho o encadeamento argumentativo “receber ameaça de castigo por parte dos padres e dos professores do colégio DC ficar inseguro e apavorado”, que expressa o aspecto “sofrer ameaças DC ficar inseguro e apavorado”. Por isso, pode-se colocar que ele estudava num colégio católico, cujos padres o ameaçavam e o castigavam por qualquer ação considerada um desvio de conduta e/ou um sacrilégio.

- Trecho 03: “Mas tanto bate até que fura / Universidade, formatura / De lá sai pra trabalhar / Casamento e procriar, oh!”

Nesse trecho, foram encontrados os encadeamentos argumentativos “ir à universidade DC adequar-se à sociedade”, “começar a trabalhar DC adequar-se à sociedade” e “casar-se e ter filhos DC adequar-se à sociedade”, cujo aspecto expresso é “seguir o caminho convencionado socialmente DC adequar-se à sociedade”. Daqui, pode-se discorrer que ele virou homem e, por conta disso, encarando os fatos com mais maturidade e objetividade, não iria mais sofrer. Além disso, adequou-se à sociedade, formando-se, encontrando um emprego, atividades que ocupariam a sua cabeça, afastando-o de sua dor.

- Trecho 04: “Dorme nervoso e acorda tenso / Mas sempre diz que tem bom senso / Educado e elegante / E sua mulher tem um amante”

Os encadeamentos argumentativos desse trecho são “não conseguir relaxar DC dormir mal”, “dizer que tem bom senso DC tentar manter a calma”, “ser educado e elegante DC manter as aparências perante a sociedade” e “mulher ter amante DC sofrer um grande golpe”, que expressam o aspecto “sofrer em demasia PT fingir normalidade”. Portanto, como se pode observar, a sua vida não ficou tão tranquila quanto esperava. Ele começou a ter problemas para dormir e sofreu um outro baque: a sua mulher estava lhe traindo. O trecho inteiro contrasta realidade com aparência perante a sociedade: “dorme nervoso e acorda tenso” (realidade) x “mas sempre diz que tem bom senso” (aparência) / “educado e elegante” (aparência) x “e sua mulher tem um amante” (realidade). O locutor argumenta, com isso, que a vida das pessoas tem dois vieses, a realidade, a qual nem sempre é bonita de se encarar, e a aparência, a qual sempre deve parecer impecável, de modo a não prejudicar a imagem da família e de seus integrantes.

- Trecho 05: “Conta o ano a cada dia / Esperando a aposentadoria / Não tem futuro, só passado / E vai ficando esclerosado”

No trecho 05, aparecem os encadeamentos argumentativos “contar os dias DC estar impaciente”, “esperar aposentadoria DC não ter perspectivas profissionais”, “não ter futuro DC não alimentar objetivos, sonhos, desejos”, “só ter passado DC ser perseguido pelas más

recordações” e “ter preocupações demais DC ficar esclerosado”, cujos aspectos expressos são “ser perseguido pelo passado DC não conseguir ser feliz” e “ser infeliz DC não pensar no futuro”. Aqui, pode-se comentar que ele ficou completamente desiludido. Diante de todos os problemas, está impaciente à espera da aposentadoria, uma vez que já não tem mais motivação e perspectivas para o trabalho. Além disso, fica remoendo o passado, muito preocupado, o que vai prejudicando a sua memória.

- Trecho 06: “E carregando esta ferida / Diz que a missão já está cumprida / Não sabe se o descanso eterno / Vai ser no céu ou no inferno”

Os encadeamentos argumentativos evocados nesse trecho são “carregar ferida DC ter um machucado não cicatrizado”, “carregar ferida DC ter incômodo e dor”, “adequar-se à sociedade e manter as aparências DC cumprir missão” e “incerteza sobre o seu destino depois da morte DC incerteza sobre a validade de suas ações”, que expressam o aspecto “cumprir missão perante a sociedade PT não estar satisfeito consigo mesmo”. Por fim, nesse trecho, o locutor revela que o homem ao qual a música faz referência encara o seu passado como uma ferida aberta, que nunca sara e sempre dói. Também, salienta que esse homem está com a sua missão cumprida diante da sociedade, pois foi um ser humano correto e trabalhador, mas que, em virtude de todos os golpes que suportou sozinho durante a vida, não sabe se irá para o céu ou para o inferno, tendo em vista que não sabe se fez o certo ou o errado tomando a atitude de esconder e suportar suas dores.

→ Como resultado, pode-se notar que toda a música encaminha ao aspecto que exprime a argumentação evocada pelo título da composição “Homem não chora”: “ser homem do sexo masculino DC não deve chorar”. Ou seja: no trecho 01, o menino presencia o conflito entre os pais, mesmo assim, não chora; no trecho 02, sofre repressão por parte dos padres e dos professores, mesmo assim, não chora; no trecho 03, o menino vira homem e segue o caminho convencional pela sociedade (formar-se, trabalhar, casar, procriar), tentando deixar o passado para trás, e, portanto, adequando-se à sociedade, com o intuito de não mais sofrer; no trecho 04, ele vê que não será tão fácil parar de sofrer, pois a mulher passa a traí-lo – mesmo assim, não chora; no trecho 05, ele não aguenta mais o emprego e está sendo atormentado pelo passado, mesmo assim, não chora; e, no trecho 06, ele avalia que já cumpriu a missão perante a sociedade, formando uma família e mantendo a aparência de felicidade, apesar dos

problemas – mesmo assim, nota que não está satisfeito consigo mesmo, já que não sabe se o que fez foi certo ou errado.

→ Em relação à polifonia, pode-se acrescentar que o locutor rejeita o conteúdo argumentativo “é homem do sexo masculino DC não chora”, que é garantido pelo “MUNDO”. Por outro lado, assume o conteúdo argumentativo “é homem do sexo masculino PT chora”, garantido por uma terceira pessoa, um “ele”. Isso ocorre, porque é do senso comum que a figura masculina deve ser insensível, rígida, inabalável e incute isso a todos, desde a mais tenra infância. Então, um menino, por menor que seja, não tem direito a externar a sua dor, sob pena de ser julgado como um homem de menor valor. Essa postura é condenada pelo locutor, o qual defende que os homens precisam ter direito à dor, já que passam por provações terríveis.

→ Em suma, a argumentação interna de “homem” presente nos enunciados que contêm essa palavra é “forte DC suporta dor”, uma convenção social que normatiza que os homens não podem mostrar sensibilidade e emoção, mas sim, apenas objetividade e frieza. Contudo, por conta da argumentação presente no restante da música, é possível constatar que a composição apresenta uma argumentação contrária a isso, “ser sensível DC manifesta sensibilidade”, mostrando que o homem, assim como as mulheres, é um ser humano dotado de sensibilidade e de emoções, sendo capaz de sofrer e de demonstrar a sua dor.

6.1.2.2 *Homem forte*³⁰

Camisa de Vênus - Homem forte (1986)

01 Homem forte todos diziam, o seu poder todos sabiam

02 Ele não é vulnerável, nada pode lhe machucar

03 Homem forte, homem forte, homem forte

04 Falando em qualquer dialeto, calado, tenso, pensando quieto

05 Ele não se dobra, fechado em si próprio

06 Homem forte, homem forte, homem forte

07 Despreza o azar, ignora a sorte

08 Brinca com a vida, brinca com a morte

09 Nada lhe amedronta, nada pode lhe deter

10 Homem forte, homem forte, homem forte

³⁰ Letra consultada em: <<http://letras.terra.com.br/camisa-de-venus/297150/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

- 11 Quando a dor se mistura ao frio, na madrugada o imenso vazio
 12 Na lembrança suas crianças, ele enxuga as lágrimas
 13 Homem forte, homem forte, homem forte

Considere-se o estudo dos encadeamentos argumentativos evocados e dos aspectos expressos em cada trecho da composição “Homem forte”:

- Trecho 01: “Homem forte todos diziam, o seu poder todos sabiam / Ele não é vulnerável, nada pode lhe machucar”

Nesse trecho, há os encadeamentos argumentativos “homem poderoso DC homem forte” e “homem forte DC não vulnerável”, que podem ser resumidos no aspecto “homem forte DC inabalável”, levando em conta que esse homem nada sente. Além disso, o trecho dá a entender, polifonicamente, que a ideia de aquele sujeito ser um homem forte é garantida pela Pessoa “ON”, ou seja, por um coletivo indeterminado, expresso em “todos diziam” e “todos sabiam”. Daqui, depreende-se que um homem forte é aquele que passa a imagem de força para os outros, mostrando que nada pode machucá-lo e/ou atingi-lo. Então, o locutor não evoca o sentido de força física, que também poderia ser esperado da expressão “homem forte”. No trecho seguinte, esse conteúdo de “homem DC inabalável” é mantido, sendo explicitado por novos encadeamentos, como se verá.

- Trecho 02: “Falando em qualquer dialeto, calado, tenso, pensando quieto / Ele não se dobra, fechado em si próprio”

Aqui há os encadeamentos argumentativos “homem forte DC orgulhoso” (já que ele “não se dobra” e “fala em qualquer dialeto”) e “homem forte DC introspectivo” (uma vez que ele é “calado, tenso, pensa quieto” e é “fechado em si próprio”). Esses dois encadeamentos expressam o aspecto “homem forte DC autossuficiente”, tendo em vista que esse homem é prepotente e não se envolve com o restante das pessoas, pois não divide ideias, não conversa, ficando sempre tenso.

- Trecho 03: “Despreza o azar, ignora a sorte / Brinca com a vida, brinca com a morte / Nada lhe amedronta, nada pode lhe deter”

Pode ser evocado, nesse trecho, o encadeamento argumentativo “homem forte DC acima do bem e do mal”, cuja descrição de “estar acima do bem e do mal” é garantida pelo “MUNDO”, configurando-se em um estereótipo de ordem linguística (ou clichê). Esse encadeamento expressa dois aspectos: “homem forte DC prepotente”, pela visão do “MUNDO”, e “homem forte DC onipotente”, pela visão dele mesmo, ou de um “ele”. Por isso, é possível argumentar que, aqui, esse “homem” é visto como alguém prepotente pelas pessoas, uma vez que está acima de tudo e de todos, e vê a si próprio como onipotente, porque é ousado, corajoso e impulsivo.

- Trecho 04: “Quando a dor se mistura ao frio, na madrugada um imenso vazio / Na lembrança suas crianças, ele enxuga as lágrimas”

No trecho final, podem ser evocados os encadeamentos argumentativos “homem forte PT sente dor”, “homem forte PT sente vazio” e “homem forte PT chora”, que podem ser resumidamente expressos no aspecto “homem forte PT chora”, o que vem a dar um fechamento à ideia construída na canção “Homem não chora”, anteriormente analisada. Ou seja, por mais que o homem tente manter a imagem de frieza, de força, de insensibilidade, em verdade, ele não é assim, possuindo, assim como a mulher, sensibilidade, sentimentos, emoções.

→ Em suma, a música “Homem forte” fala a respeito de um homem que tenta passar uma ideia de força, de insensibilidade, conseguindo cumprir seu objetivo, porque um “ON”, um coletivo indeterminado, o vê como um verdadeiro homem forte. No entanto, na madrugada, quando quase todos dormem e a escuridão reina, quando há menos testemunhas e as pessoas mostram quem realmente são, esse homem sente uma dor intensa, sente um imenso vazio, lembranças vêm a sua mente e ele, finalmente, assume sua sensibilidade, chorando.

→ Polifonicamente, há a presença do “ON”, um coletivo indeterminado que o encara como “homem forte”, e do “MUNDO”, que garante o estereótipo de alguém que está “acima do bem e do mal”. E, em relação ao comportamento do locutor, ele rejeita a visão do “MUNDO” de que “é homem forte do sexo masculino DC não chora” e assume um “ele” que garante o conteúdo “é homem forte do sexo masculino PT chora”, dando uma complementação à

música analisada anteriormente, já que a insensibilidade que o homem deve mostrar para a sociedade advém de uma pressão maior, a de ser forte.

6.2 CÓLERA (SÃO PAULO/SP)

6.2.1 História³¹

O Cólera foi formado em 1979 pelos irmãos Edson “Redson” Lopes Pozzi (baixo e vocal) e Carlos “Pierre” Lopes Pozzi (bateria), acompanhados por Kinno (vocal) e Hélinho (guitarra). As músicas da banda retratavam a vida na Vila Carolina, subúrbio da cidade de São Paulo, local onde os seus componentes residiam. A maioria delas era escrita por Hélinho, ex-integrante do pioneiro grupo Condutores de Cadáveres, e tinham cunho bastante agressivo, pois incentivava a destruição, a violência como forma de protesto contra os governantes, contra o sistema capitalista.

Em 1981, Hélinho e Kinno saíram da banda, dando lugar a Valdemir “Val” Pinheiro, que assumiu o baixo. Assim, Redson foi para a guitarra e vocal. A partir desse momento, o grupo adotou uma postura pacifista, antimilitarista e ecológica.

Em 1982, participou da compilação “Grito Suburbano”, juntamente com as bandas Inocentes e Olho Seco; do festival “O Começo do Fim do Mundo”, realizado no SESC Pompeia, na cidade de São Paulo; e de duas compilações internacionais, intituladas “*Punk is...*” e “*Hardcore or what?*”.

Em 1983, Redson criou o selo “Estúdios Vermelhos” e lançou a compilação “SUB”, que contou com músicas dos grupos Cólera, Ratos de Porão, Psykóze e Fogo Cruzado. Em 1985, Redson alterou o nome do selo para “Ataque Frontal” e lançou o álbum de estreia da banda, cujo título é “Tente mudar o amanhã”. O grupo gravou o show de lançamento do álbum no clube Lira Paulista, lançando-o num *split*-LP³² com a banda Ratos de Porão, sob o nome de “Ataque Sonoro”.

³¹ LAST FM. *Cólera*. Disponível em: <<http://www.lastfm.com.br/music/C%C3%B3lera>>. Acesso em: 31 out. 2010.

³² *Split*-LP era o nome dado a um álbum gravado conjuntamente entre duas bandas, onde cada uma tinha direito a um lado do disco.

Em 1986, lançou o álbum “Pela paz em todo mundo”, recordista de vendas (considerando-se que foi uma produção independente), com 85 mil cópias comercializadas. No mesmo ano, teve o compacto “Dê o fora” lançado por um selo alemão, sendo que, em 1987, lançou outro compacto, intitulado de “É Natal!!?”, e se tornou a primeira banda brasileira de *Punk Rock* a excursionar pela Europa, pelo *underground*³³ europeu, num circuito alternativo, tocando em *squats*³⁴ com grupos daquele continente.

Em 1989, lançou o álbum ao vivo “*European Tour '87*” e o vídeo “20 Minutos de Cólera”, ambos contendo gravações da turnê europeia. Além disso, lançou o álbum de estúdio “Verde, não devaste!”, pela Devil Discos. Nesse período, realizou diversas apresentações com a banda brasileira Plebe Rude.

Após, lançou vários álbuns, todos pelo selo Devil Discos: em 1992, o álbum “Mundo Mecânico, Mundo Eletrônico”; em 1998, o álbum “Caos Mental Geral”; em 2002, o álbum “20 anos ao vivo”; em 2004, o álbum “Deixe a Terra em Paz”; e, em 2006, o álbum “Primeiros Sintomas”, regravando as músicas do primeiro momento da banda, 1979-1980, quando contavam com Hélio e Kinno.

Contudo, Edson "Redson" Lopes Pozzi, vocalista, guitarrista e fundador da banda, faleceu por problemas de saúde no dia 27 de setembro de 2011, aos 49 anos de idade, e ainda não se sabe se os dois integrantes remanescentes darão continuidade ao trabalho.

³³ “*Underground* (“subterrâneo”, em inglês) é uma expressão usada para designar um ambiente cultural que foge dos padrões comerciais, dos modismos e que está fora da mídia. Também conhecido como *Cultura Underground* ou *Movimento Underground*, para designar toda produção cultural com estas características, ou *Cena Underground*, usado para nomear a produção de cultura underground em um determinado período e local.” (Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Underground>>. Acesso em: 20 nov. 2010.)

³⁴ *Squats* são os locais que os *punk* invadem (ocupam) para morarem, formando comunidades.

6.2.2 Apresentação e análise das letras selecionadas

6.2.2.1 *Distúrbios*³⁵

Cólera – Distúrbios (1985)

01 Pela raiva, pelo sonho, pelo medo
 02 Não é o maior e comete erros
 03 Mas enquanto existir no homem
 04 Esse instinto de superior
 05 Ele pasta, ele pasta, ele pasta...
 06 Ah! Se fosse como um cão a latir
 07 Não seria nem capaz de se destruir
 08 Mas enquanto existir no homem
 09 Esse instinto de superior
 10 Ele pasta, ele pasta, ele pasta...
 11 Mil distúrbios, só para ter
 12 Mil distúrbios
 13 Só para ter uma parte maior
 14 Deste mísero mundo podre, mundo podre,
 15 Mundo podre, mundo podre...

Considere-se o estudo dos encadeamentos argumentativos evocados e dos aspectos expressos em cada trecho da composição “Distúrbios”:

- Trecho 01: “Pela raiva, pelo sonho, pelo medo / Não é o maior e comete erros”

Esse trecho evoca o encadeamento argumentativo “ser homem comum DC ser passível de erros”, o qual expressa o aspecto “homem DC falível”. Daqui, depreende-se que o homem, além de não ser o ser vivo mais beneficiado pela evolução (como acredita ser, por causa da sua aparente racionalidade), comete muitos erros, ao tomar atitudes sem realmente pensar nas conseqüências de seus atos, ou seja, quando age impulsivamente.

- Trecho 02: “Mas enquanto existir no homem / Esse instinto de superior / Ele pasta, ele pasta, ele pasta...”

³⁵ Letra consultada em: <<http://letras.terra.com.br/colera/218485/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

O trecho 02 evoca o encadeamento argumentativo “ter instinto de superioridade DC cometer erros”, cujo aspecto expresso é “ser soberbo DC agir mal”. Essa argumentação encaminha ao entendimento de que o homem comum erra ao achar que é superior aos demais animais, e, ao manifestar-se no mundo com ares de superioridade, acaba agindo como um animal irracional.

- Trecho 03: “Ah! Se fosse como um cão a latir / Não seria nem capaz de se destruir”

Aqui há o encadeamento argumentativo “ser como um cão DC não ser capaz de se destruir”, que expressa o aspecto “animal irracional PT não se destrói”. Ou seja, enquanto os animais ditos irracionais não se destroem, o homem não age racionalmente ao se destruir. E como é que o homem se destrói? Ao provocar os vários distúrbios presentes no mundo.

- Trecho 04: “Mil distúrbios / Só para ter uma parte maior / Deste mísero mundo podre”

O trecho em questão evoca os encadeamentos argumentativos “causar distúrbios PT querer uma parte maior do mundo” e “mundo cheio de homens irracionais DC podre”, os quais podem ser resumidos no aspecto “gerar problemas PT ser ganancioso”. Isto é, o homem, guiado pela ganância, não pensa nas consequências de suas ações, que acabam gerando inúmeros problemas (distúrbios) no mundo inteiro. E, esse mundo, repleto de homens que não pensam nas consequências de seus atos, é podre, em razão de não ser o lugar ideal para se viver, já que cada um pensa somente em si mesmo, ao invés de todos lutarem pelo bem-estar coletivo.

→ Na música “Distúrbios”, a palavra “homem” refere-se à espécie humana, aos seres humanos em geral. Esse “homem” é entendido como alguém ganancioso e irracional, pois não pensa nas consequências de seus atos. Ao querer sempre mais para si mesmo, o homem causa muitos problemas no mundo – mas não se importa com isso, já que ele se considera superior aos demais seres humanos e aos demais animais. Então, a composição “Distúrbios” acusa o homem de causar os problemas do mundo ao ser egoísta, ganancioso e indiferente.

→ Em relação à polifonia, o locutor assume o conteúdo “causar distúrbios PT querer uma parte maior do mundo”, o qual é garantido por um “ele” ilustrativo do conceito de homem criado nessa música, expresso no aspecto “gerar distúrbios DC ser irracional”.

6.2.2.2 Presídio Zoo³⁶

Cólera - Presídio Zoo (1989)

- 01 Bem-vindo ao Zoo, Presídio Zoo, a jaula foi feita pra você
- 02 Muitas crianças vais divertir, porcaria elas vão te dar
- 03 Da sua espécie nada sobrou, você é raridade e vale um milhão
- 04 Veja os papéis, você é meu!
- 05 O erro do homem é gananciar, o que não se vende ele sempre quer comprar
- 06 É ilegal comprar, vender
- 07 O animal não pertence a você!

- 08 Animais não fazem guerras!
- 09 Animais não pertencem a ninguém!
- 10 Animais não destroem selvas!
- 11 Animais não matam por prazer!
- 12 Animais não constroem bombas!
- 13 Animais, pode ser você!
- 14 Animais não poluem o ar!
- 15 Animais!

- 16 Zooona! Presídio Zoo, onde exponho você
- 17 Pra te amansar, te controlar
- 18 E por dez milhões te vender
- 19 Seria bom se os animais pudessem contar
- 20 Com todos vocês pra apoiar, pra defender
- 21 O seu direito de viver
- 22 Pra apoiar, pra defender
- 23 A liberdade de ser

- 24 Animais não fazem guerras!
- 25 Animais não destroem selvas!
- 26 Animais não constroem bombas!
- 27 Animais não poluem mares!
- 28 Animais não pertencem a ninguém!
- 29 Animais não matam por prazer!
- 30 Animais, pode ser você!
- 31 Animais!

Considere-se o estudo dos encadeamentos argumentativos evocados e dos aspectos expressos em cada trecho da composição “Presídio Zoo”:

³⁶ Letra consultada em: <<http://letras.terra.com.br/colera/80348/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

- Trecho 01: “Bem-vindo ao Zoo, Presídio Zoo, a jaula foi feita pra você / Muitas crianças vai divertir, porcarias elas vão te dar / Da sua espécie nada sobrou, você é raridade e vale um milhão / Veja os papéis, você é meu! / O erro do homem é gananciar, o que não se vende ele sempre quer comprar / É ilegal comprar, vender / O animal não pertence a você!”

Aqui são evocados os encadeamentos argumentativos “estar em uma jaula no zoológico DC estar em uma cela na prisão”, “estar em uma jaula no zoológico DC servir de atração”, “divertir crianças DC receber porcarias como agrado”, “ser o último exemplar de sua espécie DC ser uma raridade e valer um milhão”, “constar nos papéis DC ser propriedade de alguém”, “ser ganancioso DC errar”, “ser ganancioso DC querer comprar o que não se vende” e “comercializar animais DC cometer ato ilegal”, que expressam os aspectos “estar enjaulado DC estar preso”, “estar enjaulado DC servir de atração”, “ser último exemplar DC ser raro e valioso”, “ser ganancioso DC errar”, “ser ganancioso DC comprar o que não se vende” e “comercializar animais DC cometer ato ilegal”. Nesse trecho, compreende-se que estar em uma jaula no zoológico é o mesmo que estar em uma cela de prisão. No entanto, há algumas diferenças, pois os animais precisam ficar enjaulados, servindo de atração e de mercadoria, embora não tenham cometido crime algum. Contudo, o homem erra ao explorar os animais, uma vez que eles são livres e têm sua própria vida – e a liberdade de um ser vivo não se compra.

- Trecho 02: “Animais não fazem guerras! / Animais não pertencem a ninguém! / Animais não destroem selvas! / Animais não matam por prazer! / Animais não constroem bombas! / Animais, pode ser você! / Animais não poluem o ar! / Animais!”

No trecho em questão são evocados os encadeamentos argumentativos “ser animal DC não destruir o planeta”, “ser animal DC não pertencer a ninguém”, “ser animal DC não matar por prazer”, “ser animal DC não construir bombas” e “é homem PT poderia ser um animal”, que podem ser resumidos no aspecto exposto “ser animal DC ser melhor do que o ser humano”, uma vez que o autor da música enumera os piores erros do homem, salientando que os animais não os cometem. Eles cuidam apenas de suas vidas e permitem que os outros vivam as deles.

- Trecho 03: “Zooona! Presídio Zoo, onde exponho você / Pra te amansar, te controlar / E por dez milhões te vender / Seria bom se os animais pudessem contar / Com todos vocês pra apoiar, pra defender / O seu direito de viver / Pra apoiar, pra defender / A liberdade de ser”

O trecho 03 evoca os encadeamentos argumentativos “estar no zoológico DC ser exposto”, “estar no zoológico DC ser amansado”, “estar no zoológico DC ser controlado”, “estar no zoológico DC ser vendido por dez milhões” e “defender e apoiar o direito de viver e a liberdade de ser dos animais DC fazer algo de bom”, os quais podem ser expressos pelos aspectos “estar no zoológico DC servir de objeto” e “deixar os animais em paz DC acertar” (em contrapartida ao “ser ganancioso DC errar”). Aqui, o autor coloca que o homem não respeita o direito de viver e a liberdade de ser dos animais e convoca os seres humanos a deixarem os animais em paz, tendo em vista que eles são seres muito melhores do que o homem, uma vez que não cometem tantos erros quanto ele.

→ Na composição “Presídio Zoo”, a palavra “homem” refere-se, mais uma vez, ao ser humano. Nela, o autor coloca que o ser humano usa e abusa dos animais, tratando-os como objeto de entretenimento e fonte de renda, sem respeitar o direito à vida e a sua liberdade. Então, convoca todos os seres humanos para deixarem os animais viverem sua vida em paz, numa campanha contra toda a exploração animal e, principalmente, contra os zoológicos. Além disso, novamente, os artistas do Cólera colocam que o homem é guiado pela ganância e, por conta disso, comete inúmeros erros e desrespeita a vida no planeta, enquanto os animais vivem em harmonia com a natureza e os outros seres existentes na Terra. Assim, outra vez, dão a entender que os animais são os seres racionais e os seres humanos, os irracionais.

→ Em relação à polifonia, o locutor assume o conteúdo argumentativo “defender e apoiar o direito de viver e a liberdade de ser dos animais DC fazer algo de bom”, o qual é garantido por um “ele”, ou seja, uma terceira pessoa, os animais, no caso, já que o locutor age como um porta-voz dos bichos. Ele assume, além disso, o conteúdo argumentativo “ser homem PT explorar os animais”, evocado pela composição na íntegra e garantido por um “tu”, uma vez que o locutor fala, diretamente, a uma segunda pessoa, ao ser humano que o está ouvindo.

6.3 OS REPLICANTES (PORTO ALEGRE/RS)

6.3.1 História³⁷

Em 1983, Cláudio Heinz, Carlos Gerbase e Luciana Tomasi compraram instrumentos musicais e começaram a fazer algumas músicas. Em 1984, o grupo já tinha sete músicas compostas, quando Wander Wildner, amigo da banda, assumiu os vocais. No mesmo ano, fez seu primeiro show oficial, no bar Ocidente, em Porto Alegre e gravou a música “Nicotina”, com a ajuda do produtor musical Carlos Eduardo Miranda, levando-a até a recém-criada Rádio Itapema FM, que a incluiu na programação.

Em 1985, fez um *videoclip* para “Nicotina”, o primeiro da história do *Rock* gaúcho e gravou um compacto duplo, distribuído pelo selo Vortex (criado pela banda), de forma independente. O disco chegou a várias partes do país, vendendo duas mil cópias. Em 1986, assinou com a RCA (que depois se tornou BMG-Ariola), gravou o LP “O Futuro é Vortex” e, um ano depois, lançou o disco “Histórias de Sexo e Violência”, pela BMG, além do VHS “Os Replicantes em Vortex”, com *videoclips* e trechos de shows da época.

Em 1989, lançou o álbum “Papel de mau”, terceiro pela BMG, com Luciana Tomasi nos teclados e na segunda voz. Após, Wander Wildner saiu da banda, levando Carlos Gerbase a assumir o vocal e Cláudio Andrade, amigo e produtor d’ Os Replicantes, a assumir a bateria. Em 1991, com essa formação, lançou “Andróides sonham com guitarras elétricas”, pela Vortex.

Em 1996, lançou o CD “Ao Vivo”, pelo selo Fora da Lei. Em 2001, lançou o álbum “A volta dos que não foram”, pela Vortex. Um ano depois, Carlos Gerbase saiu do grupo e Wander Wildner reassumiu os vocais. Em 2003, lançou “Go Ahead” e foi à Europa, em sua primeira turnê internacional, lançando, no ano seguinte, o álbum “Em teste”.

Em 2006, lançou o DVD “Go Ahead – A primeira tour na Europa a gente nunca esquece” e voltou à Europa para a turnê “Old School Veterans Braziliasta”. Em seguida,

³⁷ REPLICANTES, Os. *Site oficial*. Disponível em: <<http://www.osreplicantes.com.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2010.

Wander Wildner saiu da banda para ficar somente com a sua carreira solo. Assim, Júlia Barth tornou-se a nova vocalista. Em 2010, lançou o primeiro álbum com essa formação, denominado “Os Replicantes 2010”.

6.3.2 Apresentação e análise das letras selecionadas

6.3.2.1 *Só mais uma chance (Pin-up)*³⁸

Os Replicantes - Só mais uma chance (Pin-up) (1989)

01 Só mais uma chance
 02 Pra te conquistar
 03 Ainda mais uma vez
 04 Alguém vai te procurar
 05 Você diz que não ouve
 06 Faz que não me quer
 07 Mas eu não sou super-homem
 08 E você é uma simples mulher
 09 A vida faz o que quiser
 10 Eu sei, eu quero você
 11 Eu te amo para sobreviver

Considere-se o estudo dos encadeamentos argumentativos evocados e dos aspectos expressos em cada trecho da composição “Só mais uma chance (Pin-up)”:

- Trecho 01: “Só mais uma chance / Pra te conquistar / Ainda mais uma vez / Alguém vai te procurar”

No trecho 01, é evocado o encadeamento argumentativo “ter sido recusado anteriormente PT pedir mais uma chance para conquistá-la”, o qual pode ser expresso pelo aspecto “ser recusado PT pedir mais uma chance”. Ou seja, esse trecho já dá o tom do restante da composição: há uma tentativa de conquista mal-resolvida, onde o homem ainda não desistiu de conquistar a mulher a quem deseja.

- Trecho 02: “Você diz que não ouve / Faz que não me quer / Mas eu não sou super-homem / E você é uma simples mulher”

³⁸ Letra consultada em: <<http://letras.terra.com.br/replicantes/712907/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

Neste pequeno trecho, são evocados os encadeamentos argumentativos “diz que não ouve DC o ignora”, “faz que não o quer DC o ignora”, “não ser super-homem DC ser homem comum” e “ser simples mulher DC não ser mulher incomum” (mulher incomum = pin-up). Esses quatro encadeamentos podem ser expressos por meio de três aspectos: “desdenhar DC ignorar”, “ser homem comum DC ser digno de chance” e “ser mulher comum DC não ser pin-up”. Aqui o leitor já pode perceber, por meio da argumentação, que a mulher desdenha as investidas do homem, sem dar a menor chance para ele. Ele argumenta que ele não é um super-homem, ou seja, é um homem comum; porém, acrescenta que ela também é uma mulher comum, não sendo uma pin-up, isto é, um símbolo sexual.

- Trecho 03: “Eu sei, eu quero você / Eu te amo para sobreviver”

No último trecho, é evocado o seguinte encadeamento argumentativo: “amar para sobreviver DC amar de verdade”. Esse encadeamento pode ser expresso pelo aspecto “amar de verdade DC ser digno de mais uma chance”, empregado como mais um modo de persuasão por parte do locutor.

→ Em “Só mais uma chance (pin-up)”, a palavra “homem” é, novamente, definidora de gênero. Esse ser humano do sexo masculino é visto, nessa composição, como uma pessoa comum – conseqüentemente, com defeitos –, e que, por conta disso, pede mais uma chance para conquistar uma determinada mulher, que apenas desdenha suas investidas. A música inteira apresenta os argumentos que o homem usa para conquistar essa mulher, representando, assim, um texto intimista.

→ Quanto à polifonia, o locutor assume os conteúdos argumentativos “ter sido recusado anteriormente PT pedir mais uma chance para conquistá-la”, “diz que não ouve DC o ignora”, “faz que não o quer DC o ignora”, “não ser super-homem DC ser homem comum”, “ser simples mulher DC não ser mulher incomum” e “amar para sobreviver DC amar de verdade”, sendo estes garantidos por um “eu”, uma vez que o locutor os utiliza para tentar persuadir um “tu”, identificado com a mulher (objeto de desejo do referido homem).

6.3.2.2 *A vida começa aos 30*³⁹

Os Replicantes - A vida começa aos 30 (1995)

- 01 Tamanho nunca foi documento
- 02 Dinheiro nunca foi documento
- 03 Cabelo nunca foi documento
- 04 Idade nunca foi documento
- 05 Vem cá, menina, vem e sente
- 06 O que é um cara experiente
- 07 Tem preconceito da sociedade
- 08 A tua mãe vai ter má vontade
- 09 Não liga pros colegas da faculdade
- 10 Vem ver o que é um homem de verdade

Considere-se o estudo dos encadeamentos argumentativos evocados e dos aspectos expressos em cada trecho da composição “A vida começa aos 30”:

- Trecho 01: “Tamanho nunca foi documento / Dinheiro nunca foi documento / Cabelo nunca foi documento / Idade nunca foi documento”

Nesse trecho, os encadeamentos argumentativos evocados são “tamanho não é documento DC não se pode julgar ninguém pelo tamanho”, “dinheiro nunca foi documento DC não se pode julgar ninguém pelo dinheiro”, “cabelo nunca foi documento DC não se pode julgar ninguém pelo cabelo” e “idade nunca foi documento DC não se pode julgar ninguém pela idade”, os quais podem ser expressos pelo aspecto “não ser documento DC não servir de parâmetro de julgamento”. Aqui, o locutor coloca que não se pode julgar ninguém pelo biótipo, pelo poder aquisitivo, pela aparência e pela faixa etária. Com isso, utiliza um conteúdo garantido pelo “MUNDO”, “não ser documento DC não servir de parâmetro”, para persuadir uma garota.

- Trecho 02: “Vem cá, menina, vem e sente / O que é um cara experiente”

São evocados, no trecho em questão, os encadeamentos argumentativos “menina DC mulher jovem” e “cara experiente DC homem com mais de 30 anos” (de acordo com o que se

³⁹ Letra consultada em: <<http://letras.terra.com.br/replicantes/80307/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

depreende do título). A AI de menina é “não tem idade DC não viver bastante” e a AI de homem experiente é “tem idade DC viveu bastante”. E, argumentando sobre as vantagens de se ter experiência, o locutor tenta convencer a menina a aceitá-lo.

- Trecho 03: “Tem preconceito da sociedade / A tua mãe vai ter má vontade / Não liga pros colegas da faculdade / Vem ver o que é um homem de verdade”

Aqui, são evocados os encadeamentos argumentativos “ter preconceito da sociedade DC ser malvisto pelos outros”, “mãe ter má vontade DC não ter a aprovação da mãe”, “não ligar pros colegas da faculdade DC não atentar ao que os outros dizem” e “relacionar-se com um cara experiente DC ver o que é um homem de verdade”, que podem ser expressos pelos aspectos “receber desaprovação PT fazer o que se quer” e “homem experiente DC homem de verdade”. Nesse trecho, compreende-se que o relacionamento entre um homem experiente e uma mulher inexperiente não tem a aprovação da sociedade, dos pais da moça e dos seus amigos. Mesmo assim, segundo o locutor, é uma relação que vale a pena para a menina.

→ Nessa música, a palavra “homem” é empregada, mais uma vez, com o sentido de “ser humano do sexo masculino”. Na referida composição, o autor, primeiramente, fala a respeito de alguns critérios que não servem de parâmetro para se julgar uma pessoa. Para isso, ocupa-se da estrutura “tamanho não é documento”, por exemplo, utilizada pela sociedade. Com isso, ele mostra que a sociedade, embora recrimine o ato de pré-julgar alguém, na prática, julga as pessoas pelo tamanho, pelo nível sócio-econômico, pelo corte e pela cor do cabelo, pela idade, entre outros fatores de preconceito. Em seguida, faz um convite a uma menina, entendida como uma adolescente (ou jovem) universitária pela argumentação realizada na música, pedindo para que ela vá experimentar as vantagens que o relacionamento com um homem experiente pode proporcionar. Posteriormente, finaliza a composição, colocando que os dois serão malvistos pela sociedade, que a mãe da moça não irá aprovar o relacionamento e que não é para ela ouvir as recriminações dos seus colegas de faculdade, provavelmente em função da diferença etária entre ambos. Em contrapartida, justifica que a sua experiência compensa tudo isso, já que ela iria provar os prazeres proporcionados por um homem de verdade, ou seja, um homem de mais de 30 anos. Então, conforme a argumentação verificada no texto, “a vida começa aos 30”, porque o indivíduo do sexo masculino que passa dessa

idade já viveu o bastante, já passou por muitas experiências, e pode, sim, ser considerado um homem.

→ Em relação à polifonia, o locutor assume o conteúdo argumentativo “não ser documento DC não servir de parâmetro de julgamento”, o qual é garantido pelo “MUNDO”, uma vez que é a sociedade que diz “tamanho não é documento”, entre outros ditados similares. Então, ele usa a argumentação da sociedade contra ela mesma, tendo em vista que as pessoas julgam e condenam os outros, embora vendam um discurso contrário a essa prática. Além disso, assume o conteúdo argumentativo “receber desaprovação PT fazer o que se quer”, garantido por um “eu”, pois o locutor não se importa com a reprovação dos outros e deseja que a moça tenha o mesmo comportamento. E, por fim, assume o conteúdo argumentativo “homem experiente DC homem de verdade”, cuja garantia é dada por um “eu”, porque o locutor quer persuadir a moça de que provar da sua experiência compensa qualquer sacrifício.

6.4 PLEBE RUDE (BRASÍLIA/DF)

6.4.1 História⁴⁰

A Plebe Rude foi fundada em 1981, na cidade de Brasília (Distrito Federal), por Phillipe Seabra (guitarra e voz), Jander Ribeiro (guitarra), André X (baixo) e Gultje (bateria) e começou a se destacar no meio *Punk Rock* já no ano seguinte. Após, foi para o sudeste (SP e RJ), onde passou a dividir o palco com bandas de sucesso.

Em 1986, lançou o primeiro álbum, denominado “O concreto já rachou”, que a levou ao sucesso. Ainda na década de 80 lançou mais dois álbuns: “Nunca fomos tão brasileiros” (1987) e “Plebe Rude III (1990). Depois disso os integrantes se separaram por um tempo e voltaram a tocar juntos apenas na década de 90, quando lançaram o álbum “Mais raiva do que medo”, em 1993. Logo em seguida a banda teve nova dissolução.

⁴⁰ CLIQUEMUSIC. *Plebe Rude*. Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/plebe-rude>>. Acesso em: 09 nov. 2010.

Em 1997, os três primeiros álbuns foram relançados na caixa “Portfólio” e retornou três anos depois para gravar o CD ao vivo “Enquanto a trégua não vem”, contendo velhos sucessos, além de músicas inéditas.

Em 2003, o grupo voltou de vez, por decisão de Phillippe Seabra e André X, fundadores da banda. No ano seguinte, Clemente, vocalista e guitarrista do grupo paulista Inocentes, e Txotxa, ex-baterista da banda brasileira Maskavo, entraram para a Plebe Rude. Com essa nova formação, lançou “R ao contrário”, o quinto álbum de estúdio, no ano de 2006.

Ao longo da carreira, a Plebe Rude sempre fez músicas repletas de críticas sociais e políticas, como as outras bandas *punk*, mas com uma preocupação maior com as composições e com a elaboração dos arranjos e das melodias.

6.4.2 Apresentação e análise das letras selecionadas

6.4.2.1 A Serra⁴¹

Plebe Rude - A Serra (1990)

01 Quero ver a serra
02 que por tempos encantou
03 mas o homem e sua serra
04 veio e desmatou

05 Quero ver de perto
06 se o encanto acabou
07 só pedra no caminho
08 e olha o que sobrou

09 Nada mais cresce
10 só a lama desce

11 Tropical úmida
12 Heterogênea
13 Latifoliada
14 Mata devastada
15 Higrófita caduca
16 Perene encosta

17 Nada mais cresce
18 só a lama desce

⁴¹ Letra consultada em: <<http://letras.terra.com.br/plebe-rude/221731/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

- 19 Todos reclamando
 20 só quero conscientizar
 21 madeira acabando
 22 até quando esperar?
- 23 O verde da mata
 24 a serra desmatou
 25 o verde da bandeira
 26 também desbotou
- 27 Tropical úmida
 28 Heterogênea
 29 Latifoliada
 30 Mata devastada

Considere-se o estudo dos encadeamentos argumentativos evocados e dos aspectos expressos em cada trecho da composição “A Serra”:

- Trecho 01: “Quero ver a serra / que por tempos encantou / mas o homem e sua serra / veio e desmatou”

No trecho 01, são evocados os encadeamentos “serra DC cadeia de montanhas”, “serra DC encantamento”, “é homem DC agride a natureza” e “serra DC ferramenta usada para cortar árvores e galhos”. Aqui já é apresentado o teor da composição: há a diferença semântica entre serra (cadeia de montanhas) e serra (ferramenta usada para podar e desmatar); enquanto a primeira causa encantamento pela sua beleza, a segunda é utilizada pelo homem para acabar com esse encantamento. Ou seja, após a ação devastadora do homem, a serra (cadeia de montanhas) já não mais encanta.

- Trecho 02: “Quero ver de perto / se o encanto acabou / só pedra no caminho / e olha o que sobrou”

No trecho 02, é feita uma alusão ao poema “No meio do caminho”⁴², de Carlos Drummond de Andrade. Com isso, pode-se evocar os encadeamentos argumentativos “só

⁴² “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
 tinha uma pedra no meio do caminho
 tinha uma pedra
 no meio do caminho tinha uma pedra.

pedra no caminho DC só dificuldades”, “só pedra no caminho DC só decepção” e “só pedra no caminho DC não há mais vegetação”. Portanto, como o poeta modernista Drummond, o locutor utiliza o enunciado “pedra no caminho” para argumentar que algo não estava de acordo com o esperado.

- Trecho 03: “Nada mais cresce / só a lama desce”

No trecho 03, são evocados os encadeamentos argumentativos “nada mais cresce DC o solo ficou estéril” e “só a lama desce DC o solo está ruim”, que podem ser expressos pelo aspecto “solo ruim DC solo estéril”. Com isso, depreende-se que o desmatamento acabou com o equilíbrio natural do ecossistema e a natureza está morrendo.

- Trecho 04: “Tropical úmida / Heterogênea / Latifoliada / Mata devastada / Higrófito caduca / Perene Encosta”

Nesse trecho, os encadeamentos argumentativos evocados são “tropical úmida DC floresta quente, úmida e chuvosa”, “heterogênea DC diversificada”, “latifoliada DC apresenta folhas largas e grandes”, “mata devastada DC destruída”, “higrófito caduca DC planta que perdeu as forças” e “encosta perene DC ladeira infinita”. Ou seja, o locutor enumera características da mata, com a intenção de mostrar que a floresta e a sua biodiversidade estão chegando ao fim.

- Trecho 05: “Todos reclamando / só quero conscientizar / madeira acabando / até quando esperar?”⁴³

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

(Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond04.htm>>. Acesso em: 06 dez. 2011.)

⁴³ Aqui os autores fazem referência à principal música da banda, “Até quando esperar?”, que faz referência à má distribuição de renda no país, cujo principal verso é “Com tanta riqueza por aí, onde é que está, cadê sua fração?”

Os encadeamentos argumentativos evocados no trecho 05 são “todos reclamam PT não fazem nada” (cujo aspecto expresso é “reclamar PT não fazer nada”), “conscientizar DC alertar”, “madeira acabando DC até quando esperar”, onde o locutor argumenta que as pessoas reclamam, mas não fazem nada, enquanto ele, por sua vez, está tentando conscientizar a população. E, segundo o locutor, se a madeira está acabando, até quando o ser humano irá esperar para tomar atitudes para salvar o meio ambiente?

- Trecho 06: “O verde da mata / a serra desmatou / o verde da bandeira / também desbotou”

No trecho 06, o encadeamento argumentativo evocado é “desmatar o verde da mata DC desbotar o verde da bandeira”, de onde se depreende que, ao acabar com a natureza, o brasileiro acaba com o verde da bandeira brasileira, uma vez que ele significa a riqueza da fauna e da flora do país.

→ Na música “A Serra”, o “homem”, aqui entendido como “ser humano”, aparece como agressor da natureza. Na letra, também, os compositores fazem a descrição da natureza após a ação nefasta do ser humano, ou seja, colocam que nada mais cresce no solo, que a mata está devastada, por exemplo. Além disso, afirmam que a destruição do verde da flora faz com que o verde da bandeira desbote, isto é, o Brasil deixa de ser o paraíso natural, bem como as pessoas param de ter esperança de uma vida melhor.

→ Em relação à polifonia, o locutor assume o conteúdo argumentativo “é homem DC agride a natureza”, garantido por um “ele”, já que o homem (e o locutor se excetua a essa condição) é quem acaba com as matas. Além disso, assume os conteúdos argumentativos “todos reclamam PT não fazem nada”, garantido por um “ON”, uma vez que essas pessoas que reclamam não são identificadas, “madeira acabando DC até quando esperar”, garantido por um “eu”, uma vez que o locutor utiliza esse argumento para persuadir seus interlocutores, e “desmatar o verde da mata DC desbotar o verde da bandeira”, garantido por um “eu”, pelo mesmo motivo exposto anteriormente.

6.4.2.2 *Aurora*⁴⁴

Plebe Rude – Aurora (1993)

01 Castelos surgem e castelos caem
 02 crianças entram, mas o homem só sai
 03 quando as promessas não fizerem mais...

04 ... algum sentido
 05 eu tenho cinco pra saber
 06 quando encontro a chance de dizer
 07 adeus à inocência, na forma de você

08 A chance
 09 vontade
 10 o instante
 11 em que você mostra a outra face

12 Tudo tem sua hora e te chamaremos de aurora
 13 no instante em que você mostra a outra face

14 Castelos surgem e castelos caem
 15 crianças entram, e quando o homem só sai
 16 chamam de aurora, eu chamo de você

17 Mas antes que o sol nasça
 18 diga adeus mas sem olhar pra trás
 19 adeus crianças, nunca mais

Considere-se, agora, o estudo dos encadeamentos argumentativos evocados e dos aspectos expressos em cada trecho da composição “Aurora”:

- Trecho 01: “Castelos surgem e castelos caem / crianças entram, mas o homem só sai / quando as promessas não fizerem mais... / algum sentido / eu tenho cinco pra saber / quando encontro a chance de dizer / adeus à inocência, na forma de você”

O trecho 01 evoca os encadeamentos argumentativos “castelos surgem e castelos caem DC certezas vem e vão (ou verdades vem e vão)”, “só sair quando as promessas não fizem mais sentido DC tornar-se adulto (homem)”, “ter cinco sentidos DC descobrir a verdade com mais facilidade” e “dizer adeus à inocência DC tornar-se adulto”. Esses encadeamentos podem ser expressos pelo aspecto “tornar-se homem DC perder a inocência”. Daqui,

⁴⁴ Letra consultada em: <<http://letras.terra.com.br/plebe-rude/221733/>>. Acesso em: 08 nov. 2011.

depreende-se que, quando nós somos crianças, nós criamos uma fortaleza, a qual é a nossa visão de mundo, mais fantasiosa; e essa visão de mundo é deixada para trás assim que nos tornamos adultos.

- Trecho 02: “A chance / vontade / o instante / em que você mostra a outra face”

Desse pequeno trecho, pode-se evocar o encadeamento argumentativo “mostrar a outra face DC tornar-se adulto”, de onde se pode concluir que os seres humanos se transformam assim que ficam adultos.

- Trecho 03: “Tudo tem sua hora e te chamaremos de aurora / no instante em que você mostra a outra face”

No trecho 03, há o encadeamento argumentativo “aurora DC despertar de um ser humano para a vida”, onde o locutor coloca o sentido pretendido para a palavra “aurora”. Ou seja, assim como, em sentido dicionarizado, a palavra “aurora” remete ao nascer do sol, aqui ela remete ao nascer de um ser humano, após um período de fantasias enquanto se é criança.

- Trecho 04: “Castelos surgem e castelos caem / crianças entram, e quando o homem só sai / chamam de aurora, eu chamo de você”

Aqui são evocados os encadeamentos argumentativos “é criança DC entra no mundo da fantasia”, “é adulto DC só sai do mundo da fantasia”, onde o locutor esclarece mais nitidamente a colocação das palavras “castelos”, “entram” e “sai”. Ou seja, castelo, aqui, remete ao mundo infantil, ao mundo do faz-de-conta.

- Trecho 05: “Mas antes que o sol nasça / diga adeus mas sem olhar pra trás / adeus crianças, nunca mais”

No trecho 05, os encadeamentos argumentativos evocados são “antes que o sol nasça DC antes de se tornar adulto” e “dizer adeus sem olhar para trás DC tornar-se adulto e aceitar essa nova realidade”. Depreende-se, então, que, quando chega o momento de nos tornarmos

adultos, devemos aceitar essa nova condição e seguir em frente, aprendendo a conviver com essa realidade diferente.

→ A música “Aurora” fala de quando a criança torna-se homem e, conseqüentemente, perde a inocência. Desse modo, aquele ser humano inocente e ingênuo, que vê o mundo com muito mais fantasia, dá lugar a um ser humano diferente, inserido num mundo mais cruel, competitivo e impiedoso. A criança que existia antes precisa abandonar a fantasia, sair de seus castelos, e deve começar a encarar a realidade mais claramente, assim como a aurora faz com que nós possamos ver as coisas com maior clareza. Aqui, então, a palavra “homem” é empregada com o sentido de “ser humano adulto”.

→ Quanto à polifonia, o locutor assume o conteúdo argumentativo “tornar-se homem DC perder a inocência”, garantido pelo “MUNDO”, uma vez que a sociedade apresenta essa crença de que, ao tornar-se adulto, o homem fica cheio de preocupações e responsabilidades, e passa a enxergar a realidade com mais maturidade. Além disso, assume o conteúdo “aurora DC despertar de um ser humano para a vida”, garantido por um “ele”, ao qual o locutor se dirige, faz referência e utiliza de exemplo durante a composição.

6.5 CONSTATAÇÕES PÓS-ANÁLISES

Nesta seção, serão evidenciadas constatações obtidas após o desenvolvimento das análises, relatando a natureza das canções estudadas. Tais resultados ajudam na compreensão dessas músicas e dão um fechamento para as análises realizadas aqui.

Nas composições da banda Camisa de Vênus, a palavra “homem” é empregada para designar o gênero masculino. Esse homem é discursivizado como capaz de suportar qualquer golpe que a vida lhe dê, uma vez que deve ser inabalável, não podendo chorar em hipótese alguma. Os compositores dessas canções não concordam com isso, colocando que o homem pode e precisa externar a sua dor, tendo em vista que é uma pessoa sensível, assim como as mulheres. Além dessa questão, é retratada a vida de aparência que as pessoas levam. Ou seja, para os outros, as pessoas vendem uma imagem de que suas vidas estão maravilhosas, para driblarem os bisbilhoteiros e não passarem vergonha. No entanto, em verdade, sabem que estão tendo de enfrentar inúmeros problemas e que nada está tão bom quanto tentam

demonstrar socialmente. O que pode ser dito, em suma, é que o grupo Camisa de Vênus procurou retratar, em ambas as canções, a postura do ser humano diante da sociedade e de suas convenções, abordando, sobretudo, a figura masculina.

Por outro lado, nas músicas da banda Cólera, a palavra “homem” refere-se ao ser humano em geral, que, nos dois textos, é retratado como ganancioso e irracional, tendo em vista que é guiado pela cobiça e não pensa nas consequências de suas ações. Ainda, essas composições colocam que o homem é culpado pelos problemas do mundo, inclusive pelas desgraças ambientais, em virtude das duas características supracitadas. E, no que concerne especialmente aos animais, os compositores afirmam que o ser humano adona-se dos bichos, desrespeitando e acabando com a vida, a liberdade e o “habitat” desses seres. Por fim, cabe acrescentar que, além de tratar o homem como animal irracional, os componentes do Cólera argumentam que os animais é que são os seres racionais, porque vivem em harmonia com a natureza e não se destroem.

Sobre as letras selecionadas do grupo Replicantes, a palavra “homem” faz referência, mais uma vez, à figura masculina. Mas, aqui, o homem é visto como uma pessoa comum, que tenta conquistar uma mulher. Na primeira composição, “Só mais uma chance (pin-up)”, o personagem já foi recusado pela mulher anteriormente, porém ainda tenta conquistá-la, utilizando-se de diversos argumentos que não o engrandecem como pessoa, mas que a tornam mais humilde e tolerante, de modo a reconhecer o amor que ele nutre por ela, apesar dos seus defeitos e da indiferença apresentada por essa pretendida. Na segunda, “A vida começa aos 30”, o personagem é apresentado como um homem de mais idade, cujo objetivo é conquistar uma menina, embora enfrente muitos obstáculos, como o preconceito da sociedade, dos pais e dos colegas de faculdade da moça. Nessa música, o locutor usa como principal argumento de persuasão as vantagens que a experiência pode proporcionar em um relacionamento.

Quanto às músicas da Plebe Rude, pode-se argumentar que são as únicas que apresentam diferenças relevantes entre si. Na primeira, intitulada “A Serra”, a palavra “homem” é empregada para designar o ser humano de modo geral. Esse ser humano é visto como o algoz das matas, que acaba com a beleza do verde das serras por meio de sua serra elétrica. E, explorando esses dois significados da palavra “serra”, serra (cadeia de montanhas) e serra (ferramenta de corte), os compositores colocam, novamente, o homem como um

inconsequente agressor da natureza. Já na segunda composição, a qual tem por título “Aurora”, a palavra “homem” é usada para definir o ser humano adulto, pois os artistas da Plebe Rude fazem uma analogia entre o nascer do sol e o fato de uma criança se tornar adulta, passando a ver a realidade com mais clareza.

Por isso, em relação às hipóteses deste trabalho, as duas são confirmadas. Primeiramente, é possível constatar que grupos musicais de diferentes regiões criticavam o comportamento do ser humano, principalmente enquanto juízes da vida de outrém e algozes do meio-ambiente. As bandas Camisa de Vênus e Replicantes falam sobre a influência da opinião alheia na vida das pessoas e os grupos Cólera e Plebe Rude discorrem a respeito da crueldade do homem com as florestas e os animais. No entanto, é possível argumentar que esses músicos apresentaram algumas diferenças entre si. A banda Camisa de Vênus abordou, prioritariamente, questões existenciais, comportamentais, emocionais e psicológicas, ao questionar a pressão exercida socialmente sobre a figura masculina. O Cólera discorreu sobre os atos inconsequentes dos seres humanos, sobretudo em relação à fauna e à flora, que o tornam o pior dos animais existentes no planeta, colocando-o como único ser irracional. Os Replicantes, por sua vez, compuseram canções que falam principalmente sobre relacionamentos, abordando, em ambas, a conquista de uma mulher por um homem. Já a Plebe Rude retratou tanto o papel criminoso do homem ao agredir a natureza, quanto a passagem da infância para a vida adulta, ou melhor, o percurso percorrido rumo à descoberta da realidade. Em suma, não que esses jovens tenham abordado temas exclusivamente regionais nessas letras, nota-se, todavia, a influência do perfil dos integrantes dessas bandas nas composições, uns apresentando maior engajamento social, outros demonstrando o uso da arte como meio de expressão de sentimentos.

Em seguida, serão feitas as considerações finais a respeito deste trabalho, de modo a proporcionar um parecer do pesquisador sobre a investigação proposta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intenções desta pesquisa eram descrever quais são os sentidos argumentativos da palavra “homem” em letras de músicas de bandas *punk* dos anos 80 e, a partir disso, verificar se são semelhantes, levando-se em conta que as canções foram elaboradas no mesmo momento histórico, ou se são diferentes. Ainda, como consequência dessa primeira investigação, desejava-se chegar a pistas sobre a visão de mundo daqueles grupos musicais.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho era, em termos gerais, compreender os sentidos argumentativos de palavras e enunciados por meio das ferramentas interpretativas proporcionadas pelas pesquisas em semântica argumentativa praticadas por Oswald Ducrot e Marion Carel, de modo a aprimorar a eficiência da leitura.

A semântica argumentativa praticada por Ducrot e Carel proporciona ao estudioso um poder maior para compreender textos de quaisquer gêneros e argumentar sobre quaisquer temáticas. E, ao se buscarem os sentidos argumentativos de palavras em letras de música, não só se está incentivando que as pessoas pensem mais a respeito da cultura que consomem, como se está valorizando o trabalho do artista e procurando evidenciar todas as minúcias de suas composições. Outrossim, considerando que as canções estudadas nesta dissertação são específicas de determinado grupo (Movimento *Punk*), formado em determinado contexto (final do regime militar brasileiro), conclui-se que este estudo pode auxiliar no entendimento da opinião desse grupo acerca daquele contexto. Assim, entende-se que a realização deste trabalho foi relevante por ajudar a compreender o que se passou em um momento histórico em que as informações eram manipuladas por meio da censura e do controle de difusão. Além disso, instiga mais pesquisadores a estudarem sobre o Movimento *Punk*, o qual até hoje é tratado com desinteresse e preconceito pela sociedade.

Atentando aos objetivos elencados, as hipóteses que surgiram foram de que os sentidos argumentativos da palavra “homem” poderiam ser semelhantes, caso fosse observado o fato de a Ditadura Militar ter se estendido por todos os lugares do país, trazendo

consequências para todas as regiões; ou poderiam ser diferentes, pois cada região tem suas particularidades, independentemente do regime vigente na nação – e havia a possibilidade de que os músicos tivessem considerado fatores regionais em suas composições. Notou-se que, embora todas as regiões tenham sido atingidas pelo regime militar, os jovens componentes das bandas *punk* dos anos 80 foram influenciados por particularidades regionais e econômicas. Por exemplo, o *Punk* gaúcho, mais vinculado à música por diversão, tratava de temáticas menos relevantes socialmente; o *Punk* paulista, mais vinculado às questões sociais, abordava temáticas mais relevantes socialmente; o *Punk* de Brasília, constituído de adolescentes mais favorecidos em todos os sentidos (econômica, social e educacionalmente), compunha canções mais elaboradas, também de cunho social. Prova disso é a música “Que país é esse?”, conhecida no Brasil inteiro, que veio a ser composta por Renato Russo, um de seus representantes.

Pensou-se nessa temática, ao se constatar que muitas músicas *punk* dos anos 80 apresentavam a palavra “homem” e que seria interessante conhecer o sentido argumentativo que essas letras de músicas criavam para essa palavra. Então, como primeiro procedimento visando ao desenvolvimento dessa dissertação, ocorreu a seleção do *corpus*, até mesmo para comprovar a existência de um material que possibilitasse a execução da pesquisa. Assim, foram selecionados aleatoriamente oito (8) textos escritos por cinco (04) bandas de *punk rock* de diferentes regiões do Brasil, sendo que de cada grupo foram tomadas duas canções. São elas: “Homem não chora” e “Homem forte”, da baiana Camisa de Vênus; “Distúrbios” e “Prezídio Zoo”, da paulista Cólera; “Só mais uma chance (Pin-up)” e “A vida começa aos 30”, da gaúcha Os Replicantes; e, por fim, “A serra” e “Aurora”, da brasiliense Plebe Rude.

Em seguida, teve início a busca por referencial teórico que falasse a respeito da Teoria da Argumentação na Língua (ADL), da Teoria Polifônica da Enunciação, da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), da Teoria da Argumentação Polifônica (TAP), da história do Movimento *Punk* ao redor do mundo e no Brasil, bem como do contexto histórico desse país na época em que as músicas que compuseram o *corpus* foram elaboradas por seus autores.

Constatou-se que o objetivo geral foi alcançado, uma vez que as ferramentas interpretativas da semântica argumentativa, desenvolvida por Carel e Ducrot, mostraram-se eficazes ao levar à compreensão dos sentidos argumentativos de palavras e enunciados, o que,

com certeza, melhora a eficiência do leitor por fazê-lo buscar o sentido na própria argumentação linguística, e não em elementos externos. Além disso, quanto aos objetivos específicos, os sentidos argumentativos da palavra “homem” foram encontrados e analisados, levando a considerar verídicas as duas hipóteses levantadas, porque as bandas falavam sobre temas variados que não estavam ligados ao seu contexto regional, bem como a respeito de assuntos mais voltados à sua realidade.

Por fim, pode-se colocar que não foi muito difícil encontrar material que falasse do Movimento *Punk*, pois inúmeros indivíduos reconhecem a importância desse grupo para o mundo, tanto em termos culturais quanto sociais e políticos. Porém, há bastante material que retrata esse movimento de modo completamente informal, em textos que não servem de base segura para um trabalho acadêmico. Enquanto isso, há poucos referenciais elaborados a partir de investigações científicas, o que dificultou um pouco o acesso a essas informações. Por conta desses fatores, a pesquisa acadêmica que utiliza como *corpus* aspectos referentes a culturas marginalizadas socialmente tende a servir como uma ferramenta de preservação desses itens culturais, uma vez que busca o máximo de fidedignidade ao abordá-los. Assim, mesmo que um trabalho que trate a respeito do Movimento *Punk* acarrete algumas dificuldades, por exemplo, o difícil acesso a informações precisas e o preconceito apresentado por certas parcelas sociais, é um projeto que não deixa de ser gratificante, em função de que o pesquisador está valorizando manifestações culturais que apresentam reflexões relevantes e que foram ofuscadas e distorcidas pela mídia na época de seu surgimento e expansão. Nesse sentido, poder contar com as ferramentas da semântica argumentativa para análise das letras foi decisivo, uma vez que, nessa teoria o material linguístico/discursivo aponta para a construção de determinados contextos, vetando a construção de outros. Nesse ponto de vista, a pesquisa linguística das letras de músicas dessas bandas constitui um importante modo de conhecer as bandas e suas diferenças, tendo em vista que as investigações dessa natureza auxiliam na compreensão de toda a riqueza linguística manifestada em textos dos mais diversos gêneros.

REFERÊNCIAS

BARBISAN, L. B.; GIERING, M. E.; GOUVÊA, L. H. M.; GRAEFF, T. F.; PAULIUKONIS, M. A.; MONNERAT, R. S. M. Perspectivas enunciativo-discursivas de abordagem do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). *Linguística do texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 171-224.

BARBISAN, Leci B. A produção de discursos argumentativos na escola. *Desenredo*, Revista do PPGL da UPF, Passo Fundo, v. 1, nº. 2, p. 69-76, jul./dez. 2005.

BARBISAN, Leci B. Uma proposta para o ensino da argumentação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 42, nº. 2, p. 111-138, jun. 2007.

BIVAR, Antonio. *O que é punk*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2007.

BOTINADA. Direção e Produção: Gastão Moreira. São Paulo: ST2 Video, 2006. 1 DVD e 1 CD.

CAREL, Marion. O que é argumentar? *Desenredo*, Revista do PPGL da UPF, Passo Fundo, v. 1, nº. 2, p. 77-84, jul./dez. 2005.

CAREL, M.; DUCROT, O.. Atualização da polifonia. *Desenredo*, Revista do PPGL da UPF, Passo Fundo, v. 6, nº. 1, p. 9-21. jan./jun. 2010.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 43, nº. 1, p. 7-18, jan./mar. 2008.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*. Edição realizada por María Marta García Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CLIQUEMUSIC. *Plebe Rude*. Disponível em: <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/ver/plebe-rude>>. Acesso em: 09 nov. 2010.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1990.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, PUCRS, v. 44, nº. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

FREITAS, Ernani Cesar de. Descrição argumentativa e descrição polifônica no discurso do leitor. *Desenredo*, Revista do PPGL da UPF, Passo Fundo, v. 5, nº. 2, p. 252-270, jul./dez. 2009.

GRAEFF, Telisa Furlanetto. Produção do humor: um descompasso na constituição do bloco semântico. *Desenredo*, Revista do PPGL da UPF, Passo Fundo, v. 3, nº. 2, p. 193-201, jul./dez. 2007.

LAST FM. *Cólera*. Disponível em: <<http://www.lastfm.com.br/music/C%C3%B3lera>>. Acesso em: 31 out. 2010.

MCNEIL, Legs; McCAIN, Gillian. *Mate-me por favor: uma história sem censura do Punk*. Porto Alegre: L & PM Editores, 2010. v.1, v.2.

MURO DO CLASSIC ROCK. *Camisa de Vênus – Biografia*. Disponível em: <<http://murodoclassicrock4.blogspot.com/2010/12/camisa-de-venus-discografia.html>>. Acesso em: 31 out. 2010.

NAPOLITANO, Marcos. *O regime militar brasileiro: 1964-1985*. 4. ed. São Paulo: Atual, 2009.

REPLICANTES, Os. *Site oficial*. Disponível em: <<http://www.osreplicantes.com.br/>>. Acesso em: 03 out. 2010.

SLAVIERO, Angelice Melânia Barancelli. *A argumentação em letras de músicas compostas e/ou cantadas pelo MST na perspectiva da teoria da polifonia e dos blocos semânticos*. 2008. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo-RS, 2008.

REFERÊNCIAS COMENTADAS

→ “O que é Punk”, de Antonio Bivar

A obra “O que é Punk”, escrita por Antonio Bivar em 1982, conta de forma detalhada e irreverente a história do Movimento *Punk* desde os seus primórdios. Além disso, discorre a respeito da chegada do *Punk* ao Brasil e a sua repercussão. E, em 2001, o autor atualizou o livro, comentando sobre o movimento atualmente, salientando as mudanças ocorridas quase 20 anos após a publicação da primeira versão do texto. Esse título, segundo o jornalista e crítico musical Fábio Massari, é o maior clássico sobre o *Punk* publicado em língua portuguesa e, assim que saiu, foi tratado como uma espécie de bíblia a respeito do assunto. E, como Bivar se envolveu com o movimento, sendo um entusiasta do mesmo, Massari afirma que o livro é uma espécie de relato apaixonado, onde o autor não deixa de se posicionar diante dos fatos.

- O paulista Antonio Bivar é dramaturgo e escritor, tendo bastante sucesso nas duas áreas.

→ “Mate-me Por Favor: Uma História Sem Censura do Punk”, de Legs McNeil e Gillian McCain

O livro “Mate-me Por Favor”, de McNeil e McCain, é, em verdade, uma coletânea de depoimentos. Os autores reuniram inúmeras entrevistas dos principais personagens do *punk* inglês e do norte-americano e as recortaram e organizaram tematicamente e cronologicamente, de modo a transformá-las em uma narrativa única, contada por um coro de vozes. Assim como a obra “O que é Punk”, o texto apresenta a história do Movimento *Punk* desde os seus primórdios, mas, nesse caso, sem mostrar o caso brasileiro, uma vez que é um título estrangeiro.

- Legs McNeil batizou o movimento de “*punk*” em 1975, quando deu esse nome a uma revista que estava criando em parceria com alguns amigos. A revista tratava sobre música e cultura *pop* dos anos 70. Além disso, foi editor da revista *Spin* e editor-chefe da revista *Nerve*.

- Gillian McCain coordenou a programação do *Poetry Project* na *St. Mark's Church*. Muitos precursores do *Punk*, como Patti Smith, iam a esse local para apresentar sua poesia. McCain é também poetisa.

→ “Botinada: a origem do punk no Brasil”, de Gastão Moreira

O documentário, dirigido por Gastão Moreira, faz um levantamento a respeito de toda a história do Movimento *Punk* no Brasil. Baseado em entrevistas com os envolvidos, documentos, matérias de jornais, matérias televisivas, entre outras fontes, Gastão realizou um filme engajado e necessário, que, além de ser um registro completo sobre a cena *punk* brasileira, valoriza e conserva uma parte marginalizada e esquecida da História.

- Gastão Moreira é advogado por formação, mas sua paixão pela música o levou a seguir as carreiras de jornalista musical e de apresentador de televisão (em programas relacionados ao assunto).

→ “O regime militar brasileiro: 1964-1985”, de Marcos Napolitano

Essa obra, escrita pelo Prof. Dr. Marcos Napolitano, faz um relato minucioso a respeito dos fatos que desencadearam o golpe militar de 1964, bem como sobre o próprio regime militar, durante toda a sua duração. É uma ótima referência para quem precisa realizar uma pesquisa sobre esse período histórico, pois, além de ser bastante objetiva, é bem estruturada e possui um texto de fácil assimilação.

- Marcos Napolitano é Doutor em História Social pela USP. Atualmente é docente-orientador no Programa de História Social da USP e professor visitante do Instituto de Altos Estudos da América Latina (IHEAL) da Universidade de Paris III e do Programa de História da UFPR. É assessor *ad-hoc* da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e do CNPq. Especialista no período do Brasil Republicano, com ênfase no regime militar e na área de

história da cultura, com ênfase nas relações entre música popular e política. Também possui experiência na área de história e cinema e no uso do audiovisual no ensino.

→ **“Uma Breve História do Brasil, de Mary del Priore e Renato Venancio**

“Uma Breve História do Brasil” sintetiza toda a história do Brasil de forma articulada e viva, encadeando e organizando os fatos históricos de maneira agradável e eficiente. Não se trata de uma obra que apenas apresenta a História com exatidão, mas que também se preocupa em agradar e prender o leitor que a está lendo.

- Mary del Priore é ex-professora de História da USP e da PUC/RJ; possui Pós-Doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris; escreveu aproximadamente 30 livros de História; é vencedora de vários prêmios literários nacionais e internacionais; é colaboradora de jornais e revistas e mantém uma coluna no jornal *O Estado de S. Paulo*; e, atualmente, leciona na Pós-Graduação de História da Universidade Salgado de Oliveira.

- Renato Venancio é doutor pela Universidade de Paris IV/Sorbonne; pesquisador do CNPq; professor do Departamento de Organização e Tratamento da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e já publicou vários livros e artigos relacionados à História.